



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO –FE

VANDEIR GONÇALVES DA SILVA

**ANÁLISE DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ESCOLA
PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL DE 2017 A 2023**

Brasília
2024

VANDEIR GONÇALVES DA SILVA

**ANÁLISE DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ESCOLA
PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL DE 2017 A 2023**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa de Políticas Públicas e Gestão da Educação (POGE), sob orientação do Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

Brasília

2024

SILVA, Vandeir Gonçalves. **Análise do fenômeno da violência escolar em escola pública do Distrito Federal de 2017 a 2023.** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses – Orientador
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE – FE/UnB)

Prof. Dr. Marcelo Pinheiro Cigales (ICS/UnB)

Prof.^a Dr.^a Aline Fagner de Carvalho e Costa (UFT- Campus Arraias)

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira (FE/UnB) - Suplente

ESCOLA É

Escola é ... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente

Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,

O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte

Como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”

Nada de conviver com as pessoas e depois,

Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico... Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.¹

¹ Segundo o Instituto Paulo Freire, “esse poema não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. [Ele] nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema”. Mais informações disponíveis em: <https://paulofreire.org/perguntas-frequentes>. Acesso em 14 set. 2024.

RESUMO

Na atualidade, em muitas escolas brasileiras, vive-se um cotidiano caracterizado por múltiplas manifestações de violência. Essa questão é constantemente tornada pública, seja pelos diversos meios de mídia, seja no próprio cotidiano dos estabelecimentos escolares. É público e notório que as escolas do Distrito Federal, mais especificamente, sofrem com esse fenômeno. A violência escolar pode ser subdividida em três formas ou modos de manifestação distintos; assim, a expressão violência em âmbito escolar, ou apenas violência escolar, caracteriza uma forma genérica, que engloba três diferentes formas: aquela que se produz no espaço escolar; aquela direcionada à instituição e àqueles que a representam; e a institucional, simbólica, da própria instituição escolar e de seus diversos agentes. Há um cenário com aumento considerável das diferentes manifestações de violência em âmbito escolar no Brasil, nos últimos anos, e, de modo mais especial, a partir do ano de 2016 até os dias de hoje (2024), período marcado de forma intensa no cenário político eleitoral brasileiro. Após o golpe (*impeachment*) sofrido pelo governo Dilma em 2016, cresceram os números de ataques à escola, incluindo ataques extremos, com aumento na incidência de violência na escola e também contra a escola, manifestada por meio dos mais diversos tipos e formas, abrangendo expressões que passam pela questão de raça e gênero. O presente trabalho buscou investigar, por meio de entrevistas abertas semiestruturadas com professores, professoras e equipe diretiva de uma escola pública e periférica do Distrito Federal, as manifestações de violência ocorridas na escola entre os anos de 2016 até 2024, em paralelo com ataques sofridos por outras escolas, publicados em veículos de mídia diversos, o que gerou ampla produção documental por setores da educação também analisada. Diferentes condições sociais e políticas no período estudado fomentaram um cenário particular de manifestações de violência em âmbito escolar, concluindo ser necessário, para a mitigação desse quadro, um projeto societário mais humano.

PALAVRAS-CHAVE: Escola pública. Violência escolar. Juventude.

ABSTRACT

Nowadays, in many Brazilian schools, there is a daily life characterized by multiple manifestations of violence. This issue is constantly made public, whether through various media outlets or in the daily lives of school establishments. It is public and well known that schools in the Federal District, more specifically, suffer from this phenomenon. School violence can be subdivided into three distinct forms or modes of manifestation. Thus, the expression violence in the school environment, or just school violence, characterizes a generic form, which encompasses three different forms: that which occurs in the school space; that directed to the institution and those who represent it; and the institutional, symbolic, of the school institution itself and its various agents. There is a scenario with a considerable increase in different manifestations of violence in schools in Brazil, in recent years, and, more especially, from the year 2016 to the present day (2024), a period marked intensely in the scenario of Brazilian electoral politician. After the impeachment suffered by the Dilma government, the number of attacks on schools increased, including extreme attacks, with an increase in the incidence of violence at school and against the school, manifested through the most diverse types and forms, covering expressions that include issues of race and gender. The present work sought to investigate, through open semi-structured interviews with teachers and management team of a public and peripheral school in the Federal District, the manifestations of violence that occurred at the school between the years 2016 to the present day, in parallel with attacks suffered by other schools, published in various media outlets, which generated extensive documentary production by education sectors also analyzed. Different social and political conditions in the period studied fostered a particular scenario of manifestations of violence in schools, concluding that a more humane societal project was necessary to mitigate this situation.

KEYWORDS: Public school. School violence. Youth.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a dona Ana Gonçalves Nogueira, minha mãe, que de forma própria e característica, sempre se esforçou a ofertar a mim condições logísticas e materiais para que eu pudesse desenvolver minhas potencialidades da melhor maneira possível. Ao capitão Manoel Messias da Silva, meu pai, que igualmente de forma própria e mesmo em sua ausência, esforçou-se para ser, de algum modo, presente, acompanhar e fomentar a felicidade e o sucesso pessoal de seu filho mais novo.

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação, Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação CONSCIÊNCIA, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), e ao programa de extensão Pós-Populares, sem os quais muito provavelmente eu não teria conseguido realizar o Mestrado em Educação.

Agradeço à UnB, brilhante e estimada instituição que tem sido vítima de ataques injustificáveis por um campo de extrema direita nos últimos tempos. Nela, fiz minha graduação, concluo com o presente texto o mestrado e almejo, em breve, retornar para o doutorado, sempre defendendo seu nome e toda a representatividade que a acompanha.

Agradeço a todos os professores e colegas de turma do programa de pós-graduação da FE/UnB que colaboraram em meu aprendizado e em minha caminhada na construção do conhecimento.

Agradeço aos convidados a fazer parte dessa banca a leitura e a avaliação atenta do trabalho exposto e os ensinamentos que certamente serão advindos.

Agradeço ao desafiador cotidiano de sala de aula e da rotina de escola pública e periférica, em que estou há duas décadas. Estendo esse agradecimento a todos colegas de profissão, alunos e ex-alunos que, em consonância com o pensamento freiriano, me ensinaram e ensinam a aprender, fazendo-me aprender ao ensinar.

Destaco agradecimento aos amigos de linha de pesquisa e vivência acadêmica, Professora Doutora Lenilda Damasceno Perpétuo, minha inserção inserido no programa Pós-Populares do Grupo CONSCIÊNCIA; Professora

Mestra Lara Andréia Sant'ana Cardoso, o primeiro abraço e a acolhida no programa e grupo supracitado; Professor Mestre Amaral Rodrigues Gomes, o “puxão de orelha”; e a minha colega de caminhada, Professora Mestre Maria Carreiro Chaves Pereira, a ajuda, a disponibilidade e o incentivo, cujas palavras foram primordiais: “entramos juntos (no Mestrado) e vamos sair juntos”. Cumpra-se suas palavras, Maria.

Ao meu orientador, Professor Doutor Erlando da Silva Rêses, a orientação e tantos outros ensinamentos, além do exemplo vivo de educação popular, do freirianismo e do marxismo, podendo certamente servir de inspiração a quem quer que se interesse por alguma dessas correntes ou por todas elas, em conjunto.

E, por último, mas certamente o mais importante para mim, agradeço aos meus filhos, o primogênito Vítor Pedro Evangelista da Silva, atualmente estudante universitário na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), à minha companheira, que acompanhou grande parte dos meus estudos e esforços de forma pessoal, Isabella Pietra Mendes da Silva, e ao caçula, Arthur Miguel Mendes da Silva. Desejo profundamente que a jornada concluída sirva de inspiração a todos, a fim de terem, em seu pai e esposo, a figura de alguém que se empenha em prol do bem maior, do bem comunitário, do bem extensivo a todos os seres humanos.

Desse modo, agradeço a todos, todas e todes que dividiram comigo essa caminhada, já que não existem conquistas que sejam totalmente individuais.

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 A PESQUISA	21
1.2 INTERPRETANDO UMA OBRA DE AURORA REYES	24
1.3 JUSTIFICATIVA	27
2 OBJETIVO GERAL	32
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
3 VIOLÊNCIA ESCOLAR	33
4 METODOLOGIA	38
5 REGIÃO ADMINISTRATIVA DO ITAPOÃ (DF)	41
5.1 O CEF ZILDA: BREVE HISTÓRICO	43
6 CASOS DE VIOLÊNCIA PELO BRASIL	46
6.1 CASOS DE VIOLÊNCIA NO DISTRITO FEDERAL	51
7 ANTIFREIRIANISMO	55
8 MACHISMO, SEXISMO E QUESTÃO DE GÊNERO	62
9 VIOLÊNCIA RACIAL	66
10 ARMAS DE FOGO E DISSEMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA	70
11 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS E APOLOGIA AO NAZISMO	72
12 ENTREVISTAS	77
12.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	78
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
14 REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	106

MEMORIAL

Sou filho de um militar do exército nacional brasileiro e de uma secretária católica da antiga Companhia Energética de Brasília (CEB). Cursei os anos iniciais do Ensino Fundamental em Brasília, em um colégio religioso, o Sagrada Família, localizado na Asa Norte, e os anos finais, no Colégio Militar de Brasília (CMB), onde, por mais contraditório que possa parecer, ao mesmo tempo em que imaginava o início de minha carreira militar, dando continuidade a profissão de meu pai, descobri que definitivamente a caserna e a vida militar não eram de forma alguma algo para mim. A lógica militarista, autoritária, expressa por exemplo em frase bem característica desse meio, como “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, desconsiderando qualquer possibilidade de diálogo ou entendimento com o próximo, fere minha alma.

Ressalto ainda que a vivência no CMB ocorreu em um período em que só estudavam estudantes do sexo masculino. Passei vários anos de minha vida, no final da infância e início da adolescência, sem compartilhar espaços e tempos com o sexo feminino. Hoje, percebo como esse fato é e pode ser prejudicial do ponto de vista pedagógico, social e principalmente, de formação humana.

Desse modo, não conseguindo mais esconder em meu comportamento minha inadmissibilidade com o meio militar, e tendo eu sido convidado a me retirar desse estabelecimento de ensino (um eufemismo para “expulso”), pouco tempo depois de findo o Ensino Fundamental, cursei a próxima etapa acadêmica no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB), tradicional escola de Brasília. Lá iniciei um período fantástico na minha vida acadêmica e pessoal. Fiz novas relações sociais que formaram nova consciência. Aos poucos, percebi a diversidade social, relacional, cultural e humana. Se me foi negado anteriormente, agora convivia e dividia tempos e espaços com pessoas de outro gênero. Havia meninas na sala de aula, no recreio, na estrada e na saída da escola, o que era maravilhoso! Havia meninas na escola.

Se, até então, basicamente todos outros estudantes ao meu redor eram advindos de famílias católicas, agora convivia com pessoas de diversas outras religiões: candomblé, umbanda, budismo, kardecismo, enfim, de outras matrizes religiosas. E, novamente, havia meninas na escola.

Se, até então, meus colegas de classe eram, em sua maioria, brancos, ou tentavam de várias maneiras criar algum sortilégio para diminuir, negar, ou esconder sua ascendência não branca, no CEMEB existiam pretos e pretas orgulhosos e orgulhosas em se posicionar de tal forma e assumir sua identidade e vivência, por meio de seus cabelos, suas roupas e suas preferências musicais.

Se antes a diversidade e a pluralidade social e humana sempre me foram escondidas, elas se revelaram, a partir do Ensino Médio, pra mim. Mostravam-se em uma enormidade de formatos e experiências. Mais que tudo que se possa aprender em uma escola, no CEMEB aprendi que era eu negro, que existia diversidade humana e que o convívio e a divisão de tempos e espaços com essa diversidade me faziam “mais gente”. Isso não tem fim. Até hoje, continuo caminhando nessa estrada, observando o concreto ao meu redor, lutando pelo social e construindo minha consciência política e, principalmente, humana. Nesse período, havia meninas na escola.

Findo esse período, consigo adentrar as portas da UnB, cursando licenciatura plena em Educação Física, curso que, além de me dar uma formação profissional, deu continuidade àquela experiência por mim vivida no Ensino Médio. Um viva e um salve à diversidade na e da escola pública. Um viva e um salve à diversidade ainda mais ampla da UnB.

Entretanto, registro uma possível lacuna que me foi gerada nesse período. Apesar de formado na UnB, em uma licenciatura plena, não tive o processo de compreensão sobre o legado do maior educador brasileiro, patrono da educação em nosso país, Paulo Freire. De toda a obra freiriana, de suas rodas de cultura, de sua educação popular ou mesmo do ocorrido em Angicos eu apenas “ouvi falar” na época da graduação. Para conhecê-lo um pouco melhor e ter início na apreensão de seu vasto legado, foi preciso sair do país natal, meu e dele.

Em um processo de busca por conhecimento, durante certo período, cursei as disciplinas de pós-graduação *stricto sensu* em uma instituição de Ensino Superior argentina, na província de Buenos Aires, em uma pitoresca cidade chamada Tandil. Lá, na Universidad Nacional Del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNICEN), conheci melhor meu caro conterrâneo, Freire; pude ter acesso e analisar sua maior obra, a “Pedagogia do Oprimido”, sendo amplamente difundida e vendida até mesmo em bancas de jornal.

Na escola, como professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), toda essa vivência pregressa se somaria a viver e conhecer diferentes regiões periféricas até então desconhecidas. Educando, percebo que posso também me educar, por me aproximar das pessoas, por ouvi-las mais atentamente. Meus alunos em Paranoá, São Sebastião, Fercal e Itapoã me ensinaram e ensinam até hoje muito sobre sua cultura: cultura de rua, negra, periférica, aumentando cada vez mais meu processo de entendimento de que a escola é para todos, que a educação popular é um Direito.

Minhas inquietações e curiosidade acadêmicas e profissionais me acompanham desde o primeiro dia em que me apresentei em uma escola pública para trabalhar. Na primeira experiência em sala de aula, na periferia, percebi que meus supostos conhecimentos adquiridos na graduação e entendimentos da vida em sociedade não me apresentavam, de fato, sustentação que pudesse, de mínima forma que fosse, explicar aquela vivência, explicar os comportamentos, falas e ações de alunos da comunidade onde agora estava me inserindo, e, principalmente acredito, de meus pares professores.

Naquela época, quando tomei posse em cargo público, o Itapoã, onde atuo profissionalmente na atualidade, não tinha uma estrutura social mínima. Verdade é que, embora tenha havido algum avanço de lá pra cá, ele não ocorreu de forma compatível com a população da localidade. Meu incômodo e minha inquietação aumentaram diante desse quadro.

Estou na escola pública, agora como servidor de carreira, desde janeiro 2004. Já se vão, portanto, quase duas décadas em defesa da Educação, em diversas modalidades: como professor, gestor, coordenador, educador, educando e, agora, pesquisador. Citando de modo literal meu orientador, Professor Erlando Rêses que diz para olhar as coisas com olhos de pesquisador, percebo e acredito, de modo concreto, podendo até mesmo fazer referência de cunho autobiográfico, que a escola é espaço de busca pela emancipação na perspectiva de uma educação popular, contra-hegemônica e humanística.

Posso afirmar e dar testemunho. Foi na escola pública que me encontrei. E, ao dar aula, ao estar na escola na condição de trabalhador da educação, me descobri professor.

Nessa caminhada, conheci o Programa de Extensão Pós-Populares em 2018, progredindo em meus estudos pessoais, pois tive acesso a espaços de

conhecimento e aprendizagem. Por meio dele, ingressei no Grupo CONSCIÊNCIA (FE/UnB), acreditando que a teoria aliada à prática me fortalece para a luta do espaço democrático e dos potenciais educativos, a fim de ser um dos autores no diálogo Universidade e Escola.

Sem o Programa Pós-Populares, certamente eu aqui não estaria. Portanto, aproveito para expressar minha gratidão ao programa, a seu idealizador (e hoje meu orientador), Professor Erlando Rêses, e a todos, todas e todes que colaboraram nessa jornada.

Penso que tenho ainda muito a aprender! Gratidão a todos, todas e todes que até aqui me ajudaram.

Professor Vandeir Gonçalves da Silva

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um objeto de pesquisa está mediada por muitas questões. Entre elas, nosso tempo histórico, a vida cotidiana, as condições de classe e nossa própria história, além das perguntas que fazemos à medida que vivenciamos determinadas situações como seres sociais. É preciso pensar como chegamos ao que vivemos hoje e, na atualidade, em muitas de nossas escolas, é vivido um cotidiano caracterizado por múltiplas manifestações de violência.

Aparentemente, vive-se o problema, mas não se dá tempo *in loco*, para pensá-lo em sua complexidade de modo dialético, a partir do avanço das questões que permeiam o fenômeno e suas possíveis rotas investigativas.

Temos a pretensão de provocar reflexão coletiva sobre vivências em ambiente escolar, sua aparente tendência ao caminho do individualismo e isolamento que leva ao enfrentamento de dilema na dimensão da humanidade de educadores, educadoras, educandas e educandos brasileiros, a partir de possíveis efeitos e reflexos de nosso tempo presente, traumatizado pelo momento político extremado que vivenciamos na experiência da ofensiva violenta da extrema direita neoliberal, em especial após o golpe (*impeachment*) da Presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016, culminando no período da gestão de Jair Bolsonaro (PL) como chefe do Executivo Federal (2019-2022).

Conceituamos extrema direita, tal qual se encontra no relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022):

[...] a extrema-direita fundamenta-se em perspectivas políticas que incluem a defesa de um pensamento deturpado de “lei e ordem”, da justificação do abuso da força policial como solução estrutural para “o problema de violência”, do antiparlamentarismo, do antipluralismo, do anticomunismo, da perseguição ao pensamento de esquerda, do racismo, da misoginia e da xenofobia. (p. 4)

A questão da violência escolar é constantemente tornada pública, seja pelos diversos meios de mídia, seja no próprio cotidiano dos estabelecimentos escolares, como nos atesta Charlot (2002), o qual, embora escreva de forma específica em contexto Europeu, é público e notório que nossas escolas no Brasil

e no Distrito Federal também passam por fenômeno semelhante. Segundo o “Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023), “a percepção de violência por professores e diretores atingiu níveis alarmantes” (p. 354), e “a escola no Brasil tem se destacado pelos altos percentuais de violência simbólica e psicológica” (p. 355), com o Distrito Federal ganhando destaque nos relatos desse tipo de ocorrência, os quais, segundo o documento, agravam os riscos de ataques violentos às escolas e se correlacionam com conteúdos disseminados em redes sociais.

De forma pessoal, como professor da Educação Básica da SEEDF desde 2004, presenciei, fui vítima, testemunha e, certamente, também autor de tipos distintos de formas de violência em diferentes escolas pelas quais passei. Desde o ingresso na Rede Pública de ensino, atuamos sempre em áreas da periferia do Distrito Federal, que, diferentemente das outras unidades da federação (UF), é dividido em Regiões Administrativas (RA) de acordo com o Art. 9º da Lei n. 4.545 (BRASIL, 1964), sancionada durante o governo Castelo Branco, primeiro presidente do período da ditadura empresarial-militar no Brasil.

Atuamos como professor nas RA do Paranoá, São Sebastião e Itapoã; como gestor educacional na direção de escola, no Paranoá; como supervisor pedagógico, em Sobradinho; e como coordenador escolar, no Itapoã, RA na qual se situa a escola onde foi realizado o estudo de campo. O Itapoã é uma RA que teve início como uma invasão irregular, ocupando uma área pertencente a RA de Sobradinho, porém mais próxima da RA do Paranoá. A invasão cresceu, trazendo migrantes de várias partes do Brasil, até se tornar uma RA (XXVIII) criada pelo Governo do Distrito Federal em 2005 (DISTRITO FEDERAL, 2020)².

Dessa forma, é notório como conflitos escolares e desentendimentos relacionais perpassam o cotidiano escolar em suas mais distintas possibilidades de envolvimento, sejam entre estudante e estudante, entre professores e estudantes, entre professores e professores, apenas para citar alguns possíveis exemplos.

As manifestações de violência presenciadas por nós inúmeras vezes, que podem ser facilmente citadas por professores, professoras, alunos, alunas,

² Mais informações disponíveis em: <https://itapoa.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em 9 set. 2024.

trabalhadores da educação e demais membros de uma comunidade escolar, são diversas e passam por conceituação e agrupamentos diferentes. Nossos meios de comunicação, incluindo a Internet, podem também dar testemunho de forma ampla sobre acontecimentos do fenômeno estudado.

Apesar dessa questão não ser nova, Charlot (2002) faz referência que nos remete ao século XIX (ao tratar o tema), observada em diferentes esferas de nível educacional: desde a Educação Infantil, passando por toda a Educação Básica e chegando à Educação Superior. Crê-se que houve mudança qualitativa considerável das diferentes manifestações de violência notadas em âmbito escolar nos últimos anos e, de modo mais especial, a partir do ano de 2016 até os dias de hoje.

O ano de 2016 marca a queda da presidente Dilma Rousseff (PT) e chegada de Michel Temer (MDB) à presidência da República; pouco tempo depois, a eleição de Jair Bolsonaro (PL) ao cargo de presidente no final de 2018, com duração durado até 2022, quando o candidato Luís Inácio Lula da Silva (PT) ganhou o pleito eleitoral daquele ano.

A partir do golpe (*impeachment*) contra a ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016, houve um fortalecimento da extrema direita no país, o que permitiu a instalação de uma concepção de que a violência é um caminho viável e produtivo, principalmente após a chegada de Bolsonaro ao poder, que institucionalizou, a partir de então, uma forma de “fazer política” baseada nas chamadas *fake news*, em informações deturpadas e em conteúdo de apologia ao ódio, à violência e à intolerância (MENDES; MILITÃO; SIMÕES, 2021).

É notória a expansão das comunidades misóginas, racistas, armamentistas, neonazistas, extremistas de direita de modo geral na Internet (*Deep Web* e redes sociais), o que nos remete a um possível, e necessário, debate do regulamento das redes e ao inevitável questionamento sobre como as escolas podem acolher estudantes participantes desse fenômeno, uma vez que os professores não têm preparação para entenderem e agirem; ademais, as escolas são, sem dúvida, fundamentais no processo de se evitar esse quadro, entendendo-as como espaço de convivência e debate sobre temas, como racismo, misoginia e outros tipos de violência e da expressão da masculinidade/virilidade, de forma não violenta.

Levanta-se ainda sobre esse debate os diferentes caminhos pelos quais as pessoas se tornam homens ou mulheres em nossa sociedade (capitalista), em que a masculinidade é encarada de forma binária, fundada no patriarcalismo, tornando a violência uma expressão de virilidade masculina (principalmente, mas não somente). A possibilidade que esse homem, formado, aja de forma violenta parece ser muito grande.

Adolescência é, via de regra, uma fase de identificação, reconhecimento, convívio com o outro (social), em que ocorre identificação com grupo, o que torna as pessoas nessa época da vida alvos fáceis e vulneráveis. Nesse sentido, essa identificação pode ocorrer com grupos extremistas, nos espaços de não regulamentação da Internet, servindo de modo de expressão para os adolescentes.

Há que se perguntar a quem a tecnologia vai servir. Interações e experiências têm ocorrido amplamente em meios digitais, havendo construção de sentidos e identidades. As identidades das pessoas jovens e suas visões de mundo estão cada vez mais moldadas por meio de textos e interações digitais, em que é extremamente comum a observação de postagens ou conteúdos com teor machista, racista, misógino, entre outras formas de propagação e disseminação de violência e de discurso de ódio. Não é incomum observar, seja de forma empírica, por meio de relatos de diferentes membros de comunidades escolares diversas (pais, mães, professores, professoras, alunos, alunas) ou mesmo acompanhando notícias disseminadas em diversos veículos de mídia (como será apontado nesse estudo), a defesa ou a apologia desses sujeitos ao nazismo, com ataques a nordestinos e seus descendentes (maioria absoluta entre membros da região administrativa de Itapoã), defesa da ditadura empresarial-militar, expressa por exemplo no compartilhamento de pensamentos como “foram os melhores anos; pode perguntar pra quem quiser”, ou “naquele tempo é que era bom”, manifestações de violência que, em virtude dos últimos anos vivenciados no Brasil em seu espectro político, são geradas a partir de fundamentação em um ou outro possível campo desse espectro, utilizando o cenário político ideológico como meio para o fomento de práticas violentas.

De acordo com a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, (2022), essas ações são classificadas como: “tendências de ascensão da negação do holocausto, dos diferentes tipos de genocídios ocorridos na História e do

revisão histórico baseado da deturpação de fatos e fenômenos históricos” (p. 6). Ainda:

Nessa conjuntura, importante salientar os prejuízos causados pela redução gradativa da presença dos componentes curriculares de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia) no Ensino Médio, sendo substituídos pelos Percursos Formativos (ou Trilhas de Aprendizagem) que são insuficientes para avançar na construção de ideias de justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos e combate aos preconceitos de qualquer natureza. (p. 6)

Presencia-se, assim, até mesmo em discursos de ódio presentes nos atos golpistas de oito de janeiro de 2023, elementos também presentes em espaços escolares, como indicam diversas reportagens amplamente veiculadas pela mídia e apresentadas nesta pesquisa³. A não satisfação com o resultado do último pleito eleitoral para presidente do país levou alunos e alunas nessa condição a divulgarem mensagens racistas e de apologia ao racismo em suas redes sociais.

Essas manifestações, por sua vez, encontram associação a todo tipo de preconceito, e, por vezes, com simbologias em alusão ao nazismo e ao fascismo, ou à personificação do candidato derrotado, líder e símbolo da extrema direita no país, retratado por vezes como o personagem de revistas em quadrinhos Capitão América, embora com as cores da bandeira do Brasil. Em uma escola da cidade de Valinhos, interior de São Paulo por exemplo, foi criado um grupo de Whatsapp intitulado “Neonazistas do Porto”⁴.

Aparentemente, houve uma proliferação de ataques em escolas durante os primeiros meses do governo Lula, fenômeno que possivelmente encontra ligação entre esses ataques e aquele realizado contra a nação no dia 8 de janeiro de 2023, advindos de emulações de intolerância, ódio e, por muitas vezes, de

³ Todas as notícias e reportagens usadas como análise nesta dissertação estão indicadas em nota de rodapé.

⁴ Disponível em: <https://midianinja.org/news/alunos-de-colegio-particular-de-valinhos-sao-investigados-por-racismo-e-apologia-ao-nazismo/>. Acesso em 16 nov. 2023.

ideais neonazistas, como foi associado por operações policiais para coibir e/ ou investigar tais fenômenos e ocorrências⁵.

Em entrevista ao Jornal da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (AdUFRJ), a professora da Universidade de Campinas (Unicamp) Telma Vinha (2023) atribui a crescente onda de violência à intensificação do discurso de extrema direita.

Esse discurso social está encorajando de uma maneira direta ou indireta os atos agressivos de violência extrema. É como se estivesse sendo autorizado o uso da violência para resolução dos conflitos”. Ainda: “podemos destacar que, nos últimos anos, houve um aumento da cultura de violência, uma ruptura do pacto civilizatório. Esse discurso social está encorajando de uma maneira direta ou indireta os atos agressivos de violência extrema. É como se estivesse sendo autorizado o uso da violência para resolução dos conflitos.

Segundo a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, (2022), desde o início dos anos 2000 ocorreram 16 ataques, dos quais 4 aconteceram no segundo semestre de 2022. “Ao todo, 35 pessoas perderam suas vidas e 72 sofreram ferimentos” (p. 2) e “Registraram-se sete ataques ocorridos somente em 2023” (p. 354). Na maioria desses ataques, foram utilizadas armas de fogo, cometidos predominantemente por homens brancos, misóginos, com gosto pela violência e apreciadores de armas.

A sociedade brasileira constitui-se violenta pelo processo de genocídio dos povos originários, pela colonização, pelo imperialismo, pela escravidão, pelos diversos golpes militares e pela ditadura empresarial militar de 1964, que durou 21 anos. Depois de décadas, chegou-se a um passado mais recente, convencionado a se chamar “bolsonarismo”, com constante estímulo à cultura de ódio, à misoginia, ao racismo, à ampliação do acesso a armas de fogo... apesar de ter sido tirado da chefia do poder executivo no país, todo o seu contexto ainda se espalha pela sociedade. Segundo Gonçalves e Sposito (2002), “a herança do regime autoritário se faz presente até os dias de hoje” (p. 2).

É necessário frisar o termo ditadura empresarial-militar para indicar o apoio e o financiamento ocorridos por empresas privadas, tais como a maior

⁵ Conforme entrevista com o atual Ministro da Justiça, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUaQ7JwmNVA>. Acesso em 16 nov 2023.

empresa que controla grande parte da mídia hegemônica, seja televisiva, impressa ou digital no Brasil, entre outras (montadoras automobilísticas, conglomerados televisivos midiáticos, empreiteiras etc.), que controlavam o Governo, o qual, por sua vez oprimia de forma violenta o povo, justificando o termo.

Todos esses períodos relatados são constitutivos de um processo de sociabilidade e desenvolvimento civilizatório no Brasil e são repletos de violência.

“Eu sou favorável a tortura [...] e o povo é favorável também [...] fazendo um trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil [...], se vai morrer alguns inocentes, tudo bem” são falas do ex-presidente da República Jair Bolsonaro em maio de 1999, momento em que exercia o cargo eleito de deputado federal, em entrevista concedida a um programa televisivo⁶, defendendo o regime mais sombrio de nossa história, celebrando a ditadura e estimulando a violência.

Diante do observado, os movimentos apontados não parecem ser isolados, mas sim movimentos que se retroalimentam ou autoalimentam, com focos espalhados por todo o país, o que os torna uma espécie de gatilho para o próximo ataque, com drama dificilmente detectável, uma vez que essas estão muitas vezes em grupos de comunicação fechados e na *Deep Web*.

Novos meios tecnológicos característicos do século XXI como os citados afastam-nos ainda mais do convívio coletivo, diminuindo nossa condição humana e aumentando o individualismo que se alia à violenta condição material a que alguns são submetidos: alguns têm muito, e muitos têm pouco. As diferentes condições de acesso ao mundo do trabalho e do conhecimento são violentas e fomentadoras de violência.

A presente dissertação ganha motivação extra a partir das experiências docentes de seu autor, vivenciadas desde o mês de janeiro de 2004, que se somam a tantas outras experiências docentes e não docentes vivenciadas e observadas de forma mais recente nos últimos 7 ou 8 anos. Nesse último período, no testemunho do pesquisador, são evidentes situações diversas de violência com base em raça, em gênero, entre outras fomentações de discurso

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=21lQ84pnuwo>. Acesso em 7 fev. 2024.

de ódio, que mudaram seu olhar para o que meu orientador classifica, dizendo à mim de modo pessoal como “olhar de pesquisador”, em que reflexões críticas não de proporcionar uma maior conscientização da realidade.

Há a impressão de que, por vezes, a escola cala a pluralidade de ideias, de humanidades, de saberes das famílias e dos alunos e alunas, e se torna falha por não instrumentalizar seus estudantes na compreensão da pluralidade humana. Sem multiplicidades diversas e sem diálogo aberto, franco, democrático, abre-se espaço para manifestações de violência. Dessa forma, concordamos que “a intensificação da violência nas instituições de ensino hoje tem se tornado cada vez mais preocupante, além de dar significado negativo ao lugar da escola, uma instituição que deveria ter como função social a ação de ensinar e formar cidadãos” (SANTOS, 2020, p. 20).

1.1 A PESQUISA

Para pesquisar estas possibilidades, investigamos fatos ligados ao fenômeno da violência escolar, passando por análise desse quadro no Brasil, no Distrito Federal e em uma escola pública nele localizada, nos anos de: 2017, após o golpe (*impeachment*), em 2016, da presidente Dilma Rousseff (PT); 2018, ano da campanha eleitoral do candidato Jair Bolsonaro (PL), que representa e externa a intencionalidade de todo um largo campo de extrema direita; além do período compreendido entre 2019 e 2022, anos do mandato do antigo candidato, alçado juntamente com sua representatividade (extrema) direitista, ao cargo de chefe do executivo Federal, com resquícios que adentram o ano de 2023.

A luz dos eventos, fenômenos, elementos e categorias expostos até agora, levando em consideração o recorte temporal proposto, momento de ascensão de uma extrema direita (que nunca esteve de fato fora do cenário político, mas que encontra um cenário propício para sua maior exposição), cabe analisar suas possíveis repercussões nas manifestações múltiplas de violência em âmbito escolar. Escolhemos como local para estudo de campo o Centro de Ensino Fundamental Doutora Zilda Arns (CEF Zilda), localizada na Região Administrativa (RA) de Itapoã, no Distrito Federal (DF), na periferia da Zona

Leste do DF, considerada popularmente como uma região violenta com índice socioeconômico baixo.

Apesar de ser normalmente murada, a escola não está separada da sociedade: o que acontece na sociedade, acontece na escola, assim como que acontece na escola, também acontece na sociedade. Desse modo, a escola torna-se um retrato da sociedade, ao mesmo tempo em que a sociedade, um retrato daquilo que se vivencia e se aprende na escola.

Contrapõe-se à característica da escola (sua abertura ao diálogo e ao convívio dos diferentes por meio do uso da palavra e do conhecimento) a ascensão do “bolsonarismo”, movimento catalisador das aspirações da extrema direita, em que tipos característicos de violência e de ataque à escola surgiram ou pelo menos ganharam força e destaque em nível nacional. O Movimento Escola sem Partido, a falsa ideia da chamada ideologia de gênero, a criminalização da prática docente, a intolerância de ideias e discursos, o anti-intelectualismo, entre outras formas de materialização desse ideal reacionário e retrógrado, naturaliza, incita e autoriza (em tese) a violência à escola e, por esse meio, faz acréscimo ao possível surgimento de violência **na escola** e mesmo **da escola**.

A questão da violência na escola é amplamente citada em diferentes formatos de mídia e não é raro que seja tema facilmente notado nos próprios estabelecimentos escolares, em especial, mas não somente, em bairros periféricos (no caso específico do DF, RA) considerados mais violentos. Assim, também analisamos diversas e diferentes notícias veiculadas em meios de comunicação disponíveis na Internet.

Como mencionado, violência escolar não é exatamente uma novidade: Charlot (2002) nos chama atenção ao dizer: “a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim, são novas” (p. 432). Além de novas formas de violência, cometidas também por pessoas cada vez mais jovens, possivelmente estas têm surgido em formatos muito mais graves. De modo geral, a violência escolar parece aumentar. Segundo o autor, é “como se a violência estivesse convertendo-se em um fenômeno estrutural e não mais acidental” (CHARLOT, 2002, p. 434).

A escola é um espaço aberto (e acreditamos que realmente assim deva ser), característica que a expõe às agressões vindas de fora. Intrusões externas

que parecem aumentar constantemente, incidindo na acumulação de repetidos, mesmo que mínimos, atos de violência aos professores e pessoal administrativo da escola, ou insultos que lhe são proferidos, cuja acumulação produz um estado de sobressalto, de ameaça permanente, são ações conceituadas por Charlot (2002) como “angústia social”, fazendo com que todos os atores da comunidade escolar, segundo Abramovay (2002), se sintam vítimas em potencial. Logo, o clima escolar é influenciado por si próprio, em uma espécie de retro ou autoalimentação, sujeito a sequelas, mudanças e rupturas a partir do comportamento de todos os sujeitos partícipes. Todo o quadro exposto também acontece em escolas que aparentemente escapariam dele, como aquelas situadas no centro e em bairros com índices socioeconômicos mais elevados, não sendo exclusividade das escolas situadas nas periferias.

A sociedade tem suas fontes próprias de tensão que talvez, de modo invariável, se ligam a aspectos socioeconômicos. O desemprego, por exemplo, é certamente um importante fator de tensão social que, por consequência, se torna um fator de geração de violência. As características sociais e de infraestrutura da localidade, em que os componentes da comunidade escolar, em especial alunos e alunas, pais e mães desses alunos e alunas (responsáveis) moram se somam a esse quadro.

Portanto, temos a junção de um fundo de tensão escolar, que se une à toda uma tensão social e, também na atualidade, à toda uma tensão política. Nesse somatório, há produção de incidentes violentos que atingem a escola.

Entende-se, neste trabalho, a violência no espaço escolar como sintoma de um problema social, em uma abordagem ampla do fenômeno, com olhos para a violência **na escola, da escola e contra a escola**, observando uma aparente onda de aumento no número de casos que tem ocorrido nas escolas nos últimos tempos.

No dia 20 de abril de 2023, foi realizado na sala *papyrus* da FE/UnB um evento intitulado “Violência escolar, ameaças e ataques às escolas – uma visão multidisciplinar”⁷, organizado pelo Grupo CONSCIÊNCIA, em virtude de sucessivos casos de ataques e ameaças de ataques a escolas do DF ocorridos

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0jSXA7y-mxo&t=4s>. Acesso em 16 nov. 2023.

na época⁸. Tendo uma abordagem multidisciplinar, o evento contou com a participação do professor Erlando da Silva Rêses (FE/UnB) com o ponto de vista da educação, da professora Paula Gonçalves Alves (CUA/UFMT), representando o campo do Direito, do professor Pedro Henrique Costa (IP/UnB), com abordagem a partir do campo da psicologia, e do professor Thiago Sebastião (CET/UnB), abordando a partir do campo do Turismo. Estivemos presentes no evento como espectador e pesquisador.

A violência apresentada na escola não se restringe a escola. Entes internos ou externos a esta levam para seu interior ou manifestam em seu meio interno algo antes generalizado na sociedade; tudo que se manifesta fora da escola pode acontecer na escola, visto ser uma instituição amplamente presente em várias instâncias e lugares da sociedade. Violência é, portanto, um sintoma de um modelo de sociabilidade (modelo capitalista) vigente, que se vale também de um modelo educacional, caracterizado como modelo de educação burguesa. Nos escritos freirianos, em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005), por exemplo, seria a manifestação da educação bancária, um modelo advindo da lógica liberal/neoliberal, em que a individualidade e a educação para a competição estão no cerne de sua compreensão e seu sentido. A violência é portanto, um projeto do Capital.

Teremos, pois, como objetivo estudar o fenômeno da violência escolar por diferentes enfoques, em um recorte temporal, a fim de compreendermos, de forma profunda, as múltiplas determinações que o envolvem e que são também por ele envolvidas, em suas relações sociais, históricas, políticas e econômicas, provenientes do modo de organização da sociedade em sua atualidade, para poder contribuir no entendimento amplo de suas manifestações e dinâmicas.

1.2 INTERPRETANDO UMA OBRA DE AURORA REYES

Realizando uma breve análise da obra de arte (Figura 1) de autoria da pintora, poeta e professora mexicana Aurora Reyes (1908-1985), intitulada

⁸ Esse fato reforça o tema como atual, oportuno e de necessário debate e conhecimento na contemporaneidade.

“Atentado as professoras rurais” (tradução nossa), encontramos diversas categorias e elementos que perpassarão esta dissertação.

É provável que sua autora tivesse a intencionalidade do uso da atribuição da força da arte, em especial expressa em um mural de uma escola, com iconografia em forma de denúncia de um contexto latino-americano (México) de meados da década de 30 do século passado, além de um apelo didático, dialogando com quem a vê.

Figura 1 – Atentado a las maestras rurales (Aurora Reys, Ciudad de México, 1936)



Fonte: [Urbán \(2010a\)](#).

Observa-se uma cena de um ato múltiplo de brutal violência que parece ter se iniciado em uma escola ou sala de aula, caracterizando, como detalharemos melhor adiante, a violência na escola. No centro da obra, uma mulher é arrastada pelos cabelos para o lado de fora por um homem, ao mesmo tempo em que sofre um golpe da coronha de uma arma de fogo em sua boca.

De forma bem explícita, temos a violência de gênero, uma vez que uma mulher, sabidamente o gênero que mais constitui o corpo do magistério, é quem sofre a violência física, mas vai mais além, pois também é moral, visto que está sendo arrastada pelos cabelos, e também psicológica, pois a desmoraliza e a desumaniza, sendo o autor do sexo masculino. O golpe em sua boca, e não em outra parte do corpo, além de explicitar um culto as armas de fogo, tem a intenção de calar sua voz, calar sua intelectualidade, calar seu conteúdo, calar a própria educação. Configura, portanto, também a violência à escola.

Um segundo homem amassa folhas, talvez de um livro ou de um caderno, contendo o conteúdo a ser lecionado, trazendo a violência contra o que possa ser representado por um livro, caderno ou conteúdo. Esse mesmo homem usa coturnos, calçados militares, o que pode nos remeter a violências em que forças de segurança tiveram responsabilidade e protagonismo em nosso continente desse muito tempo, quem sabe até os dias de hoje. Nenhum dos dois agressores tem seu rosto revelado. Toda essa violência é realizada por pessoas sem rosto, sem identidade explicitada. Na atualidade, pessoas escondem-se atrás de teclados, mantendo-se anônimas, para propagar e disseminar discursos de ódio.

Nota-se, por fim crianças de ambos os gêneros assistindo a cena assustadas. Uma das crianças nem consegue olhar a cena: parece estar chorando. Sem esquecer, nesse registro final, a luta do magistério contra mandos e desmandos do capitalismo, luta igualmente da classe trabalhadora e do povo camponês (conforme o título da obra).

Aurora Reyes foi ativista social, dirigente sindical, artista autodidata (segundo sua própria definição), comunista, professora, mãe de dois filhos e a primeira mulher muralista em seu país (URBÁN, 2010b). Conforme expresso na obra, o fenômeno violência é múltiplo, apresenta diversos formatos e tem diferentes formas de manifestação. Entretanto, ao nos referirmos à violência escolar, tratamos mais especificamente de um fenômeno subdividido em três formas ou modos de manifestação distintos. Assim, ao usarmos a expressão violência em âmbito escolar, ou apenas violência escolar, tratamos de uma forma genérica que engloba três diferentes formas.

Utilizaremos, de forma mais específica, os conceitos de violência na escola como aquela que se produz dentro do espaço escolar; violência à escola ou contra a escola, aquela que sofre a instituição e aqueles que a representam; e violência da escola, violência institucional, simbólica, da própria instituição escolar e seus diversos agentes, que os próprios jovens, mas não só eles, suportam por meio da maneira como a instituição e seus agentes os tratam. Segundo Charlot (2002), “os jovens são os principais autores (mas não os únicos) das violências escolares, eles são também as principais vítimas dessa violência” (p. 435). Ademais, sem esquecer que via de regra, trata-se de “jovens fragilizados de um ou outro ponto de vista, ou de vários pontos de vista acumulados” (p. 435), acrescenta o autor.

Assim, parte de nossa intencionalidade, como talvez tenha sido da autora da obra que nos ajuda em nosso referencial, é a denúncia e o levante de possível debate sobre um quadro que constatamos por vivências e visualizações (também pessoais), trazidas pelos participantes de nossas entrevistas e que servem como estudo de campo, além do uso e do debate de diferentes categorias levantadas de violência **na escola e contra a escola**: de gênero (aliada invariavelmente a raça), do anti-intelectualismo e do culto as armas, usando, além da saída de campo, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a análise de algumas notícias veiculadas por diferentes mídias.

1.3 JUSTIFICATIVA

Meu pressuposto é que o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva. (ARENDR, 2016, p. 41)

É possível constatar em diversos portais de notícias, conforme apresentamos neste trabalho, que, após o golpe que afastou Dilma Rousseff da presidência da República, e mais especificamente durante a gestão de Jair Bolsonaro, alçado ao mais alto cargo do executivo federal pouco tempo depois, vivenciamos um período em que o apreço pela violência de grande parte da população se fez notório e o número de ataques à escola aumentaram, alguns deles de forma verbal e/ou simbólica, e outros de forma extremista. Embora o período dessa gestão tenha se encerrado, como movimento esse tipo de manifestação ainda está em vigência.

Esse ponto servirá como marco temporal de uma época específica na constituição política social da linha de nossa história: i) o golpe que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (2016); ii) o governo de seu sucessor Michel Temer (2016 a 2018); iii) o período eleitoral de 2018, em que a extrema direita esteve representada por seu candidato à época, Jair Bolsonaro, ganhador do pleito eleitoral, tomando posse em 2019, com seu desastroso governo até 2022, e o ano seguinte, 2023, em que toma posse, após nova eleição presidencial, o candidato de uma frente ampla político partidária, Luís Inácio Lula da Silva.

O avanço do extremismo no mundo nos últimos anos tem sido notável e é tema de análise de diferentes campos de conhecimento. No Brasil, desde 2016, vivenciamos o avanço desses movimentos e seu impacto sobre o desenvolvimento e implementação de políticas públicas, em especial às relacionadas com educação. (CARA, 2023, p. 3)

A história é contada por quem detém a força e, assim, determina o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o que dá uma característica a mais ao campo da Educação como um campo em disputa. A isso podemos chamar hegemonia, determinada pelo meio social e formadora de consciência. O período descrito trouxe desastres diversos no cotidiano brasileiro, por exemplo a péssima gestão sanitária pela qual passamos durante a pandemia de COVID-19, em que mais de 700 mil brasileiros e brasileiras vieram a óbito, fato que nunca podemos nos esquecer.

Em outro extremos, chegamos aos eventos do dia 8 de janeiro de 2023, com uma tentativa de golpe frustrada. Apesar disso, ainda há uma grande parte do meio social brasileiro que cultua uma certa consciência específica advinda do extremismo de direita, que nega fatos históricos e/ou científicos e tenta estabelecer a linguagem da violência de modo natural.

De certa forma, esse foi o clima hegemônico estabelecido na sociedade brasileira nos últimos anos. Com a escola instituição parte dessa mesma sociedade, é necessária analisarmos como o fenômeno da violência escolar se comportou durante esse recorte temporal. O ponto de partida para o combate à violência escolar inicia, pois, em uma nova forma de consciência contra-hegemônica, em que o conhecimento amplo e o diálogo leve à não-violência.

No Brasil, em um passado não tão distante, foram vivenciados mais de duas décadas de uma ditadura empresarial-militar. Esquecer ou não se falar sobre esse período, que certamente traz reflexos até os dias de hoje, é invisibilizar a quantidade de violência desse período histórico, produzida pelas forças repressoras do Estado. Esquecer e não debater formas de violência é deixar sempre viva e latente sua volta, sua continuação ou mesmo sua perenidade. Nesse sentido, no processo de desenvolvimento histórico, cultural, político e civilizatório brasileiro, a colonização, a escravidão, os períodos militares e afins têm efeitos que devem ser considerados sobre a drama social,

incidindo na constituição social do país e levando ao fortalecimento de uma cultura de violência.

É um jogo em disputa, com possível nascedouro do fenômeno violência; não se trata apenas da questão de duas pessoas se darem bem ou não, de terem compaixão e/ou empatia uma pela outra, embora certamente entender a posição um do outro, em um processo de compreensão mútua, possa ser um caminho para a obtenção da não-violência. Deve ser difícil para o agredido ter empatia por seu agressor, assim como deve ser difícil ao agressor “abrir mão” de seu poder (suposto ou não), sem encarar a situação como uma perda de privilégio. Segundo Arendt (2022), “cada diminuição no poder é um convite à violência [...] aqueles que detêm o poder e o sentem escapar de suas mãos têm sempre achado difícil resistir à tentação de substituí-lo pela violência” (p. 98).

A escola tem como tarefa (entre tantas outras possivelmente mencionáveis e destacáveis) a sociabilização daqueles que a frequentam. Aparentemente, esse convívio em se coabitar os mesmos espaços e horários não parece ser suficiente para que não surjam fenômenos de violência. Nessa intenção, a busca pela igualdade como fundamento estruturante desse coabitar, em que todos tenham os mesmos direitos políticos, levaria ao caminho para a não-violência e, possivelmente, também ao caminho da igualdade social e política.

Tendo em vista que a maior parte da população brasileira é negra e do sexo feminino, a violência de gênero e de raça atinge uma grande quantidade de pessoas. Freire (SHOR; FREIRE, 1986) aponta sua visão da ligação entre racismo, sexismo e o modo de produção capitalista. Racismo, para Almeida (2021), é elemento estrutural da organização política e econômica da sociedade, enquanto Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019) nos lembram do laço que une racismo e sexismo, mostrando a necessidade da educação antirracista e antissexista.

Para muito além da memorização, a educação deve levar à compreensão dos fenômenos. Não seria diferente em relação à violência em âmbito escolar. Por meio da compreensão histórica e material, entendem-se os sinais que levam ao surgimento da violência em âmbito escolar. De forma contrária, a negação de algo (do racismo ou do sexismo, por exemplo) leva à não compreensão do fenômeno e à tendência da repetição e da manutenção das causas de violência.

Um bom exemplo foi o ano de 2021, período em que se registrou o maior número de casos de injúria racial do Distrito Federal nos últimos oito anos, com aumento de 28% em relação ao ano anterior (FEIFEL, 2022).

Milhares de pessoas estão vinculadas de alguma forma com o âmbito escolar e, em nossa sociedade, escolas estão presentes em distintos lugares. No Distrito Federal, há cerca de 600 escolas da Educação Básica somente na esfera pública, espalhadas por todas as regiões administrativas (RA).

Exemplos ilustrativos que aguçam a curiosidade em se desenvolver esta pesquisa não faltam. Certo dia, atuando como coordenador escolar, deparamo-nos com um caso de agressão mútua por parte de dois estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, com idade em torno de 15 anos. Após conversa com ambos, o quadro apresentado era de agressão inicial do primeiro ao segundo, porque este teria chamado aquele de “preto” (ainda que ambos sejam negros), o qual, sentindo-se ofendido pela palavra, pela forma e pelo local onde ela foi proferida (em sala de aula perante os demais colegas de classe durante a aula de matemática), desferiu golpe inicial contra o outro estudante que o teria ofendido de forma pública; conseqüentemente, ambos entraram em luta corporal. Ou seja, há aqui um aluno negro que se sente ofendido ao ser chamado de preto por outro aluno negro e o agride por tê-lo chamado de preto, demonstrando um caso de agressão física envolvendo também uma questão de discriminação racial. Dessa forma, observa-se uma violência se apresentando em diferentes manifestações em um mesmo caso.

A própria estrutura social é fomentadora de manifestações de violência que adentram o âmbito escolar. Conforme argumenta Almeida (2021), o racismo está presente nessa estrutura, adentra o universo escolar, uma vez que este está na composição da sociedade, e se manifesta incidindo em formas de violência, como no exemplo descrito. Nesse sentido, manifestações de racismo são também entendidas como manifestações de violência.

De modo similar, causa certa estranheza, como estudantes do sexo biológico feminino, são constantemente repreendidas de forma oral ou mesmo administrativa (advertência e/ou suspensão), em relação à possibilidade de sua expressão por meio do uso ou não de vestimentas escolares, roupas, objetos, adereços ou maquiagem considerada como mais ou menos cabível, incluindo seu modo apresentado de ser ou estar em ambiente escolar. Abramovay (2002),

discute a simbologia de poder com marca de gênero, que leva a estereótipos de divisão sexual, em que se espera do feminino o recato e a não provocação pelo que são “consideradas” roupas inapropriadas.

A partir de então, diferentes possibilidades relacionais são estabelecidas, e muitas vezes conflitos de algum tipo são gerados. Aparentemente, há opressão ao feminino, mesmo por parte daqueles ou daquelas que se dizem defensores (as) do feminismo. Haveria, portanto, também, tipos diferentes de violência manifestadas em um mesmo exemplo, incluindo, também, estudantes do sexo (biológico) masculino nesta problemática.

Os relatos descritivos de forma inicial não findam obviamente todos os relatos que podem ser expostos e que, em outras vivências e casos, abrangeriam mais amplamente o tema. Logo, racismo, machismo e misoginia são expressões de manifestação de violência que pode ser cometida **na escola** ou **pela escola**.

A escola é, por natureza própria, um lugar onde ideias, posicionamentos e opiniões, entre outros, entram em conflito. Necessária, portanto, é a regulação dessa possibilidade conflituosa, para que seja sempre mediada pela palavra, pelo diálogo, mas nunca pela agressão ou pela violência. Charlot (2002) nos traz que “a violência será bem mais provável, na medida em que a palavra se tornar impossível” (p. 436). Nota-se, assim, ser uma fonte importante de tensão o modo de relação com o saber construído pela escola, vinculando as práticas da instituição, as práticas de ensino e mesmo a qualificação docente e da equipe diretiva da escola. Desse modo, também importa o modo de articulação entre escola e sociedade.

A realidade da violência no mundo é complexa e multicausal. Em um ambiente escolar, são necessários mais estudos e ações que possam efetivamente garantir que crianças e adolescentes vivenciem espaços de aprendizagem de fato seguros, não violentos (SANTOS, 2020). Como explicitado nos portais *online* apresentados neste trabalho, diariamente vivenciamos tempos de violências distintas que perpassam e recaem sobre o mundo moderno, atingindo, como apontado por Arendt (2016), todas as áreas da vida humana e também a educação, o que converge num problema político de primeira grandeza.

2 OBJETIVO GERAL

Investigar as incidências de formas de violência escolar pelo Brasil e em uma escola pública do Distrito Federal a partir do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2017, até o ano de 2023.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar práticas internas e externas à escola que possam ter corroborado às manifestações de violência escolar. Discutir questões publicizadas pela Internet de manifestações de violência em âmbito escolar. Sugerir possibilidades de prática docente e de gestão escolar que minimizem os casos de violência na escola.

3 VIOLÊNCIA ESCOLAR

Para Charlot (2002), a questão da violência na escola tornada pública de modo amplo em diversos canais de comunicação (mídia impressa e televisiva, *internet*, redes sociais etc.) e também nas instituições escolares, principalmente, mas não só em bairros periféricos, faz-se importante objeto de pesquisa. Para Abramovay (2002), o fenômeno constitui relevante objeto de reflexão, além de grave problema social, tendo causas que passam pela globalização econômica, pelas mudanças no mundo do trabalho, pela ética, pelo consumismo e pelo individualismo, em uma confluência de processos sociopolíticos, econômicos e culturais.

[...] uma definição possível de violência é toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento. Se pensarmos a escola como o espaço propiciador do desenvolvimento a violência representa a própria negação da instituição escolar. Nesse sentido violência e escola criam um mal encontro inimaginável. (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 20).

Essa questão estrutura-se no Brasil, em particular no DF, em âmbito escolar, manifestando-se de diversas e diferentes formas, o que aponta para a importância da questão da violência na escola (muitas vezes deixada de lado, como algo estranho à educação). A escola é local de reflexão, debate, diálogo, construção do saber e do ser humano, além de ser uma instituição que pode atuar de maneira direta e decisiva em benefício da comunidade escolar e da sociedade como um todo. Logo, cuidar do tema significa trabalhar para desconstruir fontes de violência, bem como sua multiplicação em outros lugares e tempos (ABRAMOVAY *et al.*, 2002).

Entretanto, educação faz parte do cotidiano das pessoas como sujeitos na construção da história ou mesmo da sociedade, tornando o processo educacional também a um reproduzidor daquilo que ocorre na sociedade, fora dos muros escolares. Aparentemente, baseando-nos em nossa própria historicidade em escola pública, há pouco diálogo no âmbito escolar com relação à questão da violência na escola, o que leva a refletir sobre o papel da educação na reprodução de fenômenos presentes na sociedade, não sendo esta separada da educação.

Entretanto, a escola pode ser espaço permanente de diálogo, debate, construção e resolução de conflitos. Afinal, a luta deve ser constante contra as mais distintas formas de manifestação de violência que possam, de alguma forma perpassar o cotidiano escolar, seja ela advinda da sociedade, externa portanto à instituição escola, de dentro dela ou mesmo daquelas manifestações que talvez sejam inerentes ao sistema capitalista, como o racismo, o machismo e o sexismo (não nos esquecendo de que raça e gênero estão interligados).

Sendo a educação direito de todos e dever do Estado e da família, conforme preconizado na Constituição Federal (BRASIL, 1988), este trabalho visa colaborar com o conhecimento das manifestações do fenômeno tema desta pesquisa, objetivando, assim, sua compreensão, a fim de oportunizar possivelmente uma abordagem prática pedagógica que mitigue manifestações dessa natureza em âmbito escolar.

Ocorre influência do contexto sociopolítico e econômico no processo da violência no espaço escolar, lembrando, porém, não ser possível afirmar que todas as escolas periféricas são problemáticas, ao passo que as escolas de bairros mais elitizados são seguras e livres desse fenômeno, como argumenta SANTOS (2020). Segundo a autora, é necessário conhecer a realidade dos alunos e a problemática socioeconômica vivenciada no Brasil, manifestada nas escolas e repercutida em toda comunidade escolar, a qual gera insegurança, conflitos e disputas de poder sem diálogo, que tomam a forma de agressões verbais, discriminações, ameaças, agressões físicas e destruição de patrimônio. Tudo isso torna a escola o território das mais diversas violências e impede que ela cumpra sua função social de ensinar, demonstrando a complexidade do fenômeno e como é atravessado por uma série de condicionantes e diferentes escalas de relações sociais.

De acordo com relatório da Unicef (2019), as formas mais frequentes de violência escolar são: as físicas, as psicológicas, as sexuais e o *bullying*, que representa o tipo mais comum de violência nesse ambiente. As origens desse fenômeno na sociedade são possivelmente “as normas sociais e de gênero, bem como fatores estruturais e contextuais mais amplos, tais como a desigualdade de renda, exclusão social, marginalização e conflito” (UNICEF, 2019, p. 12).

Todavia, tem havido uma aparente escalada no nível e na intensidade de demonstrações do fenômeno da violência em âmbito escolar, talvez de modo

mais especial nos últimos anos. Causa grande alarme o registro de ataques de extrema violência em recorrência, concomitante, não por coincidência, com o aumento público e notório do discurso de ódio amplamente vociferado e da disseminação da violência em vários níveis.

Durante os últimos anos, um tipo de violência recorrente nas escolas dos Estados Unidos da América passou a acontecer também no Brasil: os ataques violentos, realizados por estudantes, com armas de fogo e outros artefatos. Estes eventos deixaram de ser fatos isolados e estão relacionados com questões políticas em andamento no país, assim como a propagação e falta de controle sobre a difusão de grupos de ódio na internet. O objetivo deste relatório é apresentar como os ataques violentos às escolas estão relacionados com um contexto social que se vincula com a escalada do ultraconservadorismo/extremismo de direita no país e a falta de controle e/ou criminalização desses discursos e práticas, bem como de sua difusão através de meios digitais. (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022, p. 9)

Em março de 2023 em São Paulo, por exemplo, ocorreu violento ataque em ambiente escolar vitimando de forma fatal uma professora, o que motivou a produção de uma nota técnica do Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação (PRADO, 2023), ligado a Escola de Artes Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), onde se lê:

Este episódio de extremismo violento está, novamente, relacionado às subculturas extremistas que atuam como *hubs* de radicalização *online* para o extremismo violento e que atingem um público com faixa etária cada vez mais jovem (a partir dos 10 anos). O ataque é o cume de um processo de aceleração deste tipo de episódio que levou a 10 ataques a escolas nos últimos 13 meses. Nesta nota, enfatizamos a relação deste episódio com as comunidades online, destacamos o grande número de ataques desde março de 2022.

[...]

O agressor habitava uma subcultura *online* letal que glorifica atentados terroristas, massacres, atiradores em massa, ideação suicida e violência extrema, e que dissemina teses pseudocientíficas de psicologia e biologia evolutiva para justificar ordens sociais hierarquizadas por gênero/ etnia/ religião, conteúdos com revisionismo histórico, apologia ao

nazismo, conteúdos de aceleracionismo militante de extrema direita, instruções para fabricação de armas e bombas caseiras e um profundo niilismo e misantropia. Além da violência extrema, nessa subcultura *online*, há um extenso conteúdo com misoginia, racismo, antissemitismo e uma vasta constelação de queixas e supremacismos de vários espectros (racial/ gênero/ político e religioso). (p. 1-2)

Dedicamo-nos ao estudo e concepções do tema violência escolar que assola as escolas brasileiras, em especial após metade da década passada, quando e onde se percebe uma ascensão de extrema-direita no país, contrariando ideais por nós defendidos: uma escola continua e amplamente plural.

Todas as formas de manifestação de violência escolar são merecedoras de atenção. Os ataques extremados entretanto (Tabela 1) causam maior comoção e preocupação, e possivelmente mostram, de forma mais dolorosa e clara, como o extremismo de direita por meio de proliferação e vociferação de seus ideais é pernicioso em nossa sociedade e tem se feito presente em nosso tempo. “A opção por invadir uma escola não é mera coincidência ou fruto de uma escolha aleatória. As motivações incluem ódio às maiorias minorizadas e aproximação ideológica a teorias nazistas e fascistas” (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022, p. 16).

Tabela 1 – Evolução histórica dos ataques às escolas (2017-2023)

DATA	CIDADE (UF)	IDADE DOS ATACANTES	SUICÍDIO	VÍTIMAS	ARMA	SINAL DE RADICALIZAÇÃO ONLINE
10/2017	GOIÂNIA (GO)	14	NÃO	2 MORTOS E 4 FERIDOS	PISTOLA	SIM
09/2018	MEDIANEIRA (PR)	15	NÃO	2 FERIDOS	REVÓLVER, FACA, BOMBA	SIM
03/2019	SUZANO (SP)	17 e 25	SIM	7 MORTOS	REVÓLVER, BESTA, COQUETEL MOLOTOV	SIM
08/2019	CHARQUEADAS (RS)	17	NÃO	7 FERIDOS	MACHADINH A, COQUETEL MOLOTOV	SIM
11/2019	CARAIÁ (MG)	17	NÃO	2 FERIDOS	FACÃO, PISTOLA	NÃO
05/2021	SAUDADES (RS)	18	NÃO	5 MORTOS	FACÃO	SIM
02/2022	CARAGUATATUBA (SP)	16	NÃO	1 FERIDO	FACA	NÃO
03/2022	SÃO PAULO (SP)	13	NÃO	2 FERIDOS	FACA	NÃO
04/2022	SAQUAREMA (RJ)	14	NÃO	SEM FERIDOS	BOMBA	SIM
08/2022	VITÓRIA (ES)	18	NÃO	1 FERIDO	BOMBA, FACA,	SIM

					BESTA, COQUETEL MOLOTOV	
09/2022	BARREIRAS (BA)	14	NÃO	1 MORTO	REVÓLVÉR, FACA	SIM
09/2022	MORRO DO CHAPÉU (BA)	13	NÃO	1 FERIDO	MATERIAIS INFLAMÁVEIS , BOMBAS, FACA	NÃO
10/2022	SOBRAL (CE)	15	NÃO	1 MORTO, 2 FERIDOS	REVÓLVÉR	SIM
11/2022	ARACRUZ (ES)	16	NÃO	4 MORTOS E 12 FERIDOS	REVÓLVÉR	SIM
12/2022	IPAUSSU (SP)	22	NÃO	2 FERIDOS	FACA E CANIVETE	NÃO
02/2023	MONTEMOR (SP)	13	NÃO	SEM FERIDOS	BOMBA	SIM
03/2023	SÃO PAULO (SP)	13	NÃO	1 MORTO, 5 FERIDOS	FACA	SIM

Fonte: Adaptado de Prado (2023).

A partir dos dados da Tabela 1, nota-se que, dos 17 casos apresentados, 11 ocorreram entre os anos de 2022 e 2023, evidenciando grande aumento sistemático do número de ataques nesse período. Também chama a atenção que sete deles envolveram o uso de armas de fogo.

4 METODOLOGIA

Segundo Abramovay (2002), “violência nas escolas é tema que comporta múltiplos enfoques e modelos de pesquisa” (p. 92), enquanto que, para Aragão (2013), trata se de “fenômeno que tem perpassado as diferentes relações sociais, aparecendo de forma cada vez mais explícita nos meios de comunicação de massa, que enfatizam e expõem seus atos com veemência” (p. 11).

Com essas referências *a priori*, faremos um desenho de pesquisa que permita uma análise do cenário envolvendo o tema em questão pelo Brasil, estreitando-a para o cenário do DF e, de forma mais estrita, para uma escola na região administrativa do Itapoã, onde foi realizado o estudo de campo.

A fim de cumprir tal fim, com foco na questão problema da pesquisa: em seu objetivo geral e seus objetivos específicos, valemo-nos de revisão bibliográfica de acordo com a temática da pesquisa, com os temas dos capítulos e da indicação por parte da orientação deste trabalho. Posteriormente, realizamos análise feita a partir de: levantamento de notícias divulgadas em diversos portais brasileiros disponíveis na Internet; documentos diversos produzidos em razão da violência em âmbito escolar por entidades educacionais ou governamentais; entrevistas com professores, professoras e equipe diretiva da escola escolhida para o estudo de campo, que trabalharam nela no período indicado e puderam vivenciar o tema deste trabalho; e as manifestações de violência em âmbito escolar após *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, até os dias de hoje⁹.

Visando obter uma análise material do fenômeno investigado, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida com investigação de campo realizada em escola pública de Ensino Fundamental (anos finais), localizada na região administrativa de Itapoã (DF), segundo referencial proposto por Creswell e Creswell (2021). Ressaltamos que o único local desta região voltado para esse ensino é o CEF Zilda.

Foram diversos casos tornados públicos pela mídia voltados ao recorte temporal proposto, os quais revelam outros assuntos que se entrelaçam com nosso objeto de estudo, ganhando destaque e apontando para outros temas e

⁹ Com o objetivo de enriquecermos a literatura temática, consultamos alguns trabalhos de pós-graduação a respeito do tema em repositórios de universidades brasileiras.

fenômenos, tais como racismo, gênero, orientação sexual e até mesmo a apologia ao nazismo. Esse fato perpassa a bibliografia consultada, a análise das notícias veiculadas em diversos portais *online*, a documentação consultada e também as entrevistas realizadas, mostrando coesão nas diferentes fontes e uma imbricação do objeto de pesquisa por nós proposto com diversos temas tornados aparentes.

Tal como Santos (2020), que fez uso de reportagens de casos famosos de violências nas escolas do Brasil e do DF, objetivamos contextualizar a violência escolar como um fenômeno global, multicausal e complexo, que transita por diferentes significados no tempo e no espaço e muito vinculado a fatores culturais. Seguindo Rêses e Costa (2015), buscamos uma delimitação precisa sobre o fenômeno da violência em âmbito escolar, suscitando a reflexão do objeto.

Para entender um fenômeno, a pesquisa qualitativa vale-se da análise de evidências baseadas em dados verbais e/ou visuais, coletados de forma sistêmica, a partir de entrevistas como fonte de dados e modo de coleta de dados por meio da informação verbal do participante conduzida pelo pesquisador (de forma presencial ou à distância). Para este trabalho, a seleção dos(as) entrevistados(as) considerou pessoas que vivenciaram amplamente fenômenos ocorridos no cotidiano da escola no recorte temporal proposto e que pudessem oferecer respostas relevantes ao problema de pesquisa. A seleção foi intencional, com base no julgamento do pesquisador, também associada às experiências (como professor e coordenador dessa escola ao longo de todos os anos a serem analisados no recorte temporal proposto), momento em que foi vivenciada uma realidade complexa, além de estabelecer forte vínculo com o cenário do estudo de campo. Nesse sentido, foi possível ao pesquisador desenvolver um bom nível de detalhes sobre as experiências reais dos participantes. Outros critérios também foram levados em consideração para a seleção dos entrevistados, tais como tempo de docência na escola, disciplina ministrada (optou-se por áreas voltadas às ciências humanas), e/ou a ocupação de algum cargo técnico administrativo no período estudado.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado elaborado em parceria com a orientação do trabalho, com perguntas abertas servindo como guia, dando liberdade ao entrevistador para fazer outras

perguntas e ao participante da entrevista responder como avaliasse melhor, no desejo de, mediante representações e percepções desses diferentes atores do corpo técnico, administrativo e pedagógico, ampliar a visão e a compreensão do fenômeno investigado.

Nossos procedimentos metodológicos descritos estão ancorados principalmente nos escritos de Creswell e Creswell (2021), mais especificamente em suas considerações a respeito de metodologia de investigação qualitativa, e em Bardin (1977), que fundamenta a análise das informações obtidas durante a pesquisa.

A intenção da análise de conteúdo é fazer inferências sobre os dados selecionados, compilados e manipulados, possibilitando deduzir, de maneira lógica, as mensagens implícitas (SANTOS, 2012). A inferência é o processo intermediário que possibilita a passagem controlada e lógica entre a descrição (caracterização do *corpus* de análise) e a interpretação (significação dessas características) dos dados, aspirando uma interpretação final fundamentada de modo a enriquecer e aumentar a validade dos resultados (SANTOS, 2012).

Os dados da pesquisa, para realização de análise de conteúdo, foram coletados ao longo do primeiro semestre letivo de 2024.

5 REGIÃO ADMINISTRATIVA DO ITAPOÃ (DF)

Santos (2020) aponta que o crescimento desordenado de assentamentos urbanos na capital federal do Brasil, como o Itapoã, com pouca infraestrutura, serviços urbanos e possibilidades laborais, configura características desiguais e segregadas à região, podendo intensificar a ocorrência e o aumento de diferentes tipos de violência, sem incorrer, entretanto, na ideia de que esses pontos sejam causas únicas de sua existência

Para análise da RA do Itapoã, localidade onde se insere a escola de nosso estudo de campo, utilizaremos a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada a cada dois anos pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)¹⁰. Analisamos a mais recente edição da PDAD 2021 (CODEPLAN, 2022), a qual oferece, pois, um amplo e atual diagnóstico da região administrativa do Itapoã.

A Região Administrativa do Itapoã concentra 21,28% da população da zona Leste do Distrito Federal, o que representa 2,17% do total da população do DF, com uma densidade demográfica de 5.271,13 habitantes/km². A Região Administrativa do Itapoã, localizada entre o Paranoá e Sobradinho, completou 19 anos no dia 7 de julho de 2024, a qual contempla a Coordenação Regional de Ensino, auxiliando a orientação e o suporte à gestão escolar pública da RA, sob a Regional de Ensino do Paranoá (CODEPLAN, 2022).

A ocupação deu-se início em 1990; a partir de 2001, o Itapoã passou por um processo muito rápido de ocupação irregular. Em 2003, foi criada a sub-administração do Itapoã, vinculada à Administração Regional do Paranoá. Em novembro de 2004¹¹, diante do crescimento acelerado da ocupação urbana, foi criada a Região Administrativa Itapoã – RA XXVIII (DISTRITO FEDERAL, 2020).

De forma inédita, na edição analisada, a PDAD trouxe uma inovação, com perguntas sobre identidade de gênero e orientação sexual dos moradores com 18 anos ou mais de idade. Destacamos, assim, que no que diz respeito à orientação sexual, 3,7% dos respondentes declaram ser lésbicas, gays,

¹⁰ A PDAD é uma pesquisa amostral que visa a fornecer informações representativas para todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal, considerada a principal fonte de dados para retratar aspectos socioeconômicos.

¹¹ Ano em que o pesquisador ingressou na SEEDF, em 23 de janeiro.

bissexuais ou outros. Quando consideradas as pessoas LGBTQIAPN+ (pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binárias e outras identidades de gêneros e orientações sexuais além das indicadas), verificou-se uma resposta afirmativa para 4,6% dos respondentes. No que diz respeito à raça/cor da pele, verificou-se que a resposta mais comum foi parda, para 45,4% dos moradores (CODEPLAN, 2022).

Interessante também destacar que 94,9% dos entrevistados afirmam acessar a Internet todos os dias: 97,5% por meio de celular ou *tablet*. Perguntados, ainda, os motivos de acesso à Internet, tem-se as seguintes respostas: 89,9% para comunicação; 81,9% para multimídia, lazer e cultura; 65,8% informações e notícias; 58,8% criação e compartilhamento de conteúdo; 48,2% para transações financeiras ou comerciais; 52,1% para educação ou cursos; e 44,4% para trabalho (CODEPLAN, 2022).

Notório também é que apenas 39,8% das pessoas com 25 anos ou mais, declararam ter o Ensino Médio completo. Das pessoas consideradas economicamente ativas (14 anos ou mais), 84,3% são consideradas ocupadas, e 15,7% consideradas desocupadas. Na população entre os 18 e os 29 anos de idade, 30,2% não estudam e nem trabalham (CODEPLAN, 2022).

A remuneração média observada entre os declarantes foi de R\$ 1.617,55, com renda domiciliar estimada de R\$ 2.475,20, o que resulta em um valor médio por pessoa de R\$ 1.041,70. Resultados levantados apontam também que 48,1% estavam em situação de insegurança alimentar, seja esta leve, moderada ou grave, nos três meses anteriores à pesquisa (CODEPLAN, 2022).

De acordo com os mais recentes dados levantados pela PDAD, podemos entender a RA do Itapoã como uma região de alta densidade demográfica, com histórico advindo de uma ocupação irregular e desordenada, relativamente nova, com crescimento acelerado, sem que fosse acompanhado da estrutura apropriada pra tanto, tendo sua população com baixo nível de educação formal, baixo poder aquisitivo e alto nível de insegurança alimentar (CODEPLAN, 2022).

Segundo Santos (2020),

A escola é a materialização da realidade de vida dos alunos. Se os professores, coordenadores, diretores e toda a equipe pedagógica não estiverem preparados para uma abordagem contextualizada, a escola terá ainda mais

desafios para atingir seus objetivos no processo de ensino e aprendizagem. (p. 156)

Nesse sentido, o cenário apresentado influencia no crescimento da violência estrutural, que, por sua vez, gera mais precarização e segregação social, intensificando o possível cenário de violência na RA, em que a escola representa um dos espaços da materialização dessa realidade violenta. Diante deste contexto de vulnerabilidade social que vivenciam alunos e alunas do Itapoã, as necessidades educacionais devem estar atentas a esse quadro.

5.1 O CEF ZILDA: BREVE HISTÓRICO

Abramovay (2002) considera indispensável para o entendimento do fenômeno estudado conhecer o ambiente escolar, inclusive a partir de sua estrutura física. Assim, em consulta ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do CEF Zilda (DISTRITO FEDERAL, 2018), podemos analisar e tornar público vários pontos e características da escola.

O CEF Zilda é uma escola em formação, com apenas 14 anos de existência, localizada no Itapoã. A escola atende 1.172 estudantes, nos turnos matutino e vespertino, matriculados no Ensino Fundamental II, e 615 estudantes matriculados no noturno, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), em seus 3 segmentos.

O centro foi autorizado pela SEEDF em fevereiro de 2008 por uma necessidade importante para a comunidade que não contava com nenhum atendimento educacional para adolescentes. Por falta de prédio próprio, as atividades iniciaram no Centro Educacional 2 do Cruzeiro, até o dia 8 de abril de 2008, data que foi transferido para o anexo do Centro de Ensino Médio do Paranoá, onde permaneceu funcionando provisoriamente até 31 de dezembro de 2009.

Em 5 de fevereiro de 2010, por meio da Portaria de n. 11 (DISTRITO FEDERAL, 2018), obteve-se a denominação alterada para Centro de Ensino Fundamental Dr^a Zilda Arns, em homenagem à fundadora e coordenadora da Pastoral da Criança, ilustre brasileira e cidadã do mundo, falecida no terremoto

do Haiti em janeiro de 2010, deixando como legado a importância da solidariedade para a construção de um mundo melhor.

O CEF Zilda é uma escola conhecida por toda a comunidade do Itapoã; para uns é uma escola acolhedora e bem-vista; para outros, é sinal de medo e insegurança. Em sua pequena história, embora tenha sido destaque por desenvolver projetos ambientais e culturais, sempre teve problemas em razão de estar inserida em uma periferia considerada uma das mais violentas do DF.

Por ter consciência da situação de sua comunidade, a instituição promove parcerias com pessoas físicas e com entidades do terceiro setor com o objetivo de promover a distribuição de cestas básicas às famílias em situação de vulnerabilidade econômica.

Em relação ao trabalho pedagógico, vale ressaltar que entre os 40 professores do turno diurno, 39 estão em regime de contrato temporário.

Existem queixas muito recorrentes relacionadas à violência no contexto escolar, tais como desrespeito aos professores, brigas e ameaças; nesse caso, a maioria dos estudantes encaminhados para a direção ou para a coordenação é composta por adolescentes negros do sexo masculino.

A escola não conta atualmente com profissionais na sala de recursos, na orientação educacional, tão pouco na sala de apoio à aprendizagem, contemplando apenas um profissional na equipe especializada de apoio a aprendizagem (EEAA) e uma psicóloga em licença de saúde.

A caracterização física do CEF Zilda (DISTRITO FEDERAL, 2018) conta com:

- 1 sala para direção
- 1 secretaria
- 1 sala para administrativo
- 1 sala de coordenação
- 1 sala de artes
- sala multifuncional
- 20 salas de aula
- sala de Serviço de Orientação Educacional
- sala da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem
- pátio interno
- pátio externo

- sala para professores
- cozinha
- cantina
- 2 banheiros para professores, sendo 1 masculino e 1 feminino.
- 4 banheiros para estudantes, sendo 2 femininos e 2 masculinos.
- 2 banheiros de uso individual adaptados para pessoas com necessidades especiais.
- sala de leitura
- sala de recursos
- mecanografia
- quadra poliesportiva
- *skate park*
- área multifuncional com tatame

6 CASOS DE VIOLÊNCIA PELO BRASIL

Em se tratando de análise que lance olhar sobre o cenário nacional, iniciamos esse capítulo observando que, no Brasil, tal qual nos traz Sposito (2001), historicamente o tema da violência urbana se alia ao processo de redemocratização no início dos anos 1980, ganhando destaque no debate público, a partir de grande demanda principalmente das periferias dos grandes centros urbanos. Nesse mesmo período, o fenômeno da violência escolar tornou-se visível e adentrou a rotina dos estabelecimentos de ensino no Brasil. Isso demonstra grande correlação entre a violência em âmbito escolar, e aquela que ocorre na sociedade de modo geral, desde muitas décadas.

Nesse cenário, não havia grande preocupação com o fator sociabilidade entre os membros das comunidades escolares, um fator que ganha destaque a partir dos anos 1990, sobretudo entre os estudantes. Observava-se certo consenso à época (entre 1980 e 1990) em torno da ideia de que as unidades escolares precisavam ser protegidas, em seu cotidiano, de elementos estranhos, o que se agrava com a intensificação da ação do crime organizado e do tráfico em algumas cidades brasileiras. Dessa forma, a vida escolar passa a sofrer de forma mais nítida os impactos dessa conjuntura.

Portanto, o fenômeno por nós estudado é modificável, ganha diferentes formatos ao longo do tempo e do período histórico, podendo também ser interpretado em diferentes manifestações de violência associada, além de, em tempos mais recentes, ter ganhado de forma notória formatos extremos.

Essa violência é realizada, em geral, por jovens e, ao mesmo tempo, vitimiza jovens vulnerabilizados por condições econômicas e de classe e por situações familiares de despreteção social. A violência, nessas situações, se desdobra potencialmente, e não de forma automática, por um lado, em agressão física e material, quando, além do sofrimento psicológico, causa ferimentos corporais, tendo como limites extremos o homicídio e o suicídio. (CERQUEIRA; BUENO, 2023, p. 36)

Em 2022 na cidade de Aracruz (ES), por exemplo, um atirador de dezesseis anos, filho de um policial militar, atacou duas escolas, uma pública e uma privada, matando quatro pessoas, sendo três professoras, e ferindo outras doze pessoas, usando para o ato as armas do pai. O atirador ostentava uma

braçadeira com a suástica, um símbolo nazista. Esse “ataque pode ser considerado como reflexo da política de incentivo ao ódio que foi legitimada pelo presidente Jair Bolsonaro e que está avançando, cada vez mais, nos jovens; de incentivo à tortura, bem como de políticas que favorecem o armamento da população”¹². Ademais, há outros casos, infelizmente, como “a tragédia de Aracruz [...]”. Desde o início dos anos 2000, já ocorreram 16 ataques, dos quais quatro aconteceram neste segundo semestre de 2022. Ao todo, 35 pessoas perderam suas vidas e 72 sofreram ferimentos (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022, p. 3).

Em 2019, em Suzano (SP), em uma escola estadual, foram feitas oito vítimas fatais em ataque orquestrado por um adolescente de 17 anos e um homem de 25 anos, que se suicidaram ao se verem cercados pela polícia no interior da escola.

A raiz desse crime – assim como outros similares ocorridos no Brasil e exterior – está na internet, onde fóruns obscuros engrossam um caldo de ódio que se vale dos sentimentos de rancor e rejeição de garotos e jovens, fomentando neles reações de vingança, racismo e misoginia contra colegas e figuras de autoridade.¹³

Em outro episódio em 2023, uma professora de 71 anos de idade foi morta a facadas em uma escola estadual na Vila Sônia, Zona Oeste de São Paulo. O agressor era um aluno do oitavo ano da própria escola, de treze anos de idade, o qual feriu a golpes de faca mais três professoras e um aluno antes de ser desarmado¹⁴.

Uma instituição de ensino infantil em Blumenau (SC) foi invadida por um agressor de 25 anos em 2023 que, em seu ataque, ocasionou a morte de quatro crianças, ferindo outras quatro a golpes de machadinha¹⁵.

Os casos extremados citados perpassam, entre outros fatores pela propagação de discurso de ódio e contra figuras e instituições públicas, fatos

¹² Disponível em: <https://sindeducacao.org/ataque-no-espirito-santo-reflexo-de-uma-cultura-do-odio>. Acesso em 16 nov. 2023.

¹³ Disponível em: <https://istoe.com.br/o-massacre-de-suzano/>. Acesso em 9 set. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/professores-e-alunos-sao-esfaqueados-dentro-de-escola-estadual-na-zona-sul-de-sp-diz-pm.ghtml>. Acesso em 9 set. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21639/ataque-creche-blumenau-violencia-escolas>. Acesso em 9 set. 2024.

constantemente aparentes e tornados públicos nos anos que contemplam nosso recorte temporal proposto. Não por acaso, esse ódio volta-se em diversos momentos contra as escolas, contra os professores e as professoras e contra significados que nos remetem ao campo educacional. Esse tipo de discurso e ataque contra a escola ganhou nos últimos anos nomes próprios, legenda partidária e campo de espectro político específico.

Há, ainda, o caso de um professor de Jaguariúna (SP) que, em fevereiro de 2022, passou a ser ameaçado, também sua família, após aula de sociologia sobre diversidade sexual, pelo então futuro deputado federal Maurício do Vôlei (PL), pela deputada Bia Kicis (União Brasil) e pelo senador Flávio Bolsonaro (PSL); “Vamos atrás desse professor ele não dará mais aula pra ninguém!”, bradou Maurício em suas redes sociais¹⁶.

Em 2018, após o resultado do pleito eleitoral daquele ano, a deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo (PSL), solicita em suas redes sociais para que estudantes denunciem e filmem professores que faça o que ela classifica como “manifestações político-partidárias ou ideológicas”¹⁷, em clara ameaça a professores e professoras e a própria liberdade de cátedra, como consta no artigo 206, inciso II da Constituição Federal: “Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988). Destacamos que a referida Deputada é grande defensora do movimento “Escola sem partido”, que acusa em tentativa de criminalização professores e professoras de “doutrinação ideológica”, e conclama perseguição e censura a eles. Pereira (*apud* BODART; MARCHIORI, 2022) classifica esse movimento como conservador e profacista. Para Cerdeira e Rosistalato (*apud* BODART; MARCHIORI, 2022), “o movimento acusa a escola de ser ideológica, mas não se assume como ideológico ao defender uma escola ‘neutra’, que perpetua os valores tradicionais, ignora a diversidade e é conivente com desigualdades de todas as ordens” (p. 90). Nesse sentido, verifica-se que o projeto “Escola sem Partido” confronta avanços em direitos humanos por tentar calar a perspectiva

¹⁶ Disponível em: <https://ponte.org/politicos-bolsonaristas-promovem-perseguaao-a-professor-de-escola-publica-no-interior-de-sp/>. Acesso em 9 set. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/29/deputada-eleita-pelo-psl-estimula-estudantes-a-denunciarem-professores/>. Acesso em 9 set. 2024.

de um ensino plural em favor da diversidade de nosso povo, além da própria Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Sobre o movimento, cabe ressaltar a nota de repúdio do Grupo CONSCIÊNCIA¹⁸, de fevereiro de 2023, que se manifesta publicamente contra diversas manifestações e ações classificadas como fascistas desse movimento contra a educação pública brasileira. Tais ações advogam-se como apartidárias, contudo escondem um projeto de poder hegemônico intolerante, racista, machista e homofóbico. Segundo Rêses, Pereira e Rios (2021), “há uma disputa de concepções de educação, tendo como referência o movimento Escola sem Partido, que é um dos principais adversários das ideias de Paulo Freire e propõe coibir o que eles denominam ‘doutrinação ideológica’ nas escolas” (p. 78).

Entretanto, doutrinação só pode vir de quem detém, mesmo que momentaneamente, o poder. A doutrinação ocorre de cima para baixo, e não o contrário. Vem da detenção hegemônica de poder, por meio do controle burguês da mídia, da força armada estatal e mesmo da educação. É impossível “doutrinar” de baixo para cima.

Em julho de 2023, o deputado federal por São Paulo, Eduardo Bolsonaro (PL), comparou professores a traficantes de drogas em discurso pró-armamentista proferido em Brasília, conclamando pais de alunos e alunas para que verifiquem o que seus filhos e filhas tem como conteúdo na escola, a fim de não permitirem a “doutrinação”.

Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída.¹⁹

Em Aparecida de Goiânia (GO) em 2023, uma professora de artes foi demitida de uma escola particular e sofreu diversas ameaças, inclusive de morte, após ataques em redes sociais promovidos pelo deputado federal Gustavo

¹⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CofycR4OI_w/?img_index=1. Acesso em 9 set. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/pf-determina-abertura-de-inquerito-contra-eduardo-bolsonaro-por-ataques-a-professores/>. Acesso em 9 set. 2024.

Gayer (PL). A princípio, os ataques ocorreram devido ao uso de uma camisa por parte da professora, que se referia ao artista Hélio Oiticica, renomado artista plástico brasileiro, mas que na publicação feita pelo deputado virou uma associação da camisa ao partido dos trabalhadores²⁰.

Os ataques extremados ilustrados têm época cronológica semelhante a ataques feitos à escola por figuras públicas relevantes no cenário e no contexto atual, com reflexos que rapidamente se espalham pela sociedade por meio da mídia e das redes sociais, indicando aparente correlação entre um fenômeno e outro. Ao se atacar a instituição escola, de modos diversos e com grande amplitude na sociedade, é como se houvesse um consentimento para que essa instituição possa ser violada, até mesmo de forma extrema.

Os ataques extremos relatados indicam pontos a serem observados. Chamam a atenção algum padrão estético, por exemplo, que nos remeta a simbologia nazista. O uso de armas de fogo está normalmente à disposição ou facilmente adquirida pelos agressores em momento de grande flexibilização do acesso a armas pelo governo passado. As vítimas fatais eram, em sua maioria, do gênero feminino. Nesse sentido, o espectro desses ataques alcança diferentes estados da federação e passa pelo Ensino Fundamental, Médio e mesmo pela Educação Infantil. Por fim, mas não menos importante, há ainda a ambientação na Internet que tem todos eles e o impacto nas e das redes sociais que são gerados, tudo sempre regado por grande discurso que propaga e vocifera o ódio como cultura hegemônica.

O ponto de partida que sustenta este documento é de que a violência às escolas não é coincidência, eventual ou circunstancial. Neste sentido, esses ataques violentos às escolas estão relacionados com um contexto social imerso na escalada do ultraconservadorismo e extremismo de direita no país e a falta de controle e/ou criminalização desses discursos e práticas, bem como de sua difusão através de meios digitais. Devido às características políticas que envolvem a maioria dos ataques recentes, ressaltamos que os últimos anos foram marcados pelo aumento de discursos violentos de diferentes maneiras, processos legais de flexibilização do acesso a armas, bem como o uso de discursos políticos de supremacia de

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fY9YBYu7J3o&t=2s>. Acesso em 9 set. 2024.

determinados grupos em relação a outros. (PELLANDA; FROSARD, 2023, p. 7)

A violência contra a escola, a qual deve ser combatida, está em voga em tempos recente, convergindo para um cenário de extremismo. Logo, diferentes de outras épocas, a escola deve ser protegida de determinadas figuras públicas e da ideologia por elas disseminada, a qual coloca em risco a própria escola, seus profissionais e seus estudantes.

6.1 CASOS DE VIOLÊNCIA NO DISTRITO FEDERAL

O DF também se enquadra no cenário construído no capítulo anterior dessa dissertação, embora talvez com um perfil menos extremado. Casos de violência são amplamente noticiados e facilmente encontrados na rede mundial de computadores, cujas motivações e apresentações parecem conter teor semelhante àquele apresentado em ilustração do quadro nacional.

Inicialmente, para atestar o modo operacional semelhante ao descrito previamente, indicamos o caso da invasão do Centro Educacional 01 (CED 01) da Cidade Estrutural (uma escola militarizada) em 2023 por parte do Deputado Federal pelo Ceará, Heitor Freire (PSL), para questionar e se opor aos trabalhos pedagógicos realizados pelo corpo docente da escola em razão do Dia da Consciência Negra, após repercussão negativa dessa ação pedagógica nas redes sociais. Como característica, a invasão foi cercada de discurso de ódio, filmagem não autorizada, constrangedora e ameaçadora para com a vice-diretora do estabelecimento de ensino, além de tentativa de intimidação a esta profissional. Segundo o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro DF):

A tentativa de intimidação do deputado bolsonarista contra a vice-diretora da escola, por sua vez, é um dos efeitos causados pelos defensores da mordaza, que sustentam um discurso de criminalização dos professores e professoras e sua atividade, colocando-os sob suspeição e sob a pecha de “doutrinadores”. Esse discurso abre

caminho para arbitrariedades e até violências de todo tipo contra a categoria.²¹

O governador do Distrito Federal, Ibanês Rocha (MDB), que está à frente do poder executivo local desde o início de 2019 até os dias atuais, apresenta uma tendência extremamente favorável ao modelo de militarização das escolas públicas em sua gestão, tentando aplicá-lo de modo impositivo. Já no primeiro ano de sua gestão, após a realização de votação para aprovar ou não a adesão à proposta governamental de militarização em cinco escolas, mesmo diante do posicionamento contrário a militarização por parte de duas escolas, teria dito o governador que concretizaria o modelo, e “quem achar ruim, que vá a justiça”, afirmando ter o pleito realizado pelas respectivas comunidades escolares apenas caráter consultivo²².

A militarização nas escolas foi aprovada no Centro de Ensino Fundamental 19 (CEF 19) de Taguatinga, no Centro de Ensino Fundamental 01 (CEF 01) do Núcleo Bandeirante e no Centro de Educacional 01 (CED 01) do Itapoã. A comunidade escolar não aceitou a proposta no Centro de Ensino Fundamental 407 (CEF 407) de Samambaia e no Centro Educacional Gino, na Asa Norte. O modelo de militarização também foi imposto ao CEF 01 do Paranoá, sem ampla participação da comunidade escolar²³.

A intencionalidade do governador encontrava respaldo à época do presidente Jair Bolsonaro (PSL), que fazia dessa questão, a militarização de escolas públicas, uma iniciativa a partir de seu Ministério da Educação (MEC). No lançamento do programa de militarização de escolas públicas do país, o Bolsonaro mandou Ibaneis impor a militarização²⁴.

Via de regra, a questão da violência escolar e da segurança pública são as mais levantadas, de forma enganosa, ao tentar o convencimento da

²¹ Disponível em: <https://df.cut.org.br/noticias/deputado-bolsonarista-invade-escola-no-df-para-censurar-trabalhos-de-estudantes-9b06>. Acesso em 9 set. 2024.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/08/19/quem-achar-ruim-que-va-a-justica-diz-ibaneis-sobre-impor-gestao-compartilhada-com-pm-em-escolas-que-rejeitaram-modelo.ghtml>. Acesso em 9 set. 2024.

²³ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/governo-ibaneis-atropela-a-democracia-e-impoe-militarizacao-no-cef-01-do-paranoa/>. Acesso em 9 set. 2024.

²⁴ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/editorial-gdf-recua-no-gisno-mas-impoe-intervencao-em-escolas-que-a-rejeitaram-a-militarizacao/>. Acesso em 9 set. 2024.

comunidade escolar de que esse possível modelo seria mais apropriado que outros. Entretanto, há o caso do CED 07 da Ceilândia, uma escola militarizada, contando com um efetivo de vinte policiais militares em seu quadro funcional, em que, apesar disso, um adolescente, aluno da escola, foi esfaqueado por outro aluno da escola em sua circunvizinhança²⁵ em 2019. Logo, a presença de policiais militares na escola não evitou a ocorrência de tal violência.

Mais além, em uma escola militarizada em Sobradinho (CED 03), um policial militar foi acusado de assédio sexual contra pelo menos três estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio também em 2019. Os relatos são de utilização de acesso à documentação das estudantes, para descobrir o número de seu Whatsapp e, a partir dessa informação, enviar mensagens para as alunas com frases como “beijinhos no canto da boca”. Ainda segundo relatos, havia olhares constante as partes íntimas das alunas, causando óbvio constrangimento, e até mesmo o toque físico nas partes íntimas, com importunação sexual de uma aluna²⁶.

Recentemente em 2023, um policial militar que atuava como professor em contrato temporário no Centro de Ensino Especial 01 do Guará quebrou o braço de um aluno autista de 15 anos diante de uma crise. Enquanto outros profissionais presentes na ocasião tentavam acalmar o estudante, o policial se valeu da contenção física na tentativa de imobilizar o aluno. O estudante passou por processo cirúrgico para a colocação de três pinos de titânio²⁷.

Na conjuntura demonstrativa de um modo operacional semelhante que traz contornos de ultraconservadorismo, houve grande repercussão de caso ocorrido em escola localizada na região administrativa do Paranoá em 2022, onde um diretor escolar foi exonerado após ser vítima de notícia falsa que ganhou ampla notoriedade por ter sido divulgada pelo deputado e pastor Júlio César (Republicanos). A repercussão ocorreu pela suposta existência de um banheiro sem gênero a ser utilizado por alunos dos anos iniciais do Ensino

²⁵ Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/df-aluno-esfaqueia-colega-em-frente-a-escola-com-gestao-compartilhada>. Acesso em 10 set. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/06/04/sargento-da-pm-e-afastado-apos-denuncias-de-assedio-sexual-contra-estudantes-em-escola-militarizada-do-df.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

²⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/saiba-quem-e-o-pm-professor-que-quebrou-o-braco-de-aluno-autista-no-df>. Acesso em 10 set. 2024.

Fundamental: “o parlamentar comemorou a exoneração do diretor em suas redes. “O meu trabalho é em defesa da família! Não vamos tolerar este tipo de conduta”²⁸. De fato, o banheiro seria para uso de alunos portadores de necessidades especiais.

A violência contra a escola ganha ares específicos no DF. Entendemos esse fetiche pela militarização de nossas escolas também como um gesto de violência que deturba valores democráticos, além de causar outras manifestações de violência na escola. Muito aquém da possibilidade de resolução de qualquer ponto educacional ou didático pedagógico, presencia-se, de fato, violência física, de raça, de gênero, assédio sexual e misoginia. Soma-se, portanto, a violência contra a escola, demonstrada no modo de perseguição a seus trabalhadores, suas práticas, sua pluralidade e autonomia, encabeçada por um campo reacionário que se vale também das redes sociais para agravar as manifestações de violência na escola.

²⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/diretor-de-escola-infantil-e-exonerado-apos-fake-news-envolvendo-banheiro-sem-genero/>. Acesso em 10 set. 2024.

7 ANTIFREIRIANISMO

Com extensão que alcança os dias de hoje, a escola como instituição foi e tem sido vítima constante de ataques que vão desde sua desqualificação pública, via de regra proferida por personalidades da esfera política com alta popularidade, chegando até mesmo a ataques de extrema violência *in loco*. Parte da atuação em se degradar a escola e a educação passa por ataques contra àquele que melhor pode personificar e representar um ideal de uma educação pública, de qualidade, plural, democrática, e humanizadora, nosso educador maior, Paulo Freire.

Nascido em 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife (Pernambuco) e falecido em maio de 1997 (com 75 anos), filho de um militar e de uma dona de casa, advogado por formação, educador e filósofo, católico fervoroso, Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influência na África, América Latina, América do Norte e Europa. É também o Patrono da Educação Brasileira (BRASIL, 2012b), título outorgado durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff (RÊSES; PEREIRA; RIOS, 2021).

Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, pública e democrática. Sua experiência em Angicos, cidade do Rio Grande do Norte, em 1963, foi capaz de alfabetizar cerca de 300 trabalhadores rurais em 40h, distribuídas ao longo de 45 dias. Mais que um método, Freire nos deixou uma forma de um pensamento e uma teoria pedagógica (RÊSES; PEREIRA; RIOS, 2021).

Paulo Freire pautou muito de seu trabalho na dialogicidade que deveria ser inerente ao processo pedagógico. A utilização de seu legado em contexto escolar certamente colaboraria no estudo com professores e professoras. Todavia, no Brasil, atualmente, intensificou-se o ataque ao educador por parte de grupos conservadores e forças reacionárias, com tentativas de demonizar e reduzir seu pensamento, bem como deturpar suas falas e escritas (RÊSES; PEREIRA; RIOS, 2021).

A figura de Freire tem sido alvo de uma forte campanha, por meio de informações falsas, na tentativa de desqualificar sua obra e influenciar pessoas a não seguirem seus ensinamentos. É alvo também de ataques

nas redes sociais e em discursos políticos, a partir da força conservadora reacionária que considera o pensamento político, progressista e democrático de Freire como inimigo da nação. (p. 77)

Ademais, em grande parte, seus escritos partem da humanização por meio da educação de todos os seres humanos, processo que vai possivelmente de encontro com o cerne da questão da violência na escola. Diferentes formas de ataque **à escola, na escola ou da escola** são utilizadas de alguma forma para desumanizar, ou, conforme Freire, “coisificar” homens e mulheres, em razão da lógica do sistema capitalista (SHOR; FREIRE, 1986); logo, há quem se interessa por esse processo de desumanização da escola, em particular da escola periférica, a qual não deve se acuar, deve tomar posicionamento explícito e ter coerência com sua prática pedagógica.

Paulo Freire sempre entendeu a figura do educador como também um político. Pelo advento da ditadura empresarial-militar, passou pelo exílio, considerando seu último período de desenvolvimento na pedagogia e na política para compreensão da política da educação.

Antes de mais nada, aprendi sobre capitalismo concretamente. Ficava chocado com a divisão da sociedade em classes tão diferentes. Na mesma cidade, via milionários vivendo uma vida muito boa, enquanto milhões de pessoas tinham fome e não tinham o que comer. Minha primeira reação foi que muitas pessoas aceitam que Deus é o autor dessa desigualdade, como um teste de capacidade de amá-lo, e de amar uns aos outros, sob condições tão difíceis. Mas comecei a ler a realidade, através de uma explicação histórica dessas condições, e depois, estudei cientificamente Marx, capitalismo e economia. (SHOR; FREIRE, 1986, p. 61)

A violência contra a escola tem raízes que certamente passam pelo período da ditadura empresarial-militar no Brasil e duram até os dias de hoje. Ira Shor, em conversa com Freire a respeito do golpe de 1964, aponta que a educação “é uma inadmissível ameaça à oligarquia, à desigualdade, ao regime autoritário. Os militares e seus aliados da classe alta concluíram que a educação não poderia ser ignorada. Fazia parte da mobilização popular e devia ser reprimida” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 45).

Analisando a constituição da sociedade brasileira, Freire (SHOR; FREIRE, 1986) nos traz que: “A sociedade brasileira é uma sociedade autoritária. Para mim, racismo e machismo são expressões de autoritarismo também” (p. 196). Ainda: “Vejo o racismo e o sexismo muito ligados à produção capitalista” (p. 199). Em outra obra, o autor afirma que “O Brasil foi inventado de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos. (FREIRE, 1989, p. 21).

Nesse sentido, a própria produção material capitalista, constituinte do modo de se viver ao qual todos nós estamos na atualidade submetidos, é moldadora estrutural das diversas formas de manifestação de violência que adentram os portões de nossas escolas, uma vez que estas estão imbricadas na sociedade.

Por defender uma educação que, em suas palavras, demonstram uma ameaça política ao *status quo*, Paulo Freire foi (e ainda é) vítima das mais diversas formas de escárnio e violência, em que todo seu legado, mesmo que não sendo de conhecimento de grande parte daqueles que o atacam, o demonizam (RÊSES; PEREIRA; RIOS, 2021). A proposta de plano de governo do então candidato à presidência Jair Bolsonaro (2018), no que se refere à educação, apontou para a necessidade em se expurgar a ideologia do educador.

Ataques ao legado freiriano podem ser considerados como ataques a todo um modo de entendimento do processo educacional criado por um brasileiro para a emancipação de um Brasil melhor. Ataques ao freirianismo, portanto, são também ataques contra a escola e contra a própria educação. Sua educação dialética e dialógica encontra voz no discurso realizado por educadores e educadoras em sala de aula, e certamente ajuda no combate ao sexismo, ao machismo, ao racismo e ao autoritarismo, e na criação de uma consciência crítica, a fim de refletir em uma possível transformação social.

Rêses, Pereira e Rios (2021) argumentam que “Frente à onda conservadora e reacionária que ainda assola o País, suas contribuições são importantes para uma leitura crítica da realidade atual brasileira” (p. 65); especialmente perante um “contexto conservador, delineado no processo político eleitoral após o golpe parlamentar-jurídico-político-midiático no Brasil, em 2016” (p. 66).

Logo, é necessário e importante citar e buscar compreender o porquê dos ataques ao legado freiriano perpetrados pela extrema direita.

Atualmente, Freire é visto como inimigo por defender uma educação crítica, contrária a um modelo de educação autoritária. Como tal, é atacado por grupos e pessoas que não acreditam no diálogo, na emancipação humana e que defendem um modelo de sociedade opressora. Estes defendem formas autoritárias de educação se opõem veementemente ao pensamento freiriano, se opondo, pois, à educação como prática da liberdade. (RÊSES; PEREIRA; RIOS, 2021, p. 66)

Essa perseguição a Freire e a seu pensamento pedagógico não é novidade: vinda desde o período da ditadura empresarial militar, ganha novos contornos na atualidade. Paulo Freire esteve preso por 70 dias em Recife, durante o período do golpe de 1964, recebendo, logo após sua soltura, primeiramente asilo político na embaixada da Bolívia, no Rio de Janeiro, para depois se exilar no Chile (onde escreveu sua obra mais importante, “Pedagogia do Oprimido”), retornando ao Brasil apenas em 1979 (RÊSES; PEREIRA; RIOS 2021).

Paulo Freire está mais atual do que nunca em relação à necessidade de humanização, de politização do ato educativo, de valorização da cultura e da arte, de dialogicidade e de leitura de mundo. E não deve ser apenas uma referência teórica, pois seus ensinamentos mudam a maneira de ler, de interpretar o mundo e de se relacionar com os que estão no mundo. (p. 84)

É necessário questionarmos os ataques políticos sofridos por Freire, advindos de uma extrema direita (nesse sentido, parece ser atemporal), os quais tiveram presença durante grande parte de sua vida e continuam a ter, mesmo após sua passagem, até a atualidade. Primeiramente, é cabível considerar que ataques a Paulo Freire e seu legado são ataques à própria educação brasileira pela representatividade e importância que ele tem sobre a educação. Freire construiu em sua obra uma teoria pedagógica humanística, voltada para a libertação dos homens e mulheres contra qualquer forma de opressão, denunciando também a falácia da inexistente neutralidade política. Segundo Bodart e Marchiori (2022), “em muito explica ter sido eleito pela extrema direita

como um dos seus maiores inimigos” (p. 14). Entretanto, salientam que, de fato, a teoria freiriana não chega às escolas, como seria aprovável pelos grupos progressistas que simpatizam com sua obra comungando com seu pensamento. Na verdade o que há é uma concepção neoliberal da educação antifreiriana, “fundada no individualismo, na instrumentalização do mundo do trabalho e na falácia do empreendedorismo” (p. 30), presente nas orientações curriculares e na prática de nossas escolas, de modo geral²⁹.

Logo não faz ao menos sentido os ataques proferidos à Freire, pois, na verdade, seu legado muito pouco se espalha em formatos educacionais no solo de nossas escolas de forma teórica ou prática, fazendo com que a educação brasileira encontre base ou fundamento na proposta freiriana. Isso sim, vai de encontro ao pensamento da extrema direita: “O resultado é uma alfabetização funcional e um analfabetismo político. Os conhecimentos são destacados, muitas vezes, como “neutros”, reflexo do positivismo que há mais de um século orienta diversas fazes da educação brasileira” (BODART; MARCHIORI, 2022, p. 25). Isso nos leva a crer que Freire, para a extrema direita, é uma espécie de personagem catalisador de discursos de ódio proferidos por quem dele nada sabe, para um ataque contra a instituição escola e a própria educação.

Pereira (*apud* BODART; MARCHIORI, 2022) entende essa rejeição docente a Freire como uma caracterização de medo. Medo da problematização, da ruptura e da tensão que advém de uma prática docente progressista e libertária, intimamente ligada a tarefa política de se ensinar. Há alguma compactuação:

Os que estão abertos à transformação sentem um apelo utópico, mas também sentem medo. São afastados da convicção de que a educação deveria libertar. Viram as

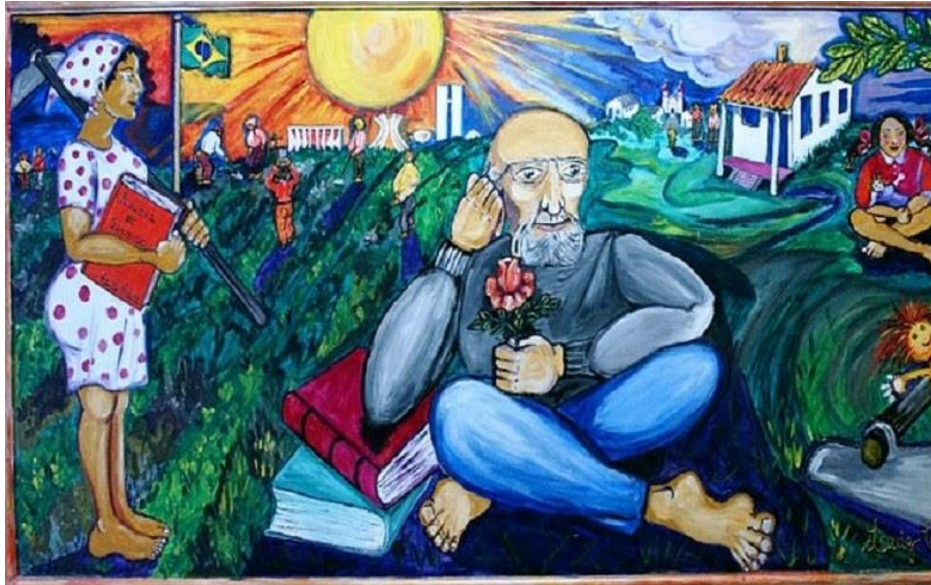
²⁹ Essa suposta ausência de Freire na escola inicia-se nos cursos de licenciatura durante a graduação. De modo pessoal, mesmo tendo sido graduado como licenciado em uma Universidade pública, o pesquisador passou por todo este trajeto acadêmico sem conhecer Paulo Freire, tendo apenas “ouvido falar” de modo superficial. Foi necessário haver uma experiência internacional na Argentina, para conhecer, de forma mais ampla e próxima, nosso caro compatriota. Como experiência pessoal, ao longo de duas décadas no chão da escola, esse discurso encontra eco também em frases, falas e atos de professores e professoras por algumas das escolas pelas quais passamos. Seja por desconhecimento, por um lapso em sua formação profissional ou pela assunção de um determinado perfil político, não é raro encontrar reverberação de um ideário antifreiriano entre colegas de profissão. A mais recente, proferida na sala dos professores recentemente, transparece certo orgulho na autoafirmação de um profissional da educação, que, segundo ele, “não fazia parte da geração Paulo Freire” (provavelmente esta pessoa em sua formação nunca leu nenhum escrito freiriano).

costas porque compreendem os riscos da política de oposição. Temem ser apontados como radicais, como pessoas que causam confusões. Os anos 70 e 80 têm sido conservadores e solitários, para que neles se firmem posições contra as autoridades. O declínio dos movimentos de massa, dos anos 60 para cá, significou que já não se reuniam grandes multidões contestando o sistema. Quem protesta, agora, torna-se individualmente mais visível, e, portanto, mais vulnerável. Se se está na oposição, em vez de estar seguro dentro do consenso do *establishment* (o currículo oficial), arrisca-se a ser despedido, ou a não ter uma promoção, ou a não ter aumento de salário, ou a não conseguir os cursos que se quer ministrar, ou para o horário que se quer, ou a licença que se pediu, ou até mesmo, em alguns casos, fica-se na mira dos grupos ultraconservadores. Quando falo com professores, o medo é uma presença palpável que ronda pela sala. Suspeito que a maior parte das pessoas sente esse medo, mas não fala abertamente sobre ele. (SHOR; FREIRE, 1986, p. 38)

Uma construção histórica de um projeto de país e de sociedade leva a esse estado das coisas como se encontram. Essa construção demonstra um projeto que envolve a formação docente e a constante desvalorização dos saberes docentes, de suas condições de trabalho, da desconstrução e dos ataques que sofre a escola. Nesse sentido, leva à desvalorização a coisa pública em geral, a própria educação e, também, todo o legado freiriano, uma vez que este, de modo contrário, levanta a bandeira da escola e de uma educação pública e plural, diversa, coletiva, dialógica, assumindo também seu caráter político.

Para Pereira (*apud* Bodart; Marchiori, 2022), um pressuposto da teoria freiriana é a caracterização da essência política da educação, uma vez que, ao educar, educamos a favor ou contra alguma coisa.

Figura 2 - Painel Paulo Freire



Fonte: Cappellano (*apud* PÁDUA, 2023).

Para ilustrar esse contexto, o belo painel de Luiz Carlos Cappellano³⁰ (Figura 2) carrega muitas categorias e características freirianas. Bem no meio, em uma de suas mãos, na esquerda mais especificamente, Freire carrega uma rosa, de cor vermelha, que pode ser um símbolo pró-socialismo ou de conhecimento e da abertura ao conhecimento, assim como a abertura de um botão em rosa. Há vários livros, em favor do aspecto literário, do conhecimento, da cultura, da palavra e da escrita. Uma mulher, provavelmente camponesa, também carrega um livro. A ela também são dados o privilégio e a tarefa de cuidar e carregar consigo tais aspectos, espalhados a homens e mulheres, do campo ou da cidade. Ao fundo, monumentos de Brasília, monumentos políticos, um cenário consolidado em formatos não isolados. Não se exclui a politicidade da educação, do conhecimento, da cultura e das lutas sociais.

Assim pode se traduzir parcialmente o educador, por toda sua vida e obra, como antirracista, antimachista, dialógico, político, que confere a educação caráter político como instrumento de luta e ação social, e, acima de tudo, humanista. Em suas palavras: “a minha preocupação primeira, que sempre me acompanhou, desde os começos de minha experiência educativa. A preocupação com a natureza humana” (FREIRE, 1996, p.128).

³⁰ Este painel localiza-se no Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional (CEFORTEPE) Prof. "Milton de Almeida Santos", em Campinas.

Eis que estão todos os pontos que vão em contrário a perspectiva conservadora, neoliberal, reacionária que passa pelo núcleo de intencionalidade da extrema direita. Quase esperado que, diante disso, o educador seja entendido como alguém passível da violência advinda desse campo do espectro político. Cabe ao campo progressista a luta em favor do grande nome que é Paulo Freire, da divulgação de seu pensamento pedagógico e da perpetuação sócio-histórica de seu legado.

8 MACHISMO, SEXISMO E QUESTÃO DE GÊNERO

Segundo o “Anuário Brasileiro de Segurança Pública” (FBSP, 2023), o DF apresentou, nos anos de 2021 e 2022, os maiores índices de racismo por homofobia ou transfobia. Em 2022, enquanto o DF apresenta uma taxa de 2,4 casos por 100 mil habitantes para esses crimes, o índice brasileiro foi de 0,4. Entretanto, é fato que há problemas de registro nas ocorrências, visto que muitas vezes não há denúncia, logo esses dados podem ser ainda maiores, com subnotificação no exposto.

O documento indica que há no DF uma grande proporção de escolas com projetos temáticos sobre homofobia, o que indica a possibilidade de trabalhar o tema na perspectiva de projeto, ainda que de modo insuficiente, com possível indicação para que o tema seja trabalhado em uma proposta inter ou transdisciplinar voltada ao PPP da escola (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Nos últimos anos, entretanto, fica cada vez mais difícil trabalhar pedagogicamente esses conteúdos, apesar de sua inevitável necessidade. Casos de perseguição aos docentes não faltam. Inicialmente, houve em Alagoas uma ocorrência, em que deputados estaduais passaram a perseguir um professor de educação física de uma Escola Estadual na cidade de São José da Tapera. As perseguições ocorreram com menções na Câmara Legislativa local, acionamento do Ministério Público, passando para ataques pessoais ao professor e também em suas redes pessoais. Deputados estaduais partícipes do movimento “Escola sem Partido” teriam fomentado caráter punitivista ao professor devido a um projeto didático pedagógico em favor da diversidade de gênero e ao combate de violência voltada ao tema. Segundo o professor: “Quanto um professor é agredido, a democracia e a liberdade de expressão são agredidas. Eu fui posto como criminoso, tenho me sentido violentado, humilhado”³¹.

Ademais, há outros exemplos, infelizmente, como em Mogi das Cruzes (SP), no ano de 2022: uma aluna trans foi brutalmente agredida por tapas, socos e chutes por outros alunos em uma Escola Estadual, após discussão e posterior

³¹ Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/professor-alagoas-perseguido-por-abordar-identidade-genero-diversidade-sexual/>. Acesso em 10 set. 2024.

humilhação. A cena foi filmada, divulgada em redes sociais e contou com audiência de outros estudantes que nada fizeram para cessar a agressão³².

Combater a chamada “ideologia de gênero” fazia parte do rol de promessas do governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB), com extensão às escolas através da SEEDF.

A promessa de não dar espaço à ideologia de gênero vai ser cumprida integralmente. Outra questão é a chamada doutrinação, e existem ações que estamos pensando e planejando para serem implementadas dentro das escolas. Porque de fato existe (doutrinação). E a gente não pode ter professores querendo que suas visões de mundo, políticas e religiosas sejam passadas aos alunos de uma forma autoritária.³³

Segundo hooks (2020), esse quadro encontra reverberação na sociedade em virtude do sexismo institucionalizado (também chamado de patriarcado), pois todos nós, homens e mulheres, de todos os tipos, temos sido socializados desde o nascimento por pensamentos e ações sexistas. Isso ocorre por meio da mídia de massa, do patriarcado, dos núcleos familiares e também por calar as vozes, inclusive **na e da escola**, que tentam algum movimento em contrário.

Ao se considerar o contexto, a extrema direita usa distintas formas de violência **contra a escola** ou mesmo **na escola** em prol do conservadorismo, pois têm medo de “abrir mão” dos benefícios. “Eles não têm certeza sobre o que vai acontecer com o mundo que eles já conhecem tão bem, se o patriarcado mudar” (HOOKS, 2020, p. 14). Desse modo, só aumenta a necessidade do conhecimento da temática e de seu estudo na escola.

Estamos diante de um cenário de reacionarismo desmedido, com visível avanço da extrema direita em setores diversos, inclusive político e educacional, em contexto internacional, nacional e mesmo distrital. Para Perrone (*apud* ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER 2019), “No Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro e o crescimento de um setor de extrema direita, que se apropria de

³² Disponível em: <https://midia.ninja/transfobia-aluna-trans-e-brutalmente-agredida-em-escola-de-mogi-das-cruzes/>. Acesso em 10 set. 2024.

³³ De acordo com Rafael Parente, primeiro secretário de educação do governo Ibaneis. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/01/07/interna_cidadesdf,729402/secretario-de-educacao-do-df-promete-combater-ideologia-de-genero.shtml. Acesso em 10 set. 2024.

desigualdades e opressões históricas, enraizadas no imaginário social, torna a luta feminista mais que necessária” (p. 19). Segundo a pesquisadora, é emblemático o caso brasileiro: elege como presidente da República, em 2018, um ex-militar apoiado pela indústria armamentista, por setores religiosos fundamentalistas, pela agroindústria e por movimentos com ideário nazifascista. Assim, conclui que “o feminismo é uma urgência no Brasil” (PERRONE *apud* ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 12).

Necessário é debater de qual feminismo analisamos, a fim de ser possível adotá-lo em âmbito escolar, almejando relevância no combate às manifestações de violência que passam por essa categoria. Nesse sentido, Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019) analisam a ocorrência de uma onda de neoliberalismo que invade ideias pretensamente progressistas, tornando o feminismo uma vertente chamada “feminismo liberal”: tendo suas bases no mercado, seria parte do problema e não sua solução. Logo, é necessário um feminismo que inclua diversas causas, não se limite às questões das mulheres e se preocupe em defender as oprimidas e os oprimidos, as exploradas e os explorados, as dominadas e os dominados, em prol da humanidade de todas e todos. Contudo, isso só ocorrerá na perspectiva da transformação do sistema social vigente, pois o sistema, o capitalismo, é originário da opressão de gênero.

Para que haja qualquer possibilidade de transformação, é preciso que haja o debate, o diálogo, o conhecimento, o uso da palavra. A escola, nesse contexto, tem natureza especial como local para essa prática no uso de suas atribuições, dado que crenças e identidades também são construídas com reflexos na conscientização de todos e todas.

Tudo isso se torna especialmente difícil e dificultado, ao calarmos os educadores que tentam, em suas práticas pedagógicas, a utilização dessa temática de forma crítica ou emancipadora. Assim, parte do motivo do incômodo e perseguição da extrema direita aos educadores, usando como lide é comum, de artifícios diversos de violência para tanto.

As questões de gênero são elementares na estrutura das relações sociais e na reprodução social. Como tal, elas permeiam os valores e atitudes das pessoas, de modo a incidir nas manifestações de violência, seja na sociedade como um todo, seja na escola em especial. Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019) apontam que a violência de gênero não é autônoma, tendo raízes na ordem

social; conseqüentemente, torna-se uma condição estrutural, que incita a homofobia e a transfobia. Pelo mesmo motivo, atrela-se a questões de raça e de classe; portanto, a luta feminista é uma luta de todas essas causas.

Nesse sentido, ao se negar o debate e o diálogo na escola, colabora-se com as manifestações de violência que nela surgem baseadas na questão de gênero (entre outras). Assim, o debate e um maior conhecimento e esclarecimento sobre a questão de gênero na escola associam-se à luta contra a violência de gênero, que por sua vez se associa ao combate contra todas as formas de violência na sociedade.

9 VIOLÊNCIA RACIAL

É fato que a escola não é isolada da sociedade: o que ocorre em uma instância, também tem ocorrência na outra. Mais que isso, Almeida (2021) argumenta que o Estado se materializa por meio de suas instituições, entre elas a escola, as quais são responsáveis por moldar o comportamento humano e produzir subjetividades, dando normas que orientam as ações dos indivíduos para a manutenção da ordem social. Nesse viés, como a sociedade é racista, suas instituições serão também racistas.

Essa temática ocorre em diversas formas de reprodução de violência; com o racismo não é diferente, sendo inclusive a escola (considerada de modo amplo: desde a Educação Infantil até a Superior) relatada como o espaço no qual as pessoas mais sofrem racismo³⁴, além de ser o primeiro lugar onde as crianças têm vivências de violência racial³⁵. Segundo Abramovay (2002), “De fato, o racismo é uma forma de exclusão social encravada na sociedade brasileira em geral e no sistema educacional em particular” (p. 192).

Esse pensamento coaduna com o trabalho de Almeida (2021), para quem o racismo é sempre estrutural: integra a organização política e econômica da sociedade, fornecendo sentido e lógica para reprodução de formas de desigualdade e de violência. De acordo com Arendt (2022),

O racismo, distinto da raça, não é um fato da vida, mas uma ideologia, e os atos a que ele conduz não são atos reflexos, mas ações deliberadas baseadas em teorias pseudocientíficas. A violência na luta inter-racial é sempre assassina, mas não é irracional: é a consequência lógica e racional do racismo. (p. 87)

O racismo é uma espécie de ferramenta, de tecnologia, cujo uso serve para a dominação de seres humanos perante sua desumanização e, dessa forma, usá-lo das formas mais distintas para garantir a um determinado grupo privilégios e benesses não validadas ou mesmo permitidas a outro grupo (racial). A dominação de um grupo vem pela opressão ao outro; essa vivência, segundo

³⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/07/27/escola-e-o-primeiro-espaco-onde-criancas-vivem-violencia-racial.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

Rêses e Costa (2015), ao negar de forma profunda a individualidade daqueles que são vítimas dessa experiência, pode se transformar em raiva e, daí, em violência.

Na escola, é comum, como aponta Abramovay (2002), a negação de qualquer tipo de discriminação racial, silenciando e mascarando o problema, o que gera frutos, como as consideradas, mas nada inocentes, brincadeiras e piadas de cunho racista. “Embora institucionalmente silenciada, a violência relacionada a práticas discriminatórias resultantes de pré-concepções quanto a raça mostra se evidente na comunidade escolar” (p. 213).

Somasse a essa situação, como dado complementar, o aumento de crimes de injúria racial no DF: de 422 casos em 2017, para 562 casos em 2021, enquanto que os crimes de racismo aumentaram de um registro em 2017 para 15 registros em 2021³⁶. Há, portanto, ambientes escolares com alta percepção de manifestações de violência expressas pelo racismo em um ente da federação (DF) com cerca de 60% da população negra, com aumento vertiginoso de registros de injúria racial e de racismo³⁷.

Segundo o “Anuário Brasileiro de Segurança Pública” (FBSP, 2023), os crimes de injúria racial no DF tiveram uma taxa de variação (para mais) de 7,8% entre os anos de 2021 e 2022, enquanto para os crimes de racismo, essa taxa de variação no mesmo período foi de 48,9%, muito superior à taxa de variação registrada no país, que foi, para o mesmo período, de 35%. Fenômeno semelhante ocorre no Estado de São Paulo, onde o número de boletins de ocorrência sobre casos de discriminação racial em unidades escolares aumentou em mais de cinco vezes, passando de nove registros no ano de 2019, para 49 no ano de 2022³⁸.

³⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/11/5047396-crimes-de-racismo-e-injuria-racial-estao-em-alta-no-distrito-federal.html>. Acesso em 10 set. 2024.

³⁷ Injúria racial é tipificada como uma ofensa de forma direcionada ao indivíduo, enquanto racismo é tipificado quando o ato abrange uma coletividade ou grupo de pessoas. Cabe ressaltar que, apesar dessa diferenciação técnica, a Lei 14.532 (BRASIL, 2023), sancionada pelo presidente Lula, equipara o crime de injúria racial ao crime de racismo, previsto na Constituição Federal como inafiançável e imprescritível (BRASIL, 1988).

³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/10/mais-de-3-mil-boletins-de-ocorrencia-de-casos-de-racismo-em-escolas-estaduais-de-sp-foram-registrados-em-2023.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

Em 2023, em uma escola de Ensino Médio na Ceilândia, uma professora de contrato temporário teria sido afastada pela regional de ensino após ter tido áudio gravado e divulgado por outros estudantes, chamando um aluno de “preto, pobre e feio”. No áudio divulgado é possível ouvir a professora dizendo: “Tu é preto, pobre e feio, se você quer ser burro, *ok*, não vem na minha aula. Não quero olhar na sua cara, ter o desprazer. Você acaba com o meu dia. Você não faz nada, só fica zanzando na aula”³⁹. Na mesma regional de ensino, em outra escola de Ensino Médio, uma professora de português ganhou de um estudante uma esponja de aço como “presente” alusivo ao dia da mulher, enquanto outros estudantes riam ao fundo da sala. O ato foi filmado por outros alunos e divulgado nas redes sociais⁴⁰.

Em uma Escola Estadual de São Paulo, de forma mais extremada, sete alunos da escola espancaram com socos um estudante negro, portador de deficiência intelectual, após dias de ofensas proferidas a ele. Nesse caso, as ofensas eram de cunho racista, homofóbico e de intolerância religiosa (contra as religiões de matriz africana)⁴¹. Intolerância religiosa e racismo também motivaram agressão sofrida por uma aluna de 14 anos em uma escola militarizada na região administrativa de Sobradinho, no Distrito Federal: uma tenente que trabalha na escola tentou arrancar do pescoço da estudante, pelo uso de força física, um colar típico das religiões de matriz africana. Em reunião escolar para se tratar do ocorrido, o sacerdote responsável pela aluna esteve presente e foi insultado pelo diretor do centro educacional. A estudante foi autorizada a voltar a usar seu adereço por dentro do uniforme, de forma a não ser mostrado e visto por outros membros da comunidade escolar⁴².

A escola é uma instituição do Estado em que as pessoas têm vivenciado diferentes modos de violência, dentre elas o racismo que se expressa de forma física, simbólica, psicológica, afetiva, subjetiva, tal qual na sociedade, em que

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/10/24/racismo-na-sala-de-aula-secretaria-de-educacao-do-df-afasta-professora-que-chamou-estudante-de-preto-pobre-e-feio.ghtml>. Acesso em 9 set. 2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/13/video-mostra-ataque-racista-a-professora-da-rede-publica-do-df.ghtml>. Acesso em 9 set. 2024.

⁴¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/estudante-negro-e-espancado-por-colegas-de-escola-em-sao-paulo/>. Acesso em 9 set. 2024.

⁴² Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/03/5077168-aluna-do-df-sofre-racismo-por-usar-colar-de-religoes-africanas.html>. Acesso em 9 set. 2024.

aparece e se manifesta em sua própria estrutural material, política e econômica. Mesmo que sua manifestação pareça ser individual, ela só surge após amplo processo de construção em sua estrutura, notando-se, portanto, o grande acerto do atual Governo Federal na equiparação da tipificação legal de injúria racial e racismo.

O racismo é uma construção social, ou seja, não é uma característica nata do indivíduo. As pessoas não nascem racistas, e, de algum modo perante a sociedade na qual estão inseridas, elas se tornam racistas, apontando ainda em seu caráter estrutural, como diferentes instâncias e setores também têm responsabilidade em sua produção e reprodução, assim como em seu combate (ALMEIDA, 2021).

Na escola não é diferente. Faz parte da responsabilidade da instituição escola o combate ao racismo, uma vez que sua construção passa por seus portões em movimento interno e externo. Para esse combate, é necessário esclarecer e divulgar sobre o assunto. A negação do debate, do diálogo e do estudo do tema racismo por parte da escola ou de membros da comunidade escolar, principalmente os mais envolvidos diretamente no processo de ensino e aprendizagem, caracteriza-se por si como um ato racista. Grada Kilomba, no prefácio a obra de Fanon (2020), “Peles negras, máscaras brancas”, aponta que “este tipo de ausência, no qual algo que existe é tornado ausente, é uma das bases fundamentais do racismo” (p. 12).

Precisamos, pois, em nossas escolas, educar nossos alunos e nossas alunas de forma antirracista, incidindo de forma direta na violência em âmbito escolar, e mesmo fora deste, de forma positiva. Educar para libertar os oprimidos e opressores, vítimas e algozes das práticas racistas do que lhes move de modo individual ou institucional para que haja reflexos, quem sabe, na estrutura da sociedade. Esta é uma missão para todos. Segundo Almeida (2021), “Por seus efeitos deletérios, o problema racial deveria ser visto como também dos brancos e de toda a sociedade” (p. 157). Nesse sentido, é mister que, “Ao mesmo tempo, compreendemos que a raiz do problema é o capitalismo, do qual o racismo e o imperialismo são parte integrante” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 77).

10 ARMAS DE FOGO E DISSEMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Consideramos a importância de destacarmos um paralelo existente no recorte temporal proposto, entre a violência e a grande flexibilização de acesso a armas de fogo durante o período analisado, com reflexos que indubitavelmente chegam ao âmbito escolar. Mesmo esse fato sendo talvez facilmente aceito ou atestado, há subsídios nos documentos consultados e na literatura indicam materialidade a essa afirmação.

O “Atlas da Violência 2023” (CERQUEIRA; BUENO, 2023) enfatiza a causalidade consensual na literatura entre aumento na violência e aumento na circulação de armas de fogo. Duas décadas antes, em 2002, Abramovay argumenta que: “Um outro fenômeno associado a situações de violência é a disponibilidade de armas de fogo e as mudanças que isso impões às comunidades conflituosas, contribuindo para o aumento do caráter mortal dos conflitos nas escolas” (p. 73). Segundo o relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil” (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022), ocorreu, no período abrangido por nosso estudo, “vulgarização de discursos de estímulo e incentivo ao uso de armas pela população civil, utilizados por altas autoridades públicas, incluindo-se o Presidente da República, Jair Bolsonaro” (p. 29).

Ademais, nesse período, houve aumento gritante da quantidade de armas de fogo em posse dos interessados em adquirir armamentos. O número de pessoas físicas com registro de armas de fogo em 2016 era de 55.306; em 2022, esse número passa para 738.385 (FBSP, 2023), com aumento mais expressivo entre 2021 e 2022, anos finais da gestão do presidente Bolsonaro (PL). Durante seu governo, foram editados 17 decretos, 19 portarias, duas resoluções, três instruções normativas e dois projetos de lei que facilitam as regras para aquisição de armas e munições⁴³, provocando profundas mudanças no mercado de armamentos e evidenciando o descontrole na política de armas de fogo, inclusive com acesso a armas e calibres até então restritas. Essa mesma legislação armamentista resultou no crescimento de 476% dos registros ativos

⁴³ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/23/armas-no-governo-bolsonaro-cresce-risco-a-populacao-e-tambem-as-policias-alerta-pesquisadora>. Acesso em 10 set. 2024.

de caçadores, atiradores e colecionadores (CAC), entre 2018 e 2022 (CERQUEIRA; BUENO, 2023).

Ainda segundo o “Atlas da Violência 2023” (CERQUEIRA; BUENO, 2023), caso não houvesse essa nova legislação permissiva, pelo menos 6.379 vidas poderiam ter sido poupadas entre 2019 e 2021 (considerado o ano auge da política armamentista). Ou seja, a maior circulação de armas de fogo opera para aumentar as mortes na sociedade: “Com efeito, [...] há consenso na literatura científica de que a difusão de armas aumenta os homicídios.” (CERQUEIRA; BUENO, 2023, p. 103).

Segundo Abramovay (2002), “o uso de armas nas escolas aparentemente reflete a sua socialização no ambiente doméstico” (p. 260). Nesse cenário, invariavelmente confirmamos: o que acontece na sociedade gera reflexos nas escolas; portanto, é mister apontarmos a relação perniciosa trazida pela política armamentista de Jair Bolsonaro (além de toda sua vociferação em discursos de ódio) e os ataques extremos realizados em escolas que tiveram armas de fogo em sua ocorrência.

11 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS E APOLOGIA AO NAZISMO

No fim do capitalismo, desejoso de se sobreviver, há Hitler. No fim do humanismo formal e da renúncia filosófica, há Hitler. (CÉSAIRE, 1978, p. 19)

Durante o transcorrer da pesquisa realizada e da escrita deste trabalho, por diversos momentos foi recorrente o aparecimento de termos e temas ligados a manifestações e ações políticas de extrema direita, com vinculação e nomenclatura apontada como nazismo, fascismo, nazifascismo, ou neonazismo. Encontramos na literatura, nos documentos consultados e em várias notícias consultadas ligadas ao tema central de nosso trabalho algum tipo de vinculação com o tema e o aprofundamento do fenômeno por nós estudado.

Infelizmente, o nazifascismo não acabou com o fim da Segunda Guerra Mundial: as ideias e os ideais continuaram. Elas e eles estão impregnados sem que as pessoas, em sua maioria, os reconheçam por completo. Alguns simpatizantes, com consciência demonstram suas preferências por meio de tatuagens, gestos, simbologia representada pela semântica ou pela semiótica de seus comportamentos e meios comunicacionais. Eles têm em seus corações a intolerância, o racismo, a incompreensão e o ódio.

Tudo isso tem surgimento em várias instâncias da sociedade, e não poderia ser diferente com a escola como instituição componente, produtora e reprodutora do Estado. Segundo Almeida (2021), “Os regimes colonialistas e escravistas, o regime nazista, bem como o regime do *Apartheid* sul-africano não poderiam existir sem a participação do Estado e de outras instituições como a escola, igrejas e meios de comunicação” (p. 87).

Diferenciamos nesta pesquisa o chamado campo de direita no espectro político ou político partidário, e o campo da extrema direita, que ultrapassa o primeiro, indo para um lugar não democrático, no qual o extremismo é levado para outras esferas de extraordinário preconceito, atitudes extremadas que, via de regra, contemplam um grande rol de modos de manifestação de violência que atingem e chegam também ao âmbito escolar. Esse quadro aprofundou-se durante os últimos anos no Brasil, sobretudo no recorte temporal proposto, misturando-se ao cenário político partidário eleitoral.

Em novembro de 2022, um mês após o pleito eleitoral daquele ano, ao escrever o número 13 (número do Partido dos Trabalhadores - PT) na lousa, um professor do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola privada de São Paulo foi hostilizado pela turma causando alvoroço: o número era de uma aluna que havia faltado aquele dia. Ademais, uma colega desde mesmo professor sofreu questionamento apenas por estar vestida na cor vermelha na mesma semana, enquanto alunos enfeitavam suas carteiras com frases do tipo “minha bandeira jamais será vermelha”⁴⁴.

Em colégio tradicional de Curitiba (PR), no dia seguinte ao primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, um grupo de alunos gravou um vídeo com um deles urinando em uma bandeira do PT com o rosto do (até então) candidato Luís Inácio Lula da Silva, aos gritos de “aqui é Bolsonaro”⁴⁵. Oito alunos foram suspensos por envolvimento no caso⁴⁶. Ainda na capital paranaense, duas estudantes foram hostilizadas por vestirem camisetas vermelhas após as eleições e quase apanharam, enquanto que alunos de alguns dos colégios de elite da cidade se organizaram em grupo no WhatsApp para defenderem abertamente uma ação armada a fim de impedir a posse do presidente (que seus pais desprezam) em um misto de ironia e discurso real de ódio. “Quem vai ser o herói que vai matar o Lula [?]”, escreveu um dos participantes. “A 12 do meu pai chegou sexta-feira kkk”, dizia uma mensagem. É notório como “Os rastros de ódio plantados pelo bolsonarismo em corações e mentes pintadas de verde e amarelo são hoje o grande legado deixado por quem assumidamente trocou os livros pelas armas”⁴⁷.

Em escola particular da cidade de Valinhos (SP), foi criado um grupo de Whatsapp onde eram compartilhadas mensagens de cunho racista, xenofóbicas (“quero que esses nordestinos morram de sede”), misóginas, de violência política

⁴⁴ Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/politica/alunos-em-colegio-de-elite-ameacam-professor-que-escreveu-numero-13-na-lousa-eu-pago-seu-salario.html>. Acesso em 10 set. 2024.

⁴⁵ Cabe destacar que Curitiba foi uma das capitais onde o candidato Bolsonaro obteve a maior proporção de votos.

⁴⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/10/10/interna_politica,1405464/aluno-urina-em-bandeira-do-pt-em-escola-particular-de-curitiba.shtml#google_vignette. Acesso em 10 set. 2024.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/11/professor-e-hostilizado-apos-escrever-numero-13-no-quadro-foi-bizarro-uma-histeria-mesmo.html>. Acesso em 10 set. 2024.

(“se ele fez com judeus, eu faço com petistas também”) e de referência a Adolf Hitler e Benito Mussolini, em claras alusões nazista e fascistas. Ao questionar o conteúdo compartilhado, um estudante negro foi excluído do grupo e passou a receber ofensas e ataques em outra rede social (Instagram) e na escola⁴⁸.

Em Santo Amaro, Zona Sul da capital paulista, uma professora de sociologia sofreu ataques de racismo com apologias ao nazismo em Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio onde leciona. Na lista de presença dos alunos na escola, onde deveria estar escrito seu nome, a professora encontrou a palavra “macaca”. Na mesma escola, presenciou carteiras estudantis com a suástica nazista desenhada. Trabalhando na escola desde 2017, a docente recebeu reclamações de pais e de alunos sobre temáticas estudadas em sala durante as aulas de seu componente. Segundo a professora:

Precisávamos de plano de enfrentamento [contra o racismo e o nazismo] que têm de ser institucional. Isso pode sugerir que temos estudantes vinculados a grupos neonazistas. Se não tivermos estudantes que são membros de grupos de neonazistas, talvez que estejam sob influência dessa ideologia, seja por internet ou família.⁴⁹

Na cidade de Contagem (MG), uma escola municipal foi vandalizada, tendo uma exposição alusiva ao mês da consciência negra destruída e seus muros pichados com símbolos nazistas, por volta de duas semanas após o ataque realizado em Aracruz⁵⁰.

Em escola particular localizada na Octogonal, bairro nobre de Brasília, um aluno de 16 anos do Ensino Médio foi suspenso das atividades pedagógicas após projetar uma suástica no quadro, durante uma apresentação em uma aula de geografia, e fazer a saudação nazista elevando o braço. As imagens foram

⁴⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/11/01/policia-investiga-ataques-racistas-com-referencias-a-hitler-contr-a-estudante-negro-de-escola-particular-de-valinhos.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

⁴⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/10/macaca-e-simbolos-nazistas-professora-negra-de-sp-sofre-ofensa-racista-em-lista-de-alunos-e-acha-suastica-e-ss-em-escola-municipal.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/video-escola-e-depredada-e-tem-muros-pichados-com-simbolos-nazistas>. Acesso em 10 set. 2024.

divulgadas na Internet⁵¹. Também em Brasília, na Asa Sul, outro bairro nobre da capital brasileira, um jovem de 20 anos foi apreendido pela polícia civil, suspeito de planejar ataques e massacre em escolas do DF. O rapaz participava de grupos nazifascistas na Web há pelo menos um ano. Em seu celular, foram encontradas fotos e vídeos com conteúdo de pedofilia⁵².

Mesmo nas instituições de Ensino Superior, é possível detectar casos semelhantes aos descritos. A biblioteca do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (Unicamp) foi pichada em muros, cadeiras e computadores com ameaças, símbolos nazistas e outras referências de racismo e supremacia branca⁵³.

Um ponto fundamental para compreender o extremismo de direita é que a ideia de supremacia branca e masculina é um elemento constitutivo desses grupos, movimentos e regimes. O movimento contemporâneo se pauta pelos exemplos de extremismo existentes durante o século XX, como o nazismo e o fascismo italiano. (CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO, 2022, p. 4)

Já na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quatro alunos integrantes do corpo discente da instituição foram presos por, segundo a polícia civil local, participarem de uma célula nazista no estado. Os estudantes, entre 20 e 24 anos, eram alunos dos cursos de Engenharia de Agricultura, Engenharia Automotiva, Letras e Direito⁵⁴. A mesma instituição recebeu uma carta apócrifa, com ameaças de cunho racista, misógino, homofóbico e nazista. A carta, compartilhada nas redes sociais, dizia que:

Iremos limpar a universidade e fazer um mundo melhor para os nossos filhos e netos. Mulheres gordas nem para serem estupradas servem. Mulher preta nem para carregar filho serve. Lugar de preto é trabalhando na roça, não em

⁵¹Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/04/01/aluno-de-escola-particular-de-brasilia-e-suspenso-apos-fazer-apologia-ao-nazismo-em-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

⁵² Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/03/4996862-suspeito-de-planejar-massacre-estava-em-grupos-nazifascistas-ha-1-ano.html#google_vignette. Acesso em 10 set. 2024.

⁵³ Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2018/08/biblioteca-do-iel-da-unicamp-e-atacada-com-pichacoes-fascistas-e-racistas/>. Acesso em 10 set. 2024.

⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/10/24/ufsc-pedira-informacoes-a-policia-sobre-alunos-presos-em-acao-contra-neonazismo-para-adotar-medidas.ghtml>. Acesso em 10 set. 2024.

faculdade. Mulher em casa cuidando e esperando o marido.⁵⁵

Ideais, nascidos tantos anos atrás, não morreram na sociedade e têm encontrado e apresentado materialidade em âmbito escolar, surgindo e se associando a manifestações de extrema direita com nítido culto a simbologia e a práticas nazistas, fascistas ou neonazistas, com uso de diferentes formas de desumanização. Para isso, se valem da intolerância, do racismo, do ódio a tudo que seja diferente, sejam corpos, cores, gêneros ou comportamentos, normalmente vitimando mulheres, negras e negros, com intencionalidades que ganham tom de eugenia, de uma limpeza étnica na perspectiva da supremacia branca e da aniquilação metafórica ou não do outro. Espalham-se em diferentes níveis educacionais, deste o Fundamental ao Superior, passando pelo Médio, em diferentes contextos socioeconômicos, entre escolas públicas e privadas, estaduais, municipais e federais, em diferentes regiões geográficas e estados da federação, tendo as redes sociais como pano de fundo para colaborar com a complexidade do quadro. Por outro lado, infelizmente as escolas parecem ter poucos recursos e conhecimento de como fazer o enfrentamento e, principalmente, a profilaxia, a prevenção a esse fenômeno.

Há de se notar também o comum entrelaçamento que algumas dessas manifestações fazem ao cenário político partidário contemporâneo de suas manifestações, com o chamado bolsonarismo.

⁵⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/11/04/ufsc-recebe-carta-nazista-e-assinatura-da-ss-iremos-destruir-voces.htm>. Acesso em 10 set. 2024.

12 ENTREVISTAS

Com o objetivo de ampliarmos a análise da questão problema, além de dar materialidade e concretude aos objetivos propostos neste trabalho, optamos por realizar entrevistas investigativas com alguns membros da escola selecionada no recorte temporal proposto⁵⁶.

Foram realizadas quatro entrevistas no período de 30 de abril a 16 de maio de 2024. Para a seleção dos entrevistados, foi importante haver profissionais da educação que estiveram na escola pesquisada durante o período do recorte temporal abordado nas posições de diretor, vice-diretor e coordenador, além de um representante docente que esteve em sala de aula naquele período. Todos os participantes ainda trabalham na escola: hoje em dia, dois atuam como coordenadores escolares e dois lecionam seus correspondentes componentes curriculares em sala de aula.

O perfil dos participantes é diversificado (Tabela 2). São dois do gênero masculino e dois do gênero feminino, com idades entre 37 e 44 anos, e tempo de prática pedagógica variando entre 7 e 10 anos. Todos têm graduação (licenciatura), sendo que um participante possui uma pós-graduação *latu sensu* e um participante está cursando mestrado profissional na UnB. Todos os entrevistados moram a certa proximidade da escola. Um mora na mesma região administrativa (Itapoã), outro é morador do Lago Norte, um mora em Sobradinho e a última mora em Sobradinho II, podendo assim dar alguma aproximação maior em relação a realidade do contexto socioeconômico da escola. Três participantes fazem parte do quadro de servidores concursados da SEEDF, e um trabalha em regime de contratação temporária.

Tabela 2 – Perfil dos Participantes

Participante	Gênero	Função (à época)	Disciplina	Tempo de prática pedagógica	Idade	Nível educacional	Residência	Regime de contratação
1	Feminino	Diretor	Português	10 anos	44	Graduação	Itapoã	Efetivo
2	Masculino	Coordenador	Educação Física	9 anos	40	Graduação	Lago Norte	Efetivo
3	Feminino	Vice-diretor	Artes	10 anos	37	Mestranda	Sobradinho	Efetivo
4	Masculino	Professor	Geografia	7 anos	41	Especialização	Sobradinho II	Temporário

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁶ Os trechos das entrevistas selecionados após análise foram transcritos *ipsis litteris*.

Três entrevistas (1, 2 e 4) foram realizadas na escola estudada, em locais livres de barulho e interrupções momentâneas, com permissão e anuência da direção da unidade escolar atual, e uma entrevista (3) foi realizada em uma praça pública no turno matutino por solicitação do participante, em um período também livre de barulho e interrupções.

O questionário foi construído por nós em parceria com o orientador. O roteiro é semiestruturado, com 10 perguntas abertas que, invariavelmente durante a realização das entrevistas, levaram a outras perguntas para ampliar a compreensão e o entendimento.

Todos os participantes das entrevistas assinaram um termo de consentimento (Anexo 1). Buscando zelar pela identidade dos entrevistados, seus nomes não foram indicados neste trabalho.

As entrevistas foram gravadas em áudio por meio de um aparelho celular e posteriormente transcritas para formato de documento.

12.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Inicialmente, o entendimento da complexidade e da amplitude que abarca o tema violência escolar parece ser bem compreendido pelos participantes da pesquisa e encontra respaldo na literatura consultada, nos documentos analisados e mesmo nos elementos e nas categorias averiguados em notícias divulgadas pela mídia relacionadas ao fenômeno por nós estudado, destacados e analisados em diferentes capítulos que compõem esse trabalho. O Apêndice 1 reúne os temas analisados a seguir.

Eu acredito que nós temos que pensar em violências escolares, porque são muitas, né? Elas partem tanto das relações entre os estudantes, como também em muitos momentos de professores para estudantes, estudantes pra os professores, então elas são muitas, né? (Participante 3)

Partimos de uma concepção ampliada do fenômeno da violência em âmbito escolar, a qual tem se intensificado e se manifestado em novas configurações.

Foram citadas, de forma constante, tanto a violência física como a violência verbal e alguns derivativos destas, como a violência psicológica e a emocional, por exemplo:

São gatilhos né, tem estudantes que dependendo de algum fato que tenha acontecido na família, por exemplo, perdeu o pai ou perdeu a mãe e um outro estudante faz a brincadeira, né, insinuando a falta da mãe, a falta do pai que não tem quem cuida, não tem quem acompanhe, isso afeta emocionalmente e psicologicamente também o estudante. (Participante 1)

Sobre a violência do núcleo familiar:

[...] muitas vezes, os estudantes sofrem as violências da vida deles, assim mesmo a questão dos pais, dos avós, dos tios, dos parentes mais próximos e eles já vêm para a escola com uma história de violência e aqui na escola a gente tem casos de violência entre eles, muitas vezes vindo lá de fora e muitas vezes aqui dentro da escola mesmo. (Participante 2)

[...] tem a questão familiar, que ele sofre uma violência fora da escola, questão familiar é muito, muito forte, então, muitos vêm pra cá com esse, esse peso, assim, nas costas de algumas violências que eles sofrem na vida e acabam meio que, entre aspas, descontando em algumas questões na escola. (Participante 2)

Concordando, segundo o Participante 4: “é a violência que vem de casa e acaba refletindo dentro da sala de aula, é assim que eu vejo essa violência, então é algo que vem lá de fora, internaliza aqui na escola”.

As famílias, em algum ponto, embora tentem ser chamadas para colaborar com o meio escolar, meio que também é delas, como membros de diferentes segmentos da comunidade escolar, parecem também, dentro do exposto nas entrevistas, colaborar com o cenário de violência cometida contra a escola:

Eu acho que a família deveria ser mais presente, tem muitos estudantes que não tem acompanhamento próximo da família, às vezes a gente tem dificuldade para entrar em contato com qualquer responsável, pai, mãe, seja um irmão mais velho a gente tem muita dificuldade de que eles participem, que eles acompanhem, mesmo aqueles que acompanham não são tão compreensivos, geralmente eles culpam a escola pelas coisas que acontecem, eles acham

que há omissão falta de policiamento, falta de segurança, então eles sempre culpam a escola, então quando eles vem eles não vem pra se juntar à escola e tentar uma solução, eles vem mais pra acusar a escola. (Participante 1)

É possível notar diferentes tipos e manifestações de violência, as quais interagem entre si e são, até mesmo, geradas e alimentadas umas pelas outras. Quase que, invariavelmente, passa por algum ponto ou algum contexto social de fora dos muros da escola: “e tem a ver aí com um contexto de uma comunidade também, de uma sociedade, né?” (Participante 3).

Rêses e Costa (2015) lembram-nos de que a escola, convivendo diariamente com situações dramáticas, é o local onde a violência generalizada da sociedade se torna ação, surgida de sentimentos de injustiça, de não reconhecimento e de discriminação racial e cultural. Nas entrevistas, a partir do âmbito privado familiar, retira-se o contexto que vai para o público e é utilizado para violar a individualidade de alguém travestido na forma de “brincadeira”, entretanto violenta, que pode gerar outros tipos de violência. De forma semelhante, “brincadeiras” escondem preconceitos muito reais e latentes na escola, conforme os participantes apontam em alguns momentos durante as entrevistas: o *bullying*:

Aqui a gente tem violência, por exemplo, tem muito *bullying*, é um tipo de violência, o racismo é um tipo de violência e aqui eles lutam muito com essas coisas, a questão de agressão verbal é uma violência assédio a gente tem aqui na escola já teve entre os estudantes também, é uma violência, e a agressividade é a violência que é na briga mesmo, então são essas violências que a gente tem aqui na escola. (Participante 2)

[...] sempre começa, no meu ponto de vista, né, pela verbal, por agressões, primeiro, que começam com essas brincadeiras, que eles generalizam, chamando tudo de *bullying* e tal, mas que são as violências estruturais mesmo da nossa sociedade. (Participante 3)

Parece, em alguns momentos haver uma diminuição do problema de fato, quando não se nomeia o problema enfrentado e se busca uma generalização convencionalmente chamada *bullying*, diminuindo o problema real:

Hoje em dia, tipo assim, tudo é *bullying* [...] mas aí a gente vai entendendo, aprofundando, convivendo na escola, vai entendendo que não é só isso, né? [...] Essa semana em conselho de classe, a gente também entre professores e uma professora toda hora e falam “ah, aquele aluno moreninho”, a gente, há violência também, porque eu tenho falado com os meus estudantes, não tem problema você falar que seu colega é negro, ah, qual o problema. Então, assim, essas violências desse racismo estrutural também da nossa sociedade, então, assim, que acontece, ah, aquele estudante lá ele é preguiçoso, né, então isso para mim é uma violência também de um professor para com aluno, né? (Participante 3)

É preciso alertar para o entendimento de possível diminuição da gravidade de algum ato ou fato ao tratá-los de forma genérica. O termo *bullying* pode mascarar o racismo por exemplo, notoriamente algo muito mais grave e profundo. As duas ações, “racismo e *bullying*, muitas vezes se confundem, sendo necessário fazer uma distinção entre ambos para que não sejam abordados da mesma forma, principalmente no campo da educação” (DIAS; RODRIGUES; MAGEDANZ *apud* SILVA; DIAS, 2022, p. 23). Ambas precisam ser compreendidas e tratadas de formas distintas: tratá-las de forma semelhante é silenciar a questão racial, o que agravaria o problema do racismo.

Concordando com esse ponto:

[...] o entendimento, né, fazer com que os nossos estudantes negros entendam o que estão passando, o que que estão sofrendo, é importante, porque se a gente coloca dizendo assim “ah, é *bullying*”, a gente tá só tampando o sol com a peneira. (Participante 3)

Um elemento constante é a observação da falta de diálogo perante alguma situação, gerando o uso de algum outro instrumento, alguma outra forma resolutiva que, em muitas oportunidades, é alguma forma violenta: “a violência escolar, eu entendo isso, é alguma forma que eles têm de resolver alguns problemas que eles têm dentro da escola sem ter o diálogo, e aí não tem a mediação de conflito e aí eles têm essa violência escolar” (Participante 2). De acordo com Abramovay (2002), “Em muitos casos parece que os alunos não conseguem se comunicar, conversar, e resolver seus conflitos, iniciando discussões que terminam em violência física” (p. 242).

Em sua maioria, os próprios estudantes são as maiores vítimas dos atos violentos relacionados a escola, não isentando entretanto professores e demais servidores, com destaque maior para a manifestação da violência verbal. A forma como se fala, ou seja, o jeito de falar com alguém pode ser considerado uma agressão e entrar no rol das violências cometidas **na escola** ou **pela escola**, dependendo do contexto e dos sujeitos envolvidos

Todos. Eu acho que desde o pessoal da limpeza, todos sofrem com as violências geradas na escola, não são só os estudantes, os professores estão adoecidos, muitas pessoas também [...] todos sofrem com as violências, porque é a falta de empatia, a falta de se colocar no lugar do outro, falta dos valores. (Participante 3)

Em concordância, o Participante 4 aponta sobre a questão, descrevendo, inclusive, uma ameaça sofrida durante atividade esportiva pedagógica realizada na escola:

As vítimas são todos, toda a comunidade escolar sofre essa violência [...] é professor, gestão, estudante, pais, tá todo mundo conectado com essa violência que ocorre no nosso país. [...] Eu fui já ameaçado, nessa escola mesmo, por um estudante. A gente fez um jogo de futebol, e aí a gente fez porque não tinha mais horário, ia acabar, era um negócio que a gente fez sem planejamento também, mas aí a gente jogando lá, e eu estava apitando esse jogo, e aí o menino não concordou com o meu juízo que eu fiz sobre ele, né, dei um amarelo para ele, e aí ele veio para cima de mim, e aí me ameaçou, falando que ia me matar, e aí levaram ele para fora da escola, e aí ele começou a jogar pedra lá na quadra, e aí ele falou realmente que ia me matar, aí ele passou dois dias ele falou assim, pediu desculpa pra mim e disse que não ia fazer nada, só que esse estudante já era envolvido com conflitos de violência fora da escola também, inclusive o apelido dele era dentinho, porque a polícia militar quebrou o dente dele. (Participante 4)

De igual forma, os estudantes também são os maiores sujeitos praticantes de atos de violência, à medida que também são as maiores vítimas. Em grande parte, eles cometem esses atos uns com os outros, não se restringindo entretanto apenas a esse segmento da comunidade escolar: “Eu poderia dizer todos e alguns [...]. De alguma maneira, violência, assim, não são todos, mas em todas as áreas têm”. (Participante 3). Para o Participante 4, “geralmente, é mais

o aluno com o professor, mas também ocorre uma violência às vezes do professor com o estudante [...] também tem a violência de às vezes da gestão com o professor também, pode ocorrer também”.

Os anos de 2022 e 2023 foram constantemente apontados como os mais violentos de forma geral pelos participantes da pesquisa, indicando um possível processo de escalada no recorte temporal proposto. “Eu acho que, a todo ano, a cada ano que passa, vai só aumentando essa violência na escola, então, assim, eu comecei o meu magistério em 2017, então eu vejo que a cada ano que está passando a gente está ficando mais violento” (Participante 4).

Concordamos com o apontamento do participante que inclusive, inicia sua prática pedagógica no ano seguinte ao marco temporal que inicia a construção deste trabalho. De lá pra cá, como demonstramos nessa dissertação, houve uma predominância da extrema direita no cenário sociopolítico. É possível também alguma correlação com a pandemia de COVID-21 pela qual toda a sociedade global passou.

Em 2020, primeiro ano da pandemia, o ano letivo da escola analisada seguiu em sua quase totalidade de forma remota, *online*. Os estudantes, além de apresentarem nos primeiros momentos algumas dificuldades de ordem técnica ou material (ou ambas), também se perceberam isolados de forma inédita, sem a interação social, característica de todo ambiente escolar.

Em 2021, ainda ano pandêmico, a maioria das escolas passaram a funcionar em sistema híbrido, ou seja, dividia-se o corpo docente em dois grupos que se alternavam semanalmente: uma semana de forma presencial na escola, e uma semana ainda em formato de ensino remoto, *online*. Essa medida, entre outras iniciativas, foi adotada na intencionalidade de se minimizar o potencial perigo da volta em sua totalidade para o ensino presencial, uma vez que o isolamento social era considerado, e mostrou se realmente eficaz, a melhor maneira de se conter o avanço da pandemia.

Apesar de o Governo Federal à época ter sido extremamente negligente no que diz respeito as medidas necessárias a serem tomadas em razão da pandemia, em 2022, as escolas voltaram a funcionar em modo totalmente presencial. Nesse ano, como consta nos relatos, foi possível observar grande aumento nas manifestações de violência na escola, com plena manutenção no ano de 2023 segundo os participantes. Necessário frisar o turbilhão no cenário

político eleitoral e partidário pelo qual o país passava, uma vez que 2022 foi também ano eleitoral, com o Brasil claramente dividido em setores polarizados, com extensão que chegava às escolas por meio de diversos atores da comunidade escolar, além de uma enxurrada de notícias, verdadeiras e falsas, divulgadas pelas inúmeras fontes midiáticas e disseminadas via redes sociais.

Nesse período, o panorama político estabelecido pelo complexo contexto eleitoral colocou a escola instituição como sujeito constante de violências tornadas públicas, via de regra, por membros do poder executivo à época, com repercussões diretas na escola estudada:

Quando a gente tem um governo que fica dizendo que o professor não pode fazer ideologia, que o professor não pode isso, não pode aquilo, fica acusando, apontando o professor, o aluno escuta aquilo e ele também vai. [...] É quando você tem pessoas que falam que escola não ensina, que universidades é só balbúrdia, a gente tem com certeza isso um reflexo aí na nossa sociedade, não tem como. (Participante 3)

Você pega um Bolsonaro; ele falou e citou a violência, falando que ia metralhar a petralhada, isso não é uma postura de alguém que é candidato a presidente, então isso aí acaba influenciando todos os segmentos da sociedade [...] Hoje em dia o estudante tem, não sei, ele tem mais disposição de entrar com uma faca, de querer ferir alguém dentro da escola. Na minha época existia a violência, mas não nessa proporção, hoje é muito maior. (Participante 4)

Apesar de extrapolar nosso recorte temporal, há de se registrar caso de esfaqueamento ocorrido no ano de 2024 na porta de acesso da escola, conforme relato de um dos participantes das entrevistas.

[...] esse ano que eu citei, que a gente está ainda terminando o primeiro bimestre agora, teve o caso do menino que foi esfaqueado na porta ali, no corredor de entrada da escola, esse ano teve isso. [...] ele foi esfaqueado por estudantes da própria escola também, ele estudava aqui e os estudantes que esfaquearam ele também eram daqui. (Participante 1)

Como descrito, após briga iniciada fora da escola por motivo não conhecido e não relatado, um estudante, na tentativa de se proteger, entrou na escola e foi alvo do golpe de faca: “Ele foi internado, fez uma cirurgia, estava com risco de vida, mas ele sobreviveu, não tive mais notícias, a última que eu

tive é que ele estava fazendo fisioterapia e ele tinha grande chance de voltar a andar” (Participante 1). O agressor como consta, foi transferido de escola e ocorreu investigação policial, sem que se saiba até o momento seu desfecho.

Foi relatada a existência de diferentes fatores externos à escola, influenciadores das manifestações ocorridas dentro dela. Alguns, são problemas de polícia, situações do cotidiano violento das grandes cidades, que adentram os muros da escola.

Olha, alguns estudantes a gente sabe, assim, por denúncia, que alguns estudantes são filhos de traficantes, então há uma rixa também entre facções que existem em Itapoã, então há uma rixa entre eles, há uma briga às vezes e desencadeia aqui dentro da escola, entre os filhos dos integrantes dessas gangues. (Participante 1)

Uma outra questão, a desigualdade social, foi bastante lembrada de modo diversificado entre os participantes:

Por exemplo, vou falar da questão social, assim, por exemplo, a Internet, ela mostra as pessoas que são que são *fakes* no sentido de... tipo assim... tu não tem tudo que elas mostram na internet em relação a bens materiais, só que elas saem postando, e aí todo mundo tem acesso àquela informação e os estudantes vivendo uma vida aqui gera revolta. Em alguns gera uma revolta e aí porque que eu vou estudar se eu posso virar um vendedor de drogas e ganhar muito mais dinheiro fazendo isso ou aquilo e aí eu acho que gera muita violência, sim, esse é um dos motivos que eu acho que a questão social. (Participante 2)

Ainda sobre o tema,

[...] a violência tá na esteira da desigualdade social, beleza, e aí estando nessa esteira social, ela acaba refletindo no micro, que é aqui na escola. [...] É a desigualdade social que gera isso, porque uma criança dessa que nasce no Brasil, ela não nasce com essa violência, então assim, os pais já sofreram essa violência lá atrás e vão trazer isso também para a criação dessa criança, e aí uma família que não tem um bom saneamento básico, uma boa moradia, não tem um transporte digno, não tem uma escola boa, não tem uma saúde boa, então assim, não tem um salário bom, então isso acaba contribuindo para a violência, né? E aí ele acaba criando com essa raiva internalizada, criando essa criança também a partir da violência também, e aí vai influenciar a criação, essa criança vai nascer violenta

também, que vai refletir aqui, a nossa escola, que vai refletir na sociedade. (Participante 4)

[...] muitas pessoas no Itapoã vão se tornar violentas porque é isso, é a fome batendo na porta, é você ir num posto de saúde, não ser atendido, não ter médico, é não ter um hospital ou você às vezes não tem dinheiro pra pegar o ônibus pra ir no hospital do Paranoá para você ser atendido, mas o que é, tanta coisa, é você não ter um saneamento básico, é você, às vezes, não tem o que comer, você ter uma moradia com goteira dentro de casa, que chega à época da chuva alaga, porque não tem águas pluviais, não tem, né? Então tudo isso aí gera revolta, e quem que com a revolta gerada não se torna violento? Todos nós. (Participante 3)

Isso é algo que é muito maior que a escola, é mobilização mesmo da sociedade, igual eu falei, novamente, eu retomo sempre isso porque é a partir do momento que você diminuir a desigualdade social, que a gente vai começar a melhorar essa questão da violência em todos os segmentos da sociedade [...] não adianta se esforçar, a distribuição de renda ela tem que chegar para todo mundo, é a partir desse momento que a gente vai conseguir superar a questão da violência nesse país. (Participante 4)

Aqui os nossos estudantes mais novos, eles têm contato com os moradores da região que são mais velhos que eles ou até mesmo adultos que não têm uma atividade, não têm um trabalho, não estão estudando e aí eles estão envolvidos com drogas, algumas outras atividades e aí eles entram nesse meio e aí como eles não têm nenhuma atividade extra, eles acabam entrando nesse meio e aí eles ficam mais violentos e aí violentos em casa, violentos na rua, violentos na escola também. (Participante 2)

Também há menção a questão orçamentária, que interage com a mesma contextualização:

A questão política eu sempre acho que o dinheiro independente de governo sabe, o dinheiro que é pra ser destinado pra educação, pra saúde eu acho que ele não é destinado da forma que deveria ser, por isso que a gente sofre muito com essa parte, a corrupção no Brasil gera muito isso, então, aqui na nossa cidade poderia ter muito mais coisas, evitado muito mais coisas, se o dinheiro fosse destinado para aquela educação, para aquela parte esportiva, social, cultural. [...] isso pra mim é uma das questões mais difíceis porque realmente dá muita impressão de que quem faz as leis, quem destina o

dinheiro nunca botou o pé numa escola pública e não sabe realmente que tem estudante que vem pra escola só pra comer porque ele não tem comida na casa dele, então, eu acho que aumentou, assim, nesse período e eu acho que infelizmente parece que é um crescente, sabe? (Participante 2)

[...] quando você tem investimento na educação também, você tem um governo que investe na educação, isso faz diferença, você vai, vai chegar livro ou não chegou livro? Chegou livro pra todo mundo ou chegou livro só pra alguns? Chegou carteira nova ou não chegou carteira, então é isso, chegou o dinheiro para comprar as coisas, chegou merenda com dignidade, ou chegou merenda faltando, chegou a arroz com larva⁵⁷. (Participante 3)

[...] sempre as pessoas elas sempre querem diminuir esse investimento em educação, o tempo inteiro a gente é relegado mesmo, eles não querem investir, se você analisar o investimento de educação, pega um dado aí, dois mil e dez até hoje, você pode notar que eles vão diminuindo esse investimento em educação e isso é programado para mim, é programado mesmo para a educação dar errado, entendeu? (Participante 4)

Em concordância com o Participante 4, o gasto com educação recuou de forma constante e consecutiva entre os anos de 2017 e 2021 (MARTELLO, 2022). Há uma tendência no uso de políticas e concepções neoliberais, ilustradas, entre outras formas, na diminuição dos gastos públicos, como o setor de educação, por parte da extrema direita, que esteve afrente do executivo federal por esse período.

Essa é uma grande forma de violência contra a educação, com reflexos em todas suas instâncias, e, por consequência, em toda comunidade escolar.

O neoliberalismo é o nosso câncer, né? Então, assim, aí eles vêm com esse discurso fácil, esse discurso mole, que a população compra, a população compra esse discurso, ela pensa que ela vai vencer pelo esforço dela, e não é isso, não é esforço. (Participante 4)

Talvez por isso, as disciplinas de humanidades tenham sido ainda mais agredidas no cenário de ataques a educação como um todo, por interesses do

⁵⁷ Referência a caso de estudantes de escolas públicas do DF que encontraram larvas em suas merendas escolares, como noticiado em <https://www.metropoles.com/distrito-federal/larvas-merenda-escolar-df>. Acesso em 10 set. 2024.

neoliberalismo ou do sistema capitalista de diminuir a atenção e mesmo o tempo de estudos em nessas áreas, reduzindo ainda mais a humanização dos indivíduos e a reflexão crítica:

Toda matéria que é reflexiva e que tem criticidade, eles sempre querem diminuir, isso faz parte do plano neoliberal esse é um plano mesmo. [...] a grande mídia, a grande burguesia, ela não tem interesse algum em que a população saiba dos seus direitos através desse conhecimento, desse acesso que a gente poderia, poderá modificar toda a sociedade, e aí a disciplina da gente (o participante ministra aulas de geografia), ficou relegada mesmo, é proposital mesmo [...] essas disciplinas, elas são fundamentais pra isso, pra gerar esse cidadão crítico, pra gerar esse cidadão atuante na sociedade. (Participante 4)

Muitas ocorrências dentro da escola vêm, na verdade, de fora da escola, pois são originárias da sociedade e da cultura local vivenciadas pelos estudantes:

Aqui na nossa comunidade é muito isso, muita coisa que acontece lá fora vem para dentro da escola, com resultados as vezes também que vão bem além das possibilidades da escola. Eu acho que é uma parte pior assim, de você conhecer estudante que morreu e também ficando preso por um período, e aí quando sai da prisão não quer voltar para a escola e a gente encontra com eles, assim, na rua, e aí vai conversar com eles, eles lembram da gente, cumprimentam, mas fala ah, to de boa, não quero voltar, não, to de boa. (Participante 2)

Na escola no Zilda não é violento, os estudantes não são violentos, eles são de uma comunidade violentada, com seus direitos negados. [...] ninguém é violento porque nasce violento, né? E é isso, o Itapoã é a periferia do DF, eu acho que é a segunda maior periferia do DF hoje, né? E com, não tem um hospital, não tem uma área de lazer. (Participante 3)

É considerado comum que ameaças entre estudantes na escola sigam para as redes sociais, como também foi relatado que as brigas ocorridas são, via de regra, filmadas e postadas em diferentes redes sociais, o que demonstra claro impacto destas nas manifestações de violência, com duração e repercussão que extrapola o dia do ocorrido, podendo se estender por semanas: “eles acabam postando ameaças na Internet, sempre que acontece uma briga eles filmam,

sempre tem alguém filmando pra depois jogar nas redes sociais, isso impacta bastante no resultado final dessa confusão” (Participante 1).

Entre os estudantes mesmo a gente já mediou o conflito aqui de briga dentro da escola por questões de Instagram, mensagens de Instagram, uma interpretou mensagens de outra de outra forma e já agrediu, agrediu quando chegam na escola, a agressão verbal virou agressão física e aí a gente teve que chamar familiares, enfim, por questões de Instagram. Não foi só uma vez, algumas vezes aconteceram. (Participante 2)

Em um recorte de gênero, foi possível observar que as meninas têm grande participação em atos de violência cometidos na escol. Tem questão também de fofocas, muitas das brigas, principalmente entre as meninas é porque alguém fala alguma coisa e quando chega no ouvido da outra já chega um, tipo uma bola de neve, já foi inventando várias coisas, isso sempre causa intrigas e acabam em violência física entre elas também. (Participante 1)

[...] quando tem uma briga, no Zilda, que eles filmam na porta da escola, e essa briga, ela é replicada na internet, no dia seguinte tem mais briga, sabe por quê? Porque eles vão ganhar *like*, porque a briga dá *like*, e quando eu percebi isso foi muito triste, sabe? Foi muito triste perceber, caraca, galera que quer brigar para ganhar. (Participante 3)

Abramovay (2002) aponta uma cultura de violência hipotética, que incentiva e aplaude brigas e comportamentos de apologia a agressão: “quando ocorre uma briga entre alunos a reação mais frequente é o incentivo pelos colegas” (p. 239). Nas redes sociais, em especial no Instagram, é comum que esse impacto seja causado por perfis falsos, ou *fakes*, como costumam ser chamados. Além das redes sociais, outros veículos de mídia ajudam a divulgar constantemente casos de violência escolar.

Apesar de normalmente acionado, o batalhão escolar nem sempre atende o chamado, possivelmente por baixo efetivo nesse tipo de policiamento. Também é possível perceber baixo efetivo policial nas imediações da escola, uma vez que algumas dessas brigas ocorrem na circunvizinhança, e não na escola; contudo, seus reflexos chegam até a escola quase que invariavelmente: “nesse último caso [da facada ocorrida no presente ano], foi a falta de segurança, realmente a gente não tem segurança, mas não é responsabilidade da escola

fornecer a segurança, é uma questão pública, de políticas públicas, segurança pública” (Participante 1).

O panorama social e econômico pelo qual o país tem passado desde 2017 foi apontado como influenciador nos aspectos das manifestações de violência na escola. Não é possível dissociar o econômico e o social (conjuntura neoliberal por exemplo) do político. Se há influência dos dois primeiros campos, certamente há do terceiro também:

A parte social, econômica [...] político está tudo imbricado, então realmente é um... cada... como a gente fala, gente, é... cada característica dessa que você falou pra mim aí tá conectada. [...] quando o aluno, quando esse estudante nasce e ele não tem acesso às coisas melhores, quando os pais deles não têm acesso a emprego melhor, aí você vai citando social, econômico, político, porque hoje em dia o neoliberalismo está aí, as pessoas compram esse discurso do neoliberal pensando que isso vai modificar a vida dele, mas não vai, não vai existir essa modificação, isso é só um discurso da hegemonia, da mídia hegemônica para perpetuar a pobreza, permanecer a pobreza, continuar com esse quadro de violência que vai afligindo todos nós. (Participante 4)

De forma considerada positiva, a escola tem proposto a mediação através do diálogo entre as partes envolvidas, às vezes com a presença das respectivas famílias também, para tentar minimizar os problemas de violência na escola, o que parece positivo e demonstra resultado. Outras medidas pedagógicas foram levantadas na perspectiva da conscientização por meio do diálogo e da relação professor-aluno, com possível uso de recurso extras, como reportagens e vídeos.

A questão da violência que é muito recorrente dentro das escolas em sua grande maioria não foi gerada aqui dentro da escola, é isso, se iniciou lá fora e vem desencadear aqui dentro da escola, acho que é responsabilidade da escola, não o fim, uma solução, é situação de violência, e a escola na verdade precisa de ajuda, precisa de socorro porque sozinha a escola não vai conseguir minimizar, pelo menos, minimizar essa questão de violência, assim, tão cedo, porque apesar de a gente ver alguns resultados são passos bem lentos, devagar, mas eu acredito que vai levar um bom tempo, mas pode melhorar, principalmente se a gente ganhar ajuda de mão de obra, pessoal pra trabalhar, porque nós não temos, por exemplo, há um bom tempo os

orientadores, quem nos ajuda nessas questões de encaminhamento, porque muitos estudantes envolvidos também nessa questão de violência eles tem casos familiares que de alguma forma já foi acompanhado, já teve acompanhamento médico, acompanhamento psicológico, e os orientadores que fazem esse tipo de encaminhamento, esse tipo de encaminhamento e mediação a gente não tem, estamos sem psicólogo e sem pedagogo também. (Participante 1)

Nota-se, devido à falta de profissionais necessários ao processo educacional, em uma escola com quase 1.800 alunos, localizada em região periférica e de baixo índice socioeconômico, a situação de abandono e descaso pela qual a educação passa. Notoriamente violentada, em especial no nosso recorte temporal:

Houve uma progressão, eu acredito que houve sim uma progressão nesse abandono, pouco caso, né, não é valorizada as escolas, os professores também não são, não só pela questão do pagamento, assim, do salário, mas também acho que as formações poderiam ser melhores, as formações profissionais, os professores devem ser melhores preparados, mais preparados. (Participante 1)

Ademais, os participantes também indicam a falta de apoio para o enfrentamento dessa situação: “a gente precisa de formação para aprender a combater os tipos de violência na escola [...]. Então a informação modifica o ambiente escolar” (Participante 4).

Além do exposto, pensando em medidas de combate à violência escolar, alguns apontam soluções:

Na minha opinião poderia ser feito era fazer jornada dupla, igual disse em relação à parte esportiva, sério, a parte esportiva, na minha opinião, salva muito estudante, salva muita gente. Nós sabemos disso. Eu conheço muitos estudantes que saíram do mundo, das drogas, do mundo do crime e foram pro esporte e tiveram uma vida diferente. [...] eu acho que esse seria o principal, não é botar mais polícia na escola, botar mais polícia na cidade. (Participante 2)

A necessidade de um caráter acolhedor do ambiente escolar é também lembrado: “acolhimento, acolhimento de todos, não só dos estudantes, né, mas

acolhimento no sentido assim, de entender o outro, eu acho que é importante” (Participante 3). Reforçando, há a necessidade do aspecto dialógico:

Aqui, na realidade da escola, na escola onde eu trabalho, a gente tem que fazer o diálogo ser a parte principal [...] a gente conversar com os professores, conversar com os estudantes, conversar entre os estudantes e professores [...] tentar mediação através da conversa, do diálogo. (Participante 2)

Além deste, há também de se considerar a importância da questão relacional e também a forma como os conteúdos são ministrados:

Em relação às aulas dos professores, os professores fazem atividades criativas, atividades que eles consigam chamar os estudantes pra si, porque quando o estudante não gosta de certas matérias, eles têm a tendência de querer matar aquela aula e aí matando a aula, ele vai estar lá fora, com a mente vazia e aí é que gera essa questão da revolta, então [...] estudante em sala de aula, estudante na escola fazendo atividade, o estudante não tem tempo para pensar em querer agredir, brigar. (Participante 2)

A interação pedagógica do trinômio professor-aluno-conteúdo pode ser protagonista no combate as manifestações de violência escolar, melhorando aspectos de criticidade e conhecimento através de escolhas e atos docentes:

Eu sinto que é uma coisa que cansa muito assim, o professor, mas a gente tem que fazer, é o tempo todo, assim, tipo aconteceu uma cena de uma briguinha, de um, você ver um aluno chamando outro de... qualquer xingamento que que seja, você conseguir parar, conscientizar, falar, explicar, trazer exemplos, fazer o letramento aí de tudo, eu acho que na minha prática pedagógica, trabalhar a literatura de mulheres negras, porque eu sou das artes, né? [...] não deixar passar batido as violências. (Participante 3)

Diante de todos os desafios cotidianos da educação relatados e apontados em nossas entrevistas, além de relacionados a nosso objeto de estudo, há perspectivas de que o campo da educação é essencial, cujo papel é vital em nossa sociedade:

Eu ainda acredito muito na educação como uma forma de, entre aspas, salvar a vida, melhorar a vida de muitos estudantes, de muitas pessoas, acredito nisso, porém tem coisas que a gente não consegue fazer sozinho, que a

gente depende de outras pessoas que estão no governo, por exemplo, e aí essa parte eu acho mais difícil. (Participante 2)

Eu acho que a escola é uma instituição que, assim, ela pode fazer algo, mas ela não consegue fazer muito ainda não. [...] a escola, ela pode desempenhar algum papel? Pode. Ela pode tentar diminuir essa violência dentro da escola? Pode. Mas ela precisa de outras ações, ela precisa de outros movimentos, ela precisa de investimento, ela precisa de infraestrutura pra começar a implementar essas ações pra diminuir a violência da escola, ela sozinha não consegue. (Participante 4)

Nesse sentido, encontramos categorias que dialogam com todo o escopo do texto, o que nos permitiu uma análise mais ampla e profunda, demonstrando a multiplicidade das violências escolares, e nos ajudou a compreender o nascedouro desse fenômeno.

Para além do fenômeno violência escolar, há o fenômeno violência, o qual está espalhado pela sociedade como um todo e termina por adentrar os portões escolares. A violência urbana, violência **de e em nossas cidades**, insere-se diretamente de distintos modos nas manifestações que ocorrem em meio escolar. Em razão de a unidade escolar estar inserida em meio conflituoso, em uma comunidade que, devido à negação de seus direitos sociais básicos é entendida como violenta, ela também sofrerá consequências daí advindas, mesmo que em si ela não seja violenta.

A violência está na desigualdade social; na disparidade de condições socioeconômicas às quais os estudantes e suas famílias são expostos; na distribuição de renda; nas precárias condições de moradias, da cidade, do acesso a saúde e à educação, das poucas vivências culturais ou de lazer via aparelhos públicos. Tudo isso colabora diretamente nas manifestações de violência. Soma-se, ainda, o desmonte gradual da educação pública, que se materializa na falta de profissionais da educação, tais como orientadores, pedagogos e psicólogos que auxiliam a combater e prevenir manifestações de violência escolar, seja intermediando conflitos que ocorrem no cotidiano, realizando encaminhamentos necessários ou estabelecendo diálogo com as famílias, as quais inclusive, diante de toda sua contextualidade apontada, podem ser também fomentadoras de violências diretamente aos estudantes. Os

professores, por sua vez, não têm conhecimento material da realidade nas quais irão trabalhar; logo, não lhes são oportunizadas condições laborais que atendam essa demanda, o que os torna também vítimas de casos de violência e, inclusive, executores de práticas violentas.

Na perspectiva de se interromper esse ciclo vicioso, a escola necessita de ajuda, cuidado, investimento e políticas, a fim de protegê-la e fortalecê-la. A garantia da realização de seu potencial, sobretudo na mitigação da violência escolar, passa pela necessidade de um olhar mais atento à educação como necessária na constituição basilar da sociedade.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é uma construção social, com inúmeras e variadas percepções. (ABRAMOVAY, 2002, p. 294)

O presente trabalho buscou colaborar com o entendimento do fenômeno da violência em âmbito escolar, fazendo uma análise do período compreendido após golpe (*impeachment*) da presidente da República, em 2016, Dilma Rousseff em 2016, estendendo a análise até o final do governo de Jair Bolsonaro e primeiro ano do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Havia a premissa inicial que esse período poderia ter sido marcante nas manifestações do fenômeno da violência em âmbito escolar, a qual se confirmou.

Segundo Abramovay (2002), o corpo técnico pedagógico apresenta tendência em enxergar o fenômeno da violência escolar apenas como algo característico do comportamento apresentado por crianças e adolescentes, o que dá relevância menor a um grande problema que, devido a seu grau de importância, deve estar na agenda pública de sedimentação da democracia. Tendo a princípio a ideia recorrente que considera o jovem um problema social, como apontam Gonçalves e Sposito (2002), mascara-se a gravidade e a dimensão do fenômeno por nós estudado.

Assim, para mais além das manifestações óbvias de violência, como agressão física entre dois estudantes por exemplo, procuramos nos aprofundar e estender na análise, em busca de referências em notícias tornadas públicas no período indicado, e análise documentos diversos produzidos, via de regra, a luz dos fenômenos e ocorrências nesse mesmo período, além de relatos de atores sociais envolvidos plenamente no objeto estudado: a escola.

Por meio do estudo realizado, o fenômeno de interesse dessa pesquisa é de uma amplitude e magnitude hercúlea. Antes de haver o objeto violência em âmbito escolar, há o objeto violência, que está imbricado de forma estrutural em nossa sociedade e se pauta pela desigualdade social, pela miséria do povo e pela desumanização humana. Em virtude de se convergir e potencializar outros tipos e formas de violência, entre elas, a escolar, é “fundamental compreender que a violência presente nas escolas não é apenas uma questão de indisciplina ou comportamento inadequado dos alunos, mas sim um reflexo da violência que permeia toda a sociedade” (PELLANDA; FROSARD, 2023, p. 6).

Foi possível constatar que as redes sociais têm impacto no surgimento ou no desenvolvimento do fenômeno violência, envolvendo-se em inúmeros casos. Por meio delas, muita informação tramita, em volume e velocidade sem medidas. Mas, de igual modo, muita desinformação e mesmo mentiras são difundidas, e ataques são disseminados: ataques a pessoas e a instituições, com atos de violência, em diferentes magnitudes, planejados, orquestrados e promovidos. As campanhas de desinformação e agressões promulgadas a instituições, neste estudo em especial a instituições escolares, corroem e degradam a escola e a sociedade, aparentemente de forma proposital, com intencionalidade direcionada.

O “Atlas da Violência 2023” (CERQUEIRA; BUENO, 2023) aponta com destaque que a violência escolar se relaciona com contextos sociais globais, tanto causas internas à escola, sejam elas escolas públicas ou privadas, se realizando com apoio das tecnologias digitais. Pellanda e Frosard (2023), observam também a disseminação do ódio em diversas mídias, incluindo a *Deep Web* e a *Dark Web*, realizado por grupos que se tornaram um fenômeno mundial, tais como *chan*, *incel*, *troll*, *anon*, *sanctus*, misóginos, racistas, homofóbicos, transfóbicos, neonazistas, extremistas de direita e supremacistas, por exemplo.

A educação é uma das atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana e está diretamente ligada a sociedade (burguesa e capitalista), passível pois de refletir qualquer instabilidade pela qual possa vir a passar de acordo com os desenvolvimentos da história. Entretanto, para Abramovay (2002), a escola também pode ser um local de exclusão social, que situa sujeitos à margem do contrato social, negando lhes de forma direta ou indireta, seus direitos de cidadania. Nela se constroem identidades e subjetividades, através de seus processos informativos e comunicacionais que estimulam as configurações de sentidos e significados. Assim, a educação precisa cuidar da formação dos indivíduos, preparando-os para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social, criando condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações, favorecendo não só os processos informativos, mas também os de comunicação, possibilitando a constituição da subjetividade e a construção das identidades.

Toda a análise feita nos remete a um importante ponto observado. A educação é um campo de disputa: constantemente em disputa, com um grande

poder pela dimensão de sua inserção, por estar ligada a um amplo aspecto comunicacional, levando seu discurso a um raio de ação extenso. Atacando-a, visa-se o domínio único desse discurso e do poder daí advindo. Segundo Foucault (1996), um sistema de educação é uma maneira política de se manter ou de se modificar a apropriação do discurso e os saberes e poderes que ele traz consigo. Logo, em nosso recorte temporal, observamos um projeto de poder reacionário advindo de uma extrema direita representada na personificação de seu ídolo máximo, que esteve à frente do executivo federal no Brasil na maior parte do tempo histórico analisado. Infelizmente, esse ícone não se encontra só: demais personagens da extrema direita na contemporaneidade brasileira têm nome(s) próprio(s), e partido(s) político(s).

Ao que tudo indica, esse extremismo está estruturado na sociedade brasileira, trazendo reflexos, como os ataques violentos às escolas relacionados a uma específica forma de se fazer política no Brasil, especialmente nos últimos anos, a partir de com um contexto social imerso na escalada do ultraconservadorismo e extremismo de direita no país. Nesse sentido, há falta de controle e criminalização desses discursos e práticas, bem como de sua difusão por meio de meios digitais, como consta no relatório da “Campanha Nacional pelo Direito à Educação” (2022).

Verifica-se e, inclusive, vivencia-se a vociferação de discurso de ódio direcionado a instituição escola (não somente ela), com intencionalidade de reduzi-la, atacá-la, diminuí-la, a tal ponto de ser inevitável que outros agentes representantes da extrema direita, seja por meio de intervenções de cunho (pseudo)religioso ou militarista, apareçam para **salvar** e implementar um **conceito** de educação voltado para a doutrinação, que lhes é estimado e peculiar.

Os dados compilados neste trabalho, advindos de diferentes fontes e referenciais, demonstram que, na escola, existem variações diversas de manifestações de violência as quais, especialmente desde 2018, vinculam-se à motivação de ódio propagada em especial, mas não só, pelas redes sociais, via de regra, vinculada à extrema direita.

A violência cometida contra a escola é uma espécie de instrumento, uma ferramenta que serve a propósitos extremistas com intencionalidade da conservação de seu caráter de poder nas mãos de um único grupo. Para Arendt

(2022), em virtude de a violência ser instrumental por natureza, serve como recurso para a conservação da estrutura de poder, justificando seu uso para o alcance de um fim. Esse término pode se associar à fala do atual governador do Estado de São Paulo, Tarcísio de Freitas (PL), ao fazer referência aos estudantes das escolas militarizadas do Estado que governa, indicando que delas sairão “futuros Bolsonaro’s”: “A gente olha aqui os alunos das escolas cívico-militares e vê que a gente está diante de um novo Bolsonaro lá na frente”⁵⁸, discursou Freitas para uma plateia com parlamentares aliados e alunos.

Perante o exposto, há de se pensar formas e fatores de prevenção as violências **na escola** e **contra a escola**. Para ambos os casos, investir na formação docente de forma ampla foi apontado na bibliografia consultada, nos documentos analisados e no estudo de campo como algo produtivo e efetivo. O relatório da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (2022) lembra também a necessidade de se orientar mães e pais para a observação do conteúdo digital consumido por jovens e adolescentes, além da formação continuada de professoras e professores sobre o extremismo de direita e como enfrenta lo.

Ademais, o fortalecimento dos órgãos colegiados da escola, como o grêmio estudantil e o conselho escolar, empodera e dá voz a diferentes segmentos da comunidade escolar, a fim de ampliar seu senso comunitário e sua noção de pertencimento, permitindo e incentivando a participação democrática de todas e todos. Todas as disciplinas (e não só as da área de humanas) podem e devem trabalhar, como conteúdo inter, multi e transdisciplinar, a humanização dos indivíduos e o combate ao racismo, à misoginia, ao sexismo e a tudo o que possa desumanizar os entes que formam a comunidade escolar. Pode ajudar também nessa objetivação a realização constante de atividades no contraturno escolar, atividades culturais e esportivas, eventos comunitários, entre outros, com o objetivo de extensão dos tempos escolares e aproximação da comunidade interna e externa à escola

A violência guarda em si algo de inesperado, tornando difícil um alinhamento roteirístico em seu combate. Entretanto, concordando com Arendt

⁵⁸ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/futuros-bolsonaros-diz-tarcisio-sobre-alunos-de-escolas-militares>. Acesso em 10 set. 2024.

(2022), a prevenção deve vir sempre a frente e estar acima da repressão, a partir do uso do diálogo, da mediação de conflitos, do conhecimento e do estudo em prol de uma cultura de paz.

Uma vez que a escola está inserida em diversos lugares e contextos variados na sociedade, ao mesmo tempo em que esta passa invariavelmente pelos bancos escolares, esse é um problema de toda a sociedade, e não só da escola: sozinha, não conseguirá resolver o problema da violência. Logo, a solução e o combate à violência escolar devem também ser responsabilidade de toda a sociedade; de acordo com Pellanda e Frosard (2023), a instituição educacional deve promover ações humanizadoras e cidadãs, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Koichiro Matura (*apud* NOLETTTO, 2001), Diretor-Geral da UNESCO, argumenta que:

Os jovens reproduzem na escola as violências e tensões do mundo exterior. A família, a sociedade no seu conjunto, mas também e, sobretudo as escolas, são locais de transmissão desses valores culturais. A escola é, portanto, o local onde novos valores humanistas podem e devem ser transmitidos e onde eles devem desabrochar nas vivências cotidianas da sala de aula e da escola. É por isso que a UNESCO roga sem cessar pelo ensino generalizado dos direitos humanos e pela transmissão de valores de tolerância, de não violência, de solidariedade, de respeito mútuo, através da reorganização de programas e textos escolares. (p. 5)

Este nos parece também ser um possível caminho a ser levado em consideração na busca da mitigação do fenômeno da violência escolar: a educação em direitos humanos.

Outrossim, como nos trazem Rêses e Costa (2015), na articulação entre o macro e o microsocial, articula-se também a escola, não só produzindo e reproduzindo conhecimento, mas também como espaço privilegiado na prática e na vivência dos Direitos Humanos, incentivado com conhecimento específico da causa por parte de todos os profissionais da educação responsáveis por seus respectivos componentes curriculares.

As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2010) estabelece em seu art. 9º que a: “Educação em Direitos Humanos deverá estar presente na formação inicial e continuada de todos(as) os(as) profissionais

das diferentes áreas do conhecimento” (p. 21). Mais além, Rêses e Costa (2015) consideram a efetivação da promoção e proteção dos Direitos Humanos mediante esforço pleno e integrado entre sistemas de ensino, gestores, professores, alunos e comunidade. Uma ação de todos e todas, em prol de todas e todos.

Além disso, segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2012a), a educação em Direitos Humanos refere-se a concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos, reconhecidos como conjunto de direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais que se fundamentam nos princípios da dignidade humana, da igualdade de direitos, do reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades, da laicidade do Estado, da democracia na educação, na transversalidade e globalidade, e na sustentabilidade socioambiental, com objetivo central na formação para a vida e para a convivência. Nesse sentido, com base em Rêses e Costa (2015), compreendemos que deve haver uma nova concepção de educação, voltada à inclusão, à humanização pessoal e das relações, à igualdade de direitos e à cidadania. Portanto, uma educação pautada remete-nos a um cenário de formação docente, discente, comunitária, a qual, por meio de um processo de conscientização das pessoas e dos grupos, influenciaria positivamente a consolidação da democracia,

Para Abramovay (2002), a escola é um espaço de construção de relações comunitárias, a qual deve ocorrer no entendimento da pluralidade e do coletivismo existentes em uma comunidade na qual os estudantes se inserem. De forma contrária, também acontece no reconhecimento fragmentário dos colegas como diferentes, estranhos ou até mesmo ameaçadores. Sem espaço para essa pluralidade comunitária, oportuniza-se o individualismo e o distanciamento entre os indivíduos.

Na escola, há fragmentação de tempos, espaços, conteúdos, saberes e conhecimentos, podendo incidir na fragmentação entre os indivíduos. Dessa forma, gera mais individualismo, menos coletivismo, menos entendimento da pluralidade humana, convergindo possivelmente em manifestações de violência: “a ação humana, como todos os fenômenos estritamente políticos, está estritamente ligada à pluralidade humana, uma das condições fundamentais de vida humana” (ARENDDT, 2016, p. 92). Logo, há um grande desafio pela frente

na área educacional e, mais além, para toda a sociedade. De modo primário, o desafio requer mudanças em comportamentos e atitudes na intenção de que não se repitam a potencialidade e o volume de ataques que a instituição escola, e mesmo todo campo da educação, vem sofrendo, proveniente da ascensão e do lugar de poder centrado em um extremismo de direita evidente.

Para mais além, e talvez até mais importante, há de se repensar, ressignificar, refazer todo um modelo de vida e de convivência entre os seres humanos e destes com o meio ambiente, que atualmente se baseia em individualismo, na competição entre todos, na transformação de tudo em mercadoria, cuja consequência leva a um esfacelamento do senso comunitário. Somente pela conscientização de que, de fato, todos somos um, de que os seres humanos precisam uns dos outros e vivemos em uma grande comunidade global, podemos ter esperança (do verbo “esperançar”, diria nosso educador Paulo Freire) de um mundo melhor.

A construção de outro mundo é possível e acreditamos piamente no importante papel que a educação possa desempenhar nesse sentido.

14 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. (org.). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128717>. Acesso em 11 set. 2024.

ALMEIDA, Silvio L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. 15. ed. Tradução: André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BODART, Cristiano N.; MARCHIORI, Cassiane C. R. **Por que eles têm medo de Paulo Freire nas escolas?** Maceió: Café com Sociologia, 2022.

BOLSONARO, Jair. **O caminho da prosperidade**. Proposta de plano de governo. Brasília: TES, 2018. Disponível em: https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf. Acesso em maio de 2024

BRASIL. Lei n. 4.545, de 10 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a reestruturação administrativa do Distrito Federal, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 10 dez. 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4545.htm. Acesso em 12 set. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: de 5 de outubro de 1988. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 11 set. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Brasília: MEC, 2012a. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acesso em 11 set. 2024.

BRASIL. **Lei n. 12.612, de 13 de abril de 2012**. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Brasília: Presidência da República, 13 abr. 2012b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htmAcesso em 12 set. 2024.

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil**: ataques às instituições de ensino e alternativas para a ação governamental. 11 dez. 2022. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf. Acesso em 11 set. 2024.

CARA, Daniel. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, 2023. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Base_RelGTEspecialistasMEC_FormatoGTI_2.pdf. Acesso em 12 set. 2024.

CERQUEIRA, Daniel R. C.; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/12614>. Acesso em 11 set. 2024.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá de Costa, 1978.

CHARLOT, Bernard. A violência na Escola. **Sociologias**, ano 4, n. 8, p. 423-443, jul.-dez. 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/25532579/Charlot_A_violencia_na_Escola. Acesso em 11 set. 2024.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílio – PDAD 2021**. Brasília: CODEPLAN; GDF, 2022. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/PDAD-DF_2021.pdf. Acesso em 11 set. 2024.

CRESWELL, John W. CRESWELL, DAVID. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. Ed. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2021.

DISTRITO FEDERAL. **Projeto Político Pedagógico – PPP**. CEF DR^a Zilda Arns. Brasília: SEEC, 2018. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pppcefdrzildaarnscreparanoa.pdf>. Acesso em 11 set. 2024.

DISTRITO FEDERAL. **Administração Regional do Itapoã – RA XXVIII**. Brasília: RA Itapoã, 2020. Disponível em: <https://itapoa.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/10/Relat%C3%B3rio-de-Atividades-UO-9130-FINAL.pdf>. Acesso em 12 set. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.

FEIFEL, Bianca. Casos de injúria racial crescem 28% em um ano no DF; maior taxa em oito anos. **Brasil de Fato**, 10 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/10/casos-de-injuria-racial-crescem-28-em-um-ano-no-df-maior-taxa-em-oito-anos>. Acesso em 12 set. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 9 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GONÇALVES, Luis Alberto O.; SPOSITO, Marília P. Iniciativas Públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/FsRWdSHj4MwjXVKfMmLzshJ/>. Acesso em 11 set. 2024.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14. ed. Tradução: Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MARTELLO, Alexandro. Gasto com educação recua pelo 5º ano consecutivo e é o menor em dez anos, mostra levantamento. **G1**, 24 abr. 2022. Disponível em: Acesso em 24 abr. 2022.

MENDES, Andressa G. L.; MILITÃO, Pablo A.; SIMÕES, Renata M. O Fenômeno das Fake News: Implicações para a Política Externa do Governo Bolsonaro durante a Pandemia do COVID-19. **Revista Neiba**, v. 10, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/59141>. Acesso em 12 set. 2024.

NOLETTO, Marlova J. **Abrindo espaços**: Educação e Cultura para a Paz. Brasília: UNESCO Brasil, 2001. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000178532>. Acesso em 12 set. 2024.

PÁDUA, Henrique. O professor como artista. **Medium**, 5 out. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@henriquedepadua/o-professor-como-artista-73a6c5594c98>. Acesso em 12 set. 2024.

PELLANDA, Alessandra; FROSSARD, Marcelo. (coord.). **Guia sobre prevenção e resposta à violência às escolas**. São Paulo: Instituto Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2023. Disponível em:

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/1f-guia-sobre-prevencao-e-resposta-a-violencias-as-escolas>. Acesso em 11 set. 2024.

PRADO, Michele. **Nota Técnica 15**. Extremismo violento em ambiente escolar. São Paulo: Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/2023/03/nota-tecnica-15.pdf>. Acesso em 12 set. 2024.

RÊSES, Erlando S.; COSTA, Danúbia R. A política pública de Educação em Direitos Humanos e formação de professores. **ARACÉ** – Direitos Humanos em Revista, v. 2, n. 2, maio 2015. Disponível em: <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/26>. Acesso em 11 set. 2024.

RÊSES, Erlando S.; PEREIRA, Fernanda C. M.; RIOS, Marleide B. S. Atualidade de Paulo Freire e Pedagogia do Oprimido para a reflexão crítica da realidade. *In*: RÊSES, Erlando da Silva; CUNHA, Meire Cristina; PEREIRA, Maria Luiza Pinho (org.). **Trabalho, Educação de Jovens e Adultos e Tecnologias Emancipatórias**. Brasília: Hildebrando Editor & Autores Associados, 2021. p. 64-85. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/livro_eja.pdf. Acesso em 11 set. 2024.

SANTOS, Ana Clara B. **A territorialização da violência escolar: um olhar geográfico na Região Administrativa do Paranoá**. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/40685/1/2020_AnaClaraBolzonSantos.pdf. Acesso em 11 set. 2024.

SANTOS, Fernanda M. Análise de Conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, maio 2012. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em 13 set. 2024.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/medo_ousadia.pdf. Acesso em 11 set. 2024.

SPOSITO, Marília P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan.-jun, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26374698_Um_breve_balanço_da_pesquisa_sobre_violencia_escolar_no_Brasil. Acesso em 13 set. 2024.

URBÁN, Margarita A. **Aurora Reys**. Alma de montaña. Chihuahua: Instituto Chihuahuense de la Cultura, 2010a. Disponível em: <https://salondeletras.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/12/aurora-reyes-br.pdf>. Acesso em 12 set. 2024.

URBÁN, Margarita A. Los murales de Aurora Reyes: una revisión general. **Crónicas**. El Muralismo, producto de La Revolución Mexicana en América, n. 13, 2010b. Disponível em: <https://revistas.unam.mx/index.php/cronicas/article/view/17282>. Acesso em 12 set. 2024.

VINHA, Telma. Houve uma ruptura do pacto civilizatório. **Jornal da ADUFRJ**, v. 1268, p. 5, 30 mai. 2023. Disponível em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/ptbr/noticias/boletins>. Acesso em: 11 set. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ANÁLISE DOS TEMAS OBSERVADOS NAS ENTREVISTAS

CATEGORIA	ENTREVISTADO	VERBALIZAÇÃO
Racismo e questão de gênero	Participante 1	[...] acontece muito <i>bullying</i> , é a questão do preconceito, as brincadeiras de mau gosto, e geralmente essas brincadeiras acabam sempre numa agressão física. Chamar de apelidos, na questão do preconceito, ou é gordinho, gorducho, negrinho.
	Participante 2	Então, assim, aqui a gente tem violência, por exemplo, tem muito <i>bullying</i> , é um tipo de violência, o racismo é um tipo de violência.
	Participante 3	<p>Essa semana em conselho de classe, a gente também entre professores e uma professora toda hora e falam “ah, aquele aluno moreninho”. Hoje em dia, tipo assim, tudo é <i>bullying</i>, então, assim, o problema do Zilda é o <i>bullying</i>, mas aí a gente vai entendendo, aprofundando, convivendo na escola, vai entendendo que não é só isso, né? Porque aí é assim, é o racismo, é a homofobia, gordofobia, enfim, todas essas nomenclaturas aí que talvez já estejam até atualizadas, né? Acho que agora a gente já usa LGBTQIA+ a mais fobia.</p> <p>Dar os exemplos práticos, né, assim, a violência de um estudante chamar outro de viado, né, “ah, seu viado”, “ah, isso é o quê? Viado é você, ah, sua mãe”, aí começa numa discussão, num bate-boca e aí entram numa porrada.</p>
	Participante 1	Olha, alguns estudantes a gente sabe, assim, por denúncia, que alguns estudantes são filhos de traficantes, então há uma rixa também entre facções que existem em Itapoã, então há uma rixa entre eles, há uma briga às vezes e desencadeia aqui dentro da escola, entre os filhos dos integrantes dessas gangues.

Violência urbana		A questão da violência que é muito recorrente dentro das escolas em sua grande maioria não foi gerada aqui dentro da escola, é isso, se iniciou lá fora e vem desencadear aqui dentro da escola.
	Participante 2	Aqui os nossos estudantes mais novos, eles têm contato com os moradores da região que são mais velhos que eles ou até mesmo adultos que não têm uma atividade, não têm um trabalho, não estão estudando e aí eles estão envolvidos com drogas, algumas outras atividades e aí eles entram nesse meio e aí como eles não têm nenhuma atividade extra, eles acabam entrando nesse meio e aí eles ficam mais violentos e aí violentos em casa, violentos na rua, violentos na escola também. [...] eu acho que é uma parte pior assim, de você conhecer estudante que morreu e também ficando preso por um período, e aí quando sai da prisão não quer voltar para a escola.
	Participante 3	Eu estava com uma fala, eu estava falando assim mesmo, na escola no Zilda não é violento, os estudantes não são violentos, eles são de uma comunidade violentada, com seus direitos negados.
Influência das redes sociais	Participante 1	Eles acabam postando ameaças na internet, sempre que acontece uma briga eles filmam, sempre tem alguém filmando pra depois jogar nas redes sociais, isso impacta bastante no resultado final dessa confusão.
	Participante 2	Entre os estudantes mesmo a gente já mediu o conflito aqui de briga dentro da escola por questões de Instagram, mensagens de Instagram, uma interpretou mensagens de outra de outra forma e já agrediu, agrediu quando chegam na escola, a agressão verbal virou agressão física e aí a gente teve que chamar familiares, enfim, por questões de Instagram. Não foi só uma vez, algumas vezes aconteceram, então acho que sim.
	Participante 3	É assim, por um lado sim, é porque, por exemplo, quando tem uma briga, é no Zilda, que eles filmam na porta da

		<p>escola, e essa briga, ela é replicada na internet, no dia seguinte tem mais briga, sabe por quê? Porque eles vão ganhar <i>like</i>, porque a briga dá <i>like</i>, e quando eu percebi isso foi muito triste, sabe? Foi muito triste perceber, caraca, galera que quer brigar para ganhar.</p> <p>É, eu cheguei a ver essa vontade de brigar pra ganhar status na internet.</p>
	Participante 4	<p>A internet ela é uma força motriz para isso, de verdade, porque, assim, geralmente a pessoa vai entrar na rede social e acaba vendo aqueles vídeos e aí as pessoas acabam influenciando as pessoas a praticar essa violência, né, é isso que está acontecendo hoje em dia.</p>
Fatores socioeconômicos e desigualdade social	Participante 1	<p>Eu acho que influencia mais o social e o econômico.</p>
	Participante 2	<p>Isso pra mim é uma das questões mais difíceis porque realmente dá muita impressão que quem faz as leis, quem destina o dinheiro nunca botou o pé numa escola pública e não sabe realmente que tem estudante que vem pra escola só pra comer porque ele não tem comida na casa dele.</p>
	Participante 3	<p>E é isso, o Itapoã é a periferia do DF, eu acho que é a segunda maior periferia do DF hoje, né? E com, não tem um hospital, não tem uma área de lazer, hoje, assim, desde 2018 que eu tô lá até hoje eu não vejo melhorias.</p> <p>Agora, muitas pessoas no Itapoã vão se tornar violentas porque é isso, é a fome batendo na porta, é você ir num posto de saúde, não ser atendido, não ter médico, é não ter um hospital ou você às vezes não tem dinheiro pra pegar o ônibus pra ir no hospital do Paranoá para você ser atendido, mas o que é, tanta coisa, é você não ter um saneamento básico, é você, às vezes, não tem o que comer, você ter uma moradia com goteira dentro de casa, que chega à época da chuva alaga, porque não tem águas pluviais, não tem, né?</p>

		<p>Então tudo isso aí gera revolta, e quem que com a revolta gerada não se torna violento? Todos nós.</p>
	<p>Participante 4</p>	<p>Eu acredito que a violência ela vem do macro pro micro, né? E aí essa violência tá na esteira da desigualdade social [...] é algo que vem lá de fora, internaliza aqui na escola.</p> <p>Eu vejo que a violência para mim vai um dia acabar ou diminuir a partir do momento que a gente acaba com a desigualdade social. É a desigualdade social que gera isso, porque uma criança dessa que nasce no Brasil, ela não nasce com essa violência, então assim, os pais já sofreram essa violência lá atrás e vão trazer isso também para a criação dessa criança, e aí uma família que não tem um bom saneamento básico, uma boa moradia, não tem um transporte digno, não tem uma escola boa, não tem uma saúde boa, então assim, não tem um salário bom, então isso acaba contribuindo para a violência, né?</p> <p>[...] é a partir do momento que você diminuir a desigualdade social, que a gente vai começar a melhorar essa questão da violência em todos os segmentos da sociedade.</p> <p>[...] quando o aluno, quando esse estudante nasce e ele não tem acesso às coisas melhores, quando os pais deles não têm acesso a emprego melhor, aí você vai citando social, econômico, político, porque hoje em dia o neoliberalismo está aí, as pessoas compram esse discurso do neoliberal pensando que isso vai modificar a vida dele, mas não vai, não vai existir essa modificação, isso é só um discurso da hegemonia, da mídia hegemônica para perpetuar a pobreza, permanecer a pobreza, continuar com esse quadro de violência que vai afligindo todos nós.</p> <p>Então, assim, aí eles vêm com esse discurso fácil, esse discurso mole, que a população compra, a população compra esse discurso, ela pensa que ela vai vencer pelo</p>

		<p>esforço dela, e não é isso, não é esforço, [...] e não adianta se esforçar, a distribuição de renda ela tem que chegar para todo mundo, é a partir desse momento que a gente vai conseguir superar a questão da violência nesse país.</p>
Violência familiar	Participante 1	<p>Eu acho que a família deveria ser mais presente, [...] a gente tem muita dificuldade de que eles participem, que eles acompanhem, mesmo aqueles que acompanham não são tão compreensivos, geralmente eles culpam a escola pelas coisas que acontecem, [...] eles sempre culpam a escola, então quando eles vêm eles não vêm pra se juntar à escola e tentar uma solução, eles vêm mais pra acusar a escola.</p> <p>Nós não temos, por exemplo, há um bom tempo os orientadores, quem nos ajuda nessas questões de encaminhamento, porque muitos estudantes envolvidos também nessa questão de violência eles tem casos familiares que de alguma forma já foi acompanhado, já teve acompanhamento médico, acompanhamento psicológico, e os orientadores que fazem esse tipo de encaminhamento e mediação a gente não tem, estamos sem psicólogo e sem pedagogo também.</p>
	Participante 2	<p>Às vezes, às vezes não, muitas vezes os estudantes sofrem as violências da vida deles, assim mesmo a questão dos pais, dos avós, dos tios, dos parentes mais próximos e eles já vêm para a escola com uma história de violência.</p> <p>Tem a questão familiar, que ele sofre uma violência fora da escola, questão familiar é muito, muito forte, então, muitos vêm pra cá com esse, esse peso, assim, nas costas de algumas violências que eles sofrem na vida e acabam meio que, entre aspas, descontando em algumas questões na escola.</p>

		A gente descobrir, através de estudantes também, violências que eles sofreram no período pandêmico também, em casa.
Formação profissional e financiamento da educação	Participante 1	Acho que as formações poderiam ser melhores, as formações profissionais, os professores devem ser melhores preparados, mais preparados.
	Participante 2	[...] eu sempre acho que o dinheiro independente de governo sabe, o dinheiro que é pra ser destinado pra educação, pra saúde eu acho que ele não é destinado da forma que deveria ser, por isso que a gente sofre muito com essa parte, a corrupção no Brasil gera muito isso, então, aqui na nossa cidade poderia ter muito mais coisas, evitado muito mais coisas, se o dinheiro fosse destinado para aquela educação, para aquela parte esportiva, social, cultural
	Participante 3	O professor não pode ficar sem estudar [...] eu acho que em todas as profissões, na verdade, mas a gente tem que estar em contínua formação.
	Participante 4	Eu acho que, assim, a gente precisa de formação para aprender a combater os tipos de violência na escola. Então a informação modifica o ambiente escolar, então, assim, a gente tem essa informação, a gente tem um curso que pode ser ministrado pela EAPE ou por alguém que venha de fora, né, pra mostrar pra gente como seria possível combater essa violência. Pois é, você vê que existe sempre as pessoas elas sempre querem diminuir esse investimento em educação, o tempo inteiro a gente é relegado mesmo, eles não querem investir, se você analisar o investimento de educação, pega um dado aí, dois mil e dezessete até hoje, você pode notar que eles vão diminuindo esse investimento em educação e isso é programado para mim, é programado mesmo para a educação dar errado, entendeu?
	Participante 3	Quando a gente tem um governo que fica dizendo que o professor não pode fazer ideologia, que o professor não

Ideologia e formação do estudante		pode isso, não pode aquilo, fica acusando, apontando o professor, o aluno escuta aquilo e ele também vai... É quando você tem pessoas que falam que escola não ensina, que universidades é só balbúrdia, a gente tem com certeza isso um reflexo aí na nossa sociedade, não tem como.
	Participante 4	<p>Você pega um Bolsonaro. Ele falou e citou a violência, falando que ia metralhar a petralhada, isso não é uma postura de alguém que é candidato a presidente, então isso aí acaba influenciando todos os segmentos da sociedade.</p> <p>Hoje em dia o estudante tem, não sei, ele tem mais disposição de entrar com uma faca, de querer ferir alguém dentro da escola. Na minha época existia a violência, mas não nessa proporção, hoje é muito maior.</p> <p>Eu vejo da seguinte forma, toda matéria que é reflexiva e que tem criticidade, eles sempre querem diminuir, isso faz parte do plano neoliberal esse é um plano mesmo, eles não querem um cidadão crítico, um cidadão reclamante, um cidadão atuante, eles querem realmente um cidadão cordeirinho, um cidadão que não reclame, um cidadão que não tenha disposição e conhecimento pra reclamar os direitos dele, porque existe um direito, a população ela não consegue entender e não consegue entender realmente qual é o direito dela, então, assim, essas disciplinas, elas são fundamentais pra isso, pra gerar esse cidadão crítico, pra gerar esse cidadão atuante na sociedade, e aí, a grande mídia, a grande burguesia, ela não tem interesse algum em que a população saiba dos seus direitos através desse conhecimento, desse acesso que a gente poderia, poderá modificar toda a sociedade, e aí a disciplina da gente ficou relegada mesmo, é proposital mesmo, eles querem retirar a nossa disciplina porque não é interessante mesmo eles saberem de nada, é isso.</p>

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Educação (FE)

Programa de Pós – Graduação em Educação (PPGE)

TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **Análise do fenômeno da violência escolar em escola pública do Distrito Federal de 2017 a 2023.**

O responsável é o pesquisador VANDEIR GONÇALVES DA SILVA, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UnB), regularmente matriculada sob o número 222102666, na linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação (POGE), sob orientação, do Prof. Drº Erlando da Silva Rêses.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o comportamento e incidências do fenômeno da violência escolar no período de 2017 a 2023.

O local de estudo de campo escolhido foi o Centro Fundamental de Ensino Doutora Zilda Arns (CEF Zilda), por ser o único CEF da região administrativa do Itapoã.

Foram escolhidos para o estudo, profissionais da educação em função da representatividade e da relevância que eles apresentam para a investigação de pesquisa.

Essa participação envolve uma abordagem com registro a partir da fala do (a) participante, que será gravada se assim for permitido e terá duração aproximada de 20 a 30 minutos.

A participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. A pessoa a ser entrevistada é livre para se recusar a participar, retirar seu consentimento, ou interromper sua participação a qualquer momento.

Caso tenha interesse em cooperar com a pesquisa, as informações obtidas na entrevista serão utilizadas apenas como instrumento de pesquisa e haverá sigilo relacionado à sua identificação, sendo assegurada confidencialidade, privacidade e proteção das informações obtidas por meio da entrevista.

Na publicação dos resultados dessa pesquisa sua identidade será mantida em rigoroso sigilo e serão omitidas todas as informações que possam identificá-lo (a). A sua contribuição será de fundamental importância para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador no telefone (61)99284-4546.

Consinto em participar desta entrevista e declaro ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento.

Nome completo e assinatura do (a) participante

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS⁵⁹

Meta dados e orientações

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Contato inicial:

- Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es).
- Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.
- Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.

Procedimentos iniciais:

- Preparar o gravador.
- Iniciar a gravação.

Questões para entrevista coletiva (Grupo Focal)

- 1) *O que você entende por violência escolar?*
- 2) *Quais tipos de violência em sua avaliação ocorrem na escola?*
- 3) *Quem são as vítimas dos atos violentos relacionados a escola?*
- 4) *Quem são os sujeitos praticantes de atos de violência na escola?*
- 5) *Em seu tempo de prática pedagógica, acredita que existe algum período em que houve mais manifestações de violência na escola?*
- 6) *Existem em sua opinião, fatores externos à escola que influenciam nas manifestações de violência na escola? caso a resposta seja positiva, quais seriam esses fatores?*
- 7) *Você acredita que a internet tem algum impacto nas manifestações de violência na escola?*
- 8) *Você acredita que o panorama pelo qual o país passa, pode ser político, social ou econômico, incita a mais ou menos manifestações de violência na escola? Como?*

⁵⁹ Modelo adaptado, disponível em <https://www.academica.com.br/materiais>. Acesso em 14 set. 2024.

9) *O que em sua opinião, o que pode ser feito pela escola para que ocorram menos casos de violência na escola?*

10) *O que em sua opinião, pode ser feito em sua prática pedagógica para que ocorram menos casos de violência na escola?*

Características socioeconômicas dos entrevistados:

- Idade
- Nível de educação
- Tempo de prática pedagógica
- Disciplina que ministra na escola
- Tem o hábito de acompanhar as redes sociais
- Onde reside atualmente

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com o pesquisador.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 1

Tempo de gravação: 00:18:43

Entrevistador: Começamos a entrevista. Participante, o que você entende por violência escolar?

Entrevistada: Violência escolar, bom, além da violência física é a violência, verbal, que acontece muito *bullying*, é a questão do preconceito, as brincadeiras de mau gosto, e geralmente essas brincadeiras acabam sempre numa agressão física.

Entrevistador: O que você chama de brincadeira de mau gosto, você pode dar um exemplo pra gente, por favor?

Entrevistada: Chamar de apelidos, na questão do preconceito, ou é gordinho, gorducho, negrinho, entendeu?

Entrevistador: Quais tipos de violência em sua avaliação ocorrem na escola?

Entrevistada: Violência física, violência verbal, violência emocional, psicológica, acontece muito nessas interações entre os estudantes.

Entrevistador: Você falou emocional, qual o outro, psicológica?

Entrevistada: Psicológica.

Entrevistador: Você pode dar um exemplo pra gente também, por favor?

Entrevistada: São gatilhos né, tem estudantes que dependendo de algum fato que tenha acontecido na família, por exemplo, perdeu o pai ou perdeu a mãe e um outro estudante faz a brincadeira, né, insinuando a falta da mãe, a falta do pai que não tem quem cuida, não tem quem acompanhe, isso afeta emocionalmente e psicologicamente também o estudante.

Entrevistador: E isso acontece aqui, tem acontecido?

Entrevistada: Acontece.

Entrevistador: Quais são as vítimas dos atos violentos relacionados à escola?

Entrevistada: Em sua grande maioria os próprios estudantes.

Entrevistador: Você falou em sua grande maioria, então...?

Entrevistada: Pode acontecer com algum professor, algum servidor da escola, principalmente a violência verbal, né, física eu não me recordo de ter acontecido, quer dizer, eu me recordo, aconteceu comigo em dois mil e dezessete, um estudante jogou uma bola na minha cara, de propósito.

Entrevistador: Bola de educação física?

Entrevistada: Bola de vôlei, isso, mas é mais frequente entre os estudantes mesmo.

Entrevistador: Quem são os sujeitos praticantes de atos de violência na escola?

Entrevistada: Os estudantes. Às vezes algum servidor, pela forma de falar pode ser considerado uma forma de violência verbal, a grosseria, falta de jeito de falar, pode ser considerado uma forma de agressão.

Entrevistador: Então, pelo que você está me falando os estudantes são os maiores praticantes, mas também as maiores vítimas.

Entrevistada: Isso, porque eles fazem uns com os outros.

Entrevistador: Mas, ao mesmo tempo, pelo que você está falando não fica estrito...

Entrevistada: Estrito a eles, igual eu falei, na forma de falar de algum servidor, de algum professor às vezes pode caracterizar uma violência verbal a forma de falar, então pode sim.

Entrevistador: Em seu tempo de prática pedagógica acredita que existe algum período em que houve mais manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Olha, que eu me recorde desde que entrei, quando eu estava em sala de aula eu não via tanta manifestação de violência, mas foi a partir de dois mil e vinte e dois que eu comecei a notar mais casos de violência dentro da escola, vinte e dois e vinte e três foram bem incomuns.

Entrevistador: Você me falou que você entrou na escola em dois mil e dezesseis.

Entrevistada: Dois mil e dezesseis.

Entrevistador: Então a gente teve a pandemia em dois mil e vinte...

Entrevistada: Metade de dois mil e vinte e um...

Entrevistador: Metade de vinte e um que ficou online, híbrido, então de dois mil e dezesseis a dois mil e dezenove você observava menos, teve o período pandêmico e em dois mil e vinte e dois isso ficou mais evidente, mais claro.

Entrevistada: Mais evidente em dois mil e vinte e dois, em dois mil e vinte e três foi pior que dois mil e vinte e dois a violência dos estudantes.

Entrevistador: Então em dois mil e vinte e dois já foi muito maior, pra você, e vinte e três se manteve em crescente.

Entrevistada: De forma mais intensa.

Entrevistador: Nesse período teve algum caso mais, que chamou a atenção de uma forma mais especial nesses dois últimos anos que você relatou?

Entrevistada: Dois mil e vinte e três não, mas esse ano que eu citei, que a gente está ainda terminando o primeiro bimestre agora, teve o caso do menino que foi esfaqueado na porta ali, no corredor de entrada da escola, esse ano teve isso.

Entrevistador: Corredor de entrada onde os pais têm acesso à secretaria?

Entrevistada: Tem o portão de entrada e tem o corredor que tranca o portão, foi nesse corredor aqui, ele foi esfaqueado por estudantes da própria escola também, ele estudava aqui e os estudantes que esfaquearam ele também eram daqui.

Entrevistador: E isso foi a entrada, na saída?

Entrevistada: Isso foi no final do turno, foi umas dezoito horas, umas dezoito e vinte.

Entrevistador: Então eram todos alunos do vespertino.

Entrevistada: Todos do vespertino.

Entrevistador: E aí tanto, acredito, como os agressores estavam saindo do turno e ocorreu a agressão.

Entrevistada: Isso, a grande maioria dos estudantes já tinham saído, tinham alguns que esperam van, esperam o pai, e ele entrou correndo eu acho que na tentativa de buscar socorro.

Entrevistador: Mas já ferido.

Entrevistada: Ele foi ferido ali, ali ele foi ferido, estava sendo perseguido.

Entrevistador: Ah, então eles saíram da escola, aí os agressores foram atrás dele...

Entrevistada: Aconteceu essa briga fora da escola aí ele foi perseguido.

Entrevistador: Na tentativa de se proteger ele entrou na escola e foi...,

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: E qual foi o desencadeamento desse caso?

Entrevistada: Ele foi internado, fez uma cirurgia, estava com risco de vida, mas ele sobreviveu, não tive mais notícias, a última que eu tive é que ele estava fazendo fisioterapia e ele tinha grande chance de voltar a andar.

Entrevistador: E os agressores?

Entrevistada: Não sei o que aconteceu com os agressores, eu sei que foi feito um boletim de ocorrência, foram transferidos da escola e foram orientados os pais a buscarem outras escolas, o agressor, eu não sei o nome dele agora, eu não vou me lembrar, ele não foi encontrado durante as primeiras horas, os primeiros dias, né, depois eu não sei mais dizer.

Entrevistador: A polícia teve envolvimento, não?

Entrevistada: A polícia teve envolvimento.

Entrevistador: Investigou?

Entrevistada: Aí a partir daí eu não sei mais o desfecho da investigação da polícia.

Entrevistador: Existem, na sua opinião, fatores externos à escola que influenciam nas manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Sim, existem.

Entrevistador: Caso a resposta seja positiva quais seriam esses fatores?

Entrevistada: Olha, alguns estudantes a gente sabe, assim, por denúncia, que alguns estudantes são filhos de traficantes, então há uma rixa também entre facções que existem em Itapoã, então há uma rixa entre eles, há uma briga às vezes e desencadeia aqui dentro da escola, entre os filhos dos integrantes dessas gangues.

Entrevistador: Então são problemas, tipo policialesco, de fora dos muros da escola que acabam por entrar na escola porque os meninos são filhos dessas pessoas e estudam na escola.

Entrevistada: Tem questão também de fofocas, muitas das brigas, principalmente entre as meninas é porque alguém fala alguma coisa e quando chega no ouvido da outra já chega um, tipo uma bola de neve, já foi inventando várias coisas, isso sempre causa intrigas e acabam em violência física entre elas também.

Entrevistador: Você acredita que a internet tem algum impacto nas manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Tem sim, porque eles acabam postando ameaças na internet, sempre que acontece uma briga eles filmam, sempre tem alguém filmando pra depois jogar nas redes sociais, isso impacta bastante no resultado final dessa confusão.

Entrevistador: Então aparentemente tem um... pode ser que tenha um planejamento prévio, né, porque se já tem o menino pra filmar ele já foi...

Entrevistada: Sempre tem alguém.

Entrevistador: Ele já foi designado, filma aí, filma aí.

Entrevistada: Pensando que vai ter briga já tem um burburinho antes, né, já estão falando, olha, lá fora vai ter briga, lá fora vai ter briga, a gente sempre chama o batalhão escolar, mas nem sempre eles vem, e às vezes acontece um pouco distante da escola, mas mesmo distante da escola desencadeia aqui dentro da escola, depois, no outro dia, no resto da semana.

Entrevistador: E aí isso vai pra internet.

Entrevistada: Isso vai pra internet.

Entrevistador: Algum lugar específico, mais de um lugar?

Entrevistada: Instagram, costumo ver com frequência eles postando no Instagram.

Entrevistador: Você já viu?

Entrevistada: Eu já vi, e alguns acabam terminando nessas mídias, por exemplo, Senado em Foco, a questão do esfaqueamento do menino foi questão, assim, de minutos, já estava na Rede Globo, mas o mais comum é Instagram.

Entrevistador: Esse Instagram, pelo que você viu, é o perfil pessoal dos meninos ou eles utilizam [Inaudível].

Entrevistada: Eles utilizam perfis falsos e com nome atrelado ao Zilda.

Entrevistador: Você acredita que o panorama pelo qual o país passa a partir de dois mil e dezesseis até os nossos dias pode ser político, social ou econômico e incita a mais ou menos manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Eu acho que influencia mais o social e o econômico, eu acredito que os estudantes eles não estão muito ligados na questão política, possa ser que os seus pais, seus responsáveis sim, né, pode ser que isso influencie de alguma forma, mas eu acredito que é mais social e econômico mesmo.

Entrevistador: Em sua opinião o que pode ser feito pela escola para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistada: Eu acho que a família deveria ser mais presente, tem muitos estudantes que não tem acompanhamento próximo da família, às vezes a gente tem dificuldade para entrar em contato com qualquer responsável, pai, mãe, seja um irmão mais velho a gente tem muita dificuldade de que eles participem, que eles acompanhem, mesmo aqueles que acompanham não são tão compreensivos, geralmente eles culpam a escola pelas coisas que acontecem, eles acham que há omissão falta de policiamento, falta de segurança, então eles

sempre culpam a escola, então quando eles vem eles não vem pra se juntar à escola e tentar uma solução, eles vem mais pra acusar a escola.

Entrevistador: Eles acusam a escola de quê?

Entrevistada: Por exemplo, nesse último caso foi a falta de segurança, realmente a gente não tem segurança, mas não é responsabilidade da escola fornecer a segurança, é uma questão pública, de políticas públicas, segurança pública.

Entrevistador: Até porque foi algo externo que acabou entrando, né?

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: O que, em sua opinião, pode ser feito em sua prática pedagógica para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistada: Uma coisa que a gente tem feito é a conscientização, é a conversa, é a mediação entre os envolvidos nos conflitos, a gente sempre tenta a mediação, antes da suspensão, o caso é grave, tem, suspensão, mas mesmo com a suspensão tem mediação entre os estudantes e entre as famílias, nessas mediações a gente chama conselho tutelar, a gente costuma chamar o batalhão escolar, então a gente tenta essa conscientização não só com os estudantes, mas também com a família, então é uma questão de diálogo, de conversa, eu acho que a gente está dando alguns passos e a gente tem visto que tem em muitos casos tem um resultado positivo.

Entrevistador: E de uma forma mais estrita no universo de sala de aula o que você acha que na sala de aula pode ser feito pra diminuir os casos de violência escolar?

Entrevistada: Eu continuo apostando na conscientização, na conversa mesmo, no diálogo professores e estudantes, sempre ensinando a forma de agir, a melhor forma de agir, porque eles agem muitas vezes por impulso, ou porque eles gostam mesmo da confusão, gostam da bagunça, então eu acho que é uma questão de eles conseguirem entender o resultado dessas ações deles, então eu acho que a conversa, a mediação pode ter algumas intervenções de mostrar mesmo coisas que já aconteceram resultados, a gente trazer, por exemplo, vídeos, reportagens e a gente sempre focar ali o resultado que aquilo tudo, a que levou aquilo tudo, a gente pode ter algumas ações pedagógicas nesse sentido.

Entrevistador: Participante, tem alguma informação adicional que você gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista?

Entrevistada: Não. É, a questão da violência que é muito recorrente dentro das escolas em sua grande maioria não foi gerada aqui dentro da escola, é isso, se iniciou lá fora e vem desencadear aqui dentro da escola, acho que é responsabilidade da escola, não o fim, uma solução, é situação de violência, e a escola na verdade precisa de ajuda, precisa de socorro porque sozinha a escola não vai conseguir minimizar, pelo menos, minimizar essa questão de violência,

assim, tão cedo, porque apesar de a gente ver alguns resultados são passos bem lentos, devagar, mas eu acredito que vai levar um bom tempo, mas pode melhorar, principalmente se a gente ganhar ajuda de mão de obra, pessoal pra trabalhar, porque nós não temos, por exemplo, há um bom tempo os orientadores, quem nos ajuda nessas questões de encaminhamento, porque muitos estudantes envolvidos também nessa questão de violência eles tem casos familiares que de alguma forma já foi acompanhado, já teve acompanhamento médico, acompanhamento psicológico, e os orientadores que fazem esse tipo de encaminhamento, esse tipo de encaminhamento e mediação a gente não tem, estamos sem psicólogo e sem pedagogo também.

Entrevistador: Então você sente que a escola é meio sozinha.

Entrevistada: Abandonada.

Entrevistador: Enfrenta o problema, o problema passa por ela, mas ela é a abandonada, é a palavra que você usou.

Entrevistada: Ela não, de todas as ações que ela faz a porcentagem, assim, o resultado positivo é uma porcentagem pequena.

Entrevistador: Essa palavra que você usou ela é apropriada, abandonada. E você sente que esse termo ele vai se aplicando cada vez mais num período, um recorte de tempo, dois mil e dezesseis dois mil e vinte e três houve uma progressão nesse abandono?

Entrevistada: Houve uma progressão, eu acredito que houve sim uma progressão nesse abandono, pouco caso, né, não é valorizada as escolas, os professores também não são, não só pela questão do pagamento, assim, do salário, mas também acho que as formações poderiam ser melhores, as formações profissionais, os professores devem ser melhores preparados, mais preparados.

Entrevistador: Participante, ficou alguma dúvida em relação ao projeto, em relação à entrevista, a pesquisa?

Entrevistada: Não, tá tudo claro, sem nenhuma dúvida.

Entrevistador: Então agradeço muito pela sua participação, muito obrigado.

Entrevistada: Agradeço.

APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 2

Tempo de gravação: 00:21:35

Entrevistador: Bom dia, participante, entrevista número dois. Participante, o que você entende por violência escolar?

Entrevistado: Bom dia. Então, violência escolar, o que eu entendo assim, nesse tempo que eu estou aqui na escola, tudo que eles fazem na escola, que não sejam do agrado deles, eles querem resolver na violência. E aí é, através de brigas entre eles e até fora da escola, que aí gera uma questão pior, que aí tem envolve família, ou até a questão de arma branca, então a violência escolar, eu entendo isso, é alguma forma que eles têm de resolver alguns problemas que eles têm dentro da escola sem ter o diálogo, e aí não tem a mediação de conflito e aí eles têm essa violência escolar.

Entrevistador: Quem você chama de eles?

Entrevistado: Os estudantes. Então aqui na escola a gente tem estudantes de dez a quinze, dezesseis anos, então os estudantes quando eles não resolvem as questões de uma forma amigável, de uma forma correta, aí surge essa violência escolar.

Entrevistador: Quais tipos de violência em sua avaliação ocorre na escola?

Entrevistado: Vamos lá, tipos de violência. Então, assim, aqui a gente tem violência, por exemplo, tem muito *bullying*, é um tipo de violência, o racismo é um tipo de violência e aqui eles lutam muito com essas coisas, a questão de agressão verbal é uma violência assédio a gente tem aqui na escola já teve entre os estudantes também, é uma violência, e a agressividade é a violência que é na briga mesmo, então são essas violências que a gente tem aqui na escola.

Entrevistador: Quem são as vítimas dos atos violentos relacionados à escola?

Entrevistado: São os estudantes, né? Às vezes, às vezes não, muitas vezes os estudantes sofrem as violências da vida deles, assim mesmo a questão dos pais, dos avós, dos tios, dos parentes mais próximos e eles já vêm para a escola com uma história de violência e aqui na escola a gente tem casos de violência entre eles, muitas vezes vindo lá de fora e muitas vezes aqui dentro da escola mesmo.

Entrevistador: Quem são os sujeitos praticantes de atos de violência na escola?

Entrevistado: Os sujeitos praticantes são os estudantes, eles tem algumas questões que acontecem na escola que eles não conseguem resolver da melhor forma, que é a forma mais na conversa, na parceria, na amizade, conversar com alguém da escola para tentar resolver e aí entre eles mesmos tem a violência, entre os estudantes mesmo tem a violência.

Entrevistador: Até o momento, nosso papo, minhas perguntas você se referiu aos estudantes em todos os momentos. Você acredita que esse fenômeno fica restrito aos estudantes?

Entrevistado: Não, porque tem a questão familiar, que ele sofre uma violência fora da escola, questão familiar é muito, muito forte, então, muitos vêm pra cá com esse, esse peso, assim, nas costas de algumas violências que eles sofrem na vida e acabam meio que, entre aspas, descontando em algumas questões na escola que era um problema que poderia ter sido resolvido de uma forma menor, mais fácil e aí vira um problema muito grande. Em relação aos professores, assim, com os estudantes, eu não estou lembrado de casos que aconteceu algum tipo de violência entre professor e estudante, ou entre estudante e professor. Aqui na escola eu não estou lembrado, não.

Entrevistador: Em seu tempo de prática pedagógica, acredita que existe algum período em que houve mais manifestações de violência na escola?

Entrevistado: Eu acho que assim que acabou a pandemia, exatamente, nesses anos que eu estou aqui na escola, foi logo após a pandemia, dois mil e vinte e um, voltou, é, exatamente, vinte e um e vinte e dois foram anos que tivemos muitos problemas aqui na escola de violência, exatamente, eu acho que o período que é esses anos, um ano e meio, mais ou menos.

Entrevistador: Então só para frisar, dois mil e vinte foi o ano da pandemia, o ano letivo foi todo online, aí vinte e um começou online, depois foi pro híbrido e eles ficavam um pouco em casa, um pouco na escola, ficavam alguns períodos na escola, e aí vinte e dois pra você houve uma expansão do surgimento do fenômeno da violência na escola?

Entrevistado: Isso, eu acho que, pra mim, esses anos que eu too aqui na escola, a gente nunca ficou sem ter casos de violência, nunca aconteceu, infelizmente, mas vinte e um, final do dano, acho que foi de agosto até dezembro, em o ano de vinte e dois foram os anos que eu achei que deu aquela aumentada de casos de violência e a gente descobrir, através de estudantes também, violências que eles sofreram no período pandêmico também, em casa.

Entrevistador: E em vinte e três, dois mil e vinte e três?

Entrevistado: Dois mil e vinte e três eu acho que a gente teve casos de violência, aqui na escola, até a próxima escola, a região, a gente ouvia histórias, mas eu acho que foi menor do que vinte e dois, mais tivemos sim.

Entrevistador: Existem, em sua opinião, fatores externos da escola que influenciam nas manifestações de violência na escola?

Entrevistado: Sim, existem, então, por exemplo, eu sempre acho que os estudantes saírem da escola e não ter uma atividade para eles fazerem após a escola, isso acarreta a ansiedade, o ficar sem fazer nada, eu acredito muito que deixe eles assim, os estudantes ansiosos e aí qualquer coisa é motivo de gerar algum estresse e ter a violência, eu sempre acho que devia ter atividades,

deviam ter atividades esportivas e artísticas, questão de teatro, música, para eles fazerem após a escola, no período pós escola, eu acho que isso aí ia reduzir muito essa questão da violência escolar.

Entrevistador: A próxima pergunta dentro dessa, acho que você já contemplou, é caso a resposta seja positiva, quais seriam esses fatores, então você tá trazendo a questão do tempo ocioso, tá, da falta de outras atividades além da atividade escolar.

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: Mais alguma coisa, você acha?

Entrevistado: É, e aí acontece que eles têm contato com alguns, por exemplo, aqui os nossos estudantes mais novos, eles têm contato com os moradores da região que são mais velhos que eles ou até mesmo adultos que não têm uma atividade, não têm um trabalho, não estão estudando e aí eles estão envolvidos com drogas, algumas outras atividades e aí eles entram nesse meio e aí como eles não têm nenhuma atividade extra, eles acabam entrando nesse meio e aí eles ficam mais violentos e aí violentos em casa, violentos na rua, violentos na escola também.

Entrevistador: E aí acabam por trazer essa cultura, nesse tempo ocioso participam de outras formas onde eles vão se culturalizando com aquilo e acabam trazendo isso pra dentro da escola.

Entrevistado: Exatamente. E aqui na nossa comunidade é muito isso, muita coisa que acontece lá fora vem para dentro da escola e a gente tem que mediar, e é muito bom quando a gente consegue, mas quando a gente não consegue, a gente escuta histórias que alguns estudantes a gente acaba perdendo por esses motivos.

Entrevistador: Perdendo em que sentido?

Entrevistado: É de morte, que eu acho que é uma parte pior assim, de você conhecer estudante que morreu e também ficando preso por um período, e aí quando sai da prisão não quer voltar para a escola e a gente encontra com eles, assim, na rua, e aí vai conversar com eles, eles lembram da gente, cumprimentam, mas fala ah, too de boa, não quero voltar, não, too de boa.

Entrevistador: Você acredita que a internet tem algum impacto nas manifestações de violência na escola?

Entrevistado: Acredito, acredito muito. A internet ela é boa uma maior parte do tempo, eu acredito. Mas tem um percentual baixo que causa grandes danos. Eu acredito sim. Entre os estudantes mesmo a gente já mediou o conflito aqui de briga dentro da escola por questões de Instaram, mensagens de Instaram, uma interpretou mensagens de outra de outra forma e já agrediu, agrediu quando chegam na escola, a agressão verbal virou agressão física e aí a gente teve que

chamar familiares, enfim, por questões de Instaram. Não foi só uma vez, algumas vezes aconteceram, então acho que sim.

Entrevistador: Isso que você citou, essa questão do Instagram, você já viu ou isso chegou aos seus ouvidos?

Entrevistado: Chegou aos meus, porque eu não tenho Instagram, então chegou aos meus ouvidos pelos próprios estudantes, eles me mostram, dão print nas conversas e aí a gente vai ver o que aconteceu e é às vezes uma interpretação de outra forma poderia ter evitado uma briga que gerou, que foi muito grande, por isso, mensagem, forma de falar, alguma postagem, deboche, ah, debochou de mim, então é muita questão disso.

Entrevistador: E essas mensagens, elas se encontram no perfil pessoal dos meninos?

Entrevistado: Isso, alguns perfis pessoais e outros perfis que eles criam pra descobrir essas coisas, e aí você, ué, mas aqui não tem uma foto [Inaudível] é que ele criou pra descobrir essa fofoca e aí a fofoca ele vai descobrir e de repente vem tirar satisfações aqui dentro da escola, aí tem briga aqui.

Entrevistador: O chamado perfil *fake*, né?

Entrevistado: É, o perfil *fake*.

Entrevistador: Você acredita que o panorama pelo qual o país passa, pode ser político, social, econômico, incita a mais ou menos manifestações de violência na escola?

Entrevistado: Acredito, acredito sim.

Entrevistador: Como?

Entrevistado: Por exemplo, vou falar da questão social, assim, por exemplo, a internet ela mostra as pessoas que são que são *fakes* no sentido de... Tipo assim. elas não tem tudo que elas mostram na internet em relação a bens materiais, só que elas saem postando, e aí todo mundo tem acesso àquela informação e os estudantes vivendo uma vida aqui gera revolta. em alguns gera uma revolta e aí porque que eu vou estudar se eu posso virar um vendedor de drogas e ganhar muito mais dinheiro fazendo isso ou aquilo e aí eu acho que gera muita violência, sim, esse é um dos motivos que eu acho que a questão social, a questão política eu sempre acho que o dinheiro independente de governo sabe, o dinheiro que é pra ser destinado pra educação, pra saúde eu acho que ele não é destinado da forma que deveria ser, por isso que a gente sofre muito com essa parte, a corrupção no Brasil gera muito isso, então, aqui na nossa cidade poderia ter muito mais coisas, evitado muito mais coisas, se o dinheiro fosse destinado para aquela educação, para aquela parte esportiva, social, cultural, eu acredito sim.

Entrevistador: E nesse período específico do nosso recorte temporal, dois mil e dezessete a dois mil e vinte e três, você acha que você observa que isso ficou mais evidente pra você, que você teve mais clareza e você observou mais essas questões tanto política, como social, como econômica que você citou?

Entrevistado: É assim, na verdade, quando você está dentro da escola, você enxerga uma realidade que muitas pessoas que estão lá fora, que nunca pisaram em uma escola pública, não enxergam, e isso é muito porque eu trabalhava com outra coisa antes de vir para a escola, e quando você conta certos casos de uma escola pública, principalmente daqui onde eu estou há muito tempo, gera uma surpresa, as pessoas ficam espantadas, então assim, eu acho que quando a gente tá aqui dentro parece que a gente vivencia mais isso, a gente, meio que você quer saber de mais coisas, você se informa de mais coisas e já, vamos dizer, lá fora da escola tem gente que, ah, tô ganhando meu dinheiro ali e pra mim tanto faz, se o pau tá quebrando na escola, se estão investindo ou não na educação pública, meu filho estuda em escola particular e pra mim não faz diferença, mas isso pra mim é uma das questões mais difíceis porque realmente dá muita impressão que quem faz as leis, quem destina o dinheiro nunca botou o pé numa escola pública e não sabe realmente que tem estudante que vem pra escola só pra comer porque ele não tem comida na casa dele, então, eu acho que aumentou, assim, nesse período e eu acho que infelizmente parece que é uma crescente, sabe? Você vai vendo e você, pô, tá melhorando algumas coisas, tá melhorando, mas tem outras coisas que você vê que continua crescendo, coisas ruins e não tem, parece que não tem um ponto final.

Entrevistador: Em sua opinião, o que pode ser feito pela escola para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistado: Aqui na escola, o que na minha opinião poderia ser feito era fazer jornada dupla, igual disse em relação à parte esportiva, sério, a parte esportiva, na minha opinião, salva muito estudante, salva muita gente. Nós sabemos disso. Eu conheço muitos estudantes que saíram do mundo, das drogas, do mundo do crime clima e foram pro esporte e tiveram uma vida diferente, então se tivéssemos um espaço para os estudantes saírem da escola, vocês vão sair daqui, segunda, quarta e sexta para fazer atividades esportivas em grupo mesmo, nós temos futebol, basquete, vôlei, handebol, nós temos Jiu Jitsu, nós temos luta livre aqui, nós temos várias atividades que eles conseguiriam fazer e nas terças e quintas vocês iriam fazer atividade, aprender algum instrumento musical, aprender alguma língua estrangeira, fazer teatro então eu acho que esse seria o principal, não é botar mais polícia na escola, botar mais polícia na cidade, tinha que ter parte pra eles fazerem fora da escola, ocupar o tempo com coisas pra eles saírem da escola, caraca, hoje eu tenho aula de Jiu Jitsu, hoje eu tenho aula de luta livre, hoje eu vou ter futebol, vou treinar, não sei o que, então, essa é a ideia, então, pra mim, isso seria o principal, por isso que quando eu vejo alguns relatos de algumas pessoas que são milionárias, jogadores de futebol, artistas, que eles fazem isso na comunidade que eles cresceram eu acho isso sensacional e aí eu fico pensando que o governo não faz isso porque não quer, que aqui na escola, por exemplo, poderia fazer, botar uma piscina, botar um campo,

botar uma quadra, botar um tatame, botar uma sala para ter várias aulas de teatro, de instrumentos musicais, então esse seria, não é segredo, mas para mim, minha opinião é isso aí.

Entrevistador: O que, em sua opinião, pode ser feito em sua prática pedagógica para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistado: É, então, aqui, na realidade da escola, na escola onde eu trabalho, a gente tem que fazer o diálogo ser a parte principal, então a gente conversar com os professores, conversar com os estudantes, conversar entre os estudantes e professores para, se tiver algum problema fora da escola, conta para nós que nós iremos tentar resolver aqui dentro da escola, para não deixar virar uma bola de neve, um problema que era pequenininho virar gigante e sair da escola pior do que entrou, sempre isso, tentar mediação através da conversa, do diálogo. Em relação às aulas dos professores, os professores fazem atividades criativas, atividades que eles consigam chamar os estudantes pra si, porque quando o estudante não gosta de certas matérias, eles têm a tendência de querer matar aquela aula e aí matando a aula, ele vai estar lá fora, com a mente vazia e aí é que gera essa questão da revolta, então, assim, é buscar isso dos professores nas aulas de educação física e aulas também que eles estão em sala o tempo inteiro sem ter aulas fora da sala de aula, então essa questão acho que... essas questões acho que são importantes.

Entrevistador: Então se eu entendi a [Inaudível] se elevando à importância da questão relacional e também dos conteúdos, a forma como os conteúdos são ministrados.

Entrevistador: Isso, eu acho importante isso aí, sim, porque é impressionante, quando tem aulas criativas, aulas que os estudantes gostam, ninguém quer sair daquela aula, às vezes, ah, todo mundo gosta de educação física? Não, não é todo mundo que gosta, tem estudante que não gosta de educação física, mas ele começa a gostar porque o professor chamou a atenção dele com alguma atividade que ele passou, e mesma coisa o professor de matemática, de português, acho que é importante ter isso sim, que estudante em sala de aula, estudante na escola fazendo atividade, o estudante não tem tempo para pensar em querer agredir, brigar, enfim, acontece, acontece alguma treta na educação física, no futebol, no vôlei, no basquete, algumas salas, sim, mas isso aí, essas brigas são mais difíceis, são mais fáceis de serem resolvidas. Então, acredito que sim.

Entrevistador: Muito bom. Participante, tem alguma informação adicional que você gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista?

Entrevistado: Bom, achei que, acrescentar, assim, eu queria só dizer que eu ainda acredito muito na educação como uma forma de, entre aspas, salvar a vida, melhorar a vida de muitos estudantes, de muitas pessoas, acredito nisso, porém tem coisas que a gente não consegue fazer sozinho, que a gente depende de outras pessoas que estão no governo, por exemplo, e aí essa parte eu acho

mais difícil, mas enquanto professor, enquanto educador, eu acredito que a gente consiga sim, porque eu vejo que na escola onde eu trabalho, eu estou esse tempo todo e eu não vejo melhora na vida dos estudantes, a gente vai a passos pequenos, mas que o importante é não parar, o importante é devagarzinho a gente estar sempre progredindo.

Entrevistador: Participante, ficou alguma dúvida em relação ao projeto, em relação à entrevista, em relação à metodologia aplicada, algum tipo de dúvida?

Entrevistado: Não, nenhuma dúvida.

Entrevistador: Tudo certo?

Entrevistado: Tudo tranquilo.

Entrevistador: Então, te agradecer muito pela sua participação, obrigado pela entrevista e pela colaboração na pesquisa.

Entrevistado: Valeu Vandeir, obrigado você por tudo aí, pela oportunidade, sucesso e que dê tudo certo na sua... no seu mestrado.

APÊNDICE 6 – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 3

Tempo de gravação: 00:24:49

Entrevistador: Participante, bom dia, inicialmente quero te agradecer pela disponibilidade pela sua colaboração. Participante, o que você entende por violência escolar?

Entrevistada: Eu acredito que nós temos que pensar em violências escolares, porque são muitas, né? Elas partem tanto das relações entre os estudantes, como também em muitos momentos de professores para estudantes, estudantes pra os professores, então elas são muitas, né, e tem a ver aí com um contexto de uma comunidade também, de uma sociedade, né?

Entrevistador: Quais tipos de violência em sua avaliação ocorrem na escola?

Entrevistada: Violência física, mas ela sempre começa, no meu ponto de vista, né, pela verbal, por agressões, primeiro, que começam com essas brincadeiras, que eles generalizam, chamando tudo de *bullying* e tal, mas que são as violências estruturais mesmo da nossa sociedade, muitas brincadeiras que acabam levando a uma violência física, mas ela também é emocional, é psíquica, é de, deixa eu ver se eu consigo dar os exemplos práticos, né, assim, a violência de um estudante chamar outro de viado, né, “ah, seu viado”, “ah, isso é o quê? Viado é você, ah, sua mãe”, aí começa numa discussão, num bate-boca e aí entram numa porrada. Essa semana em conselho de classe, a gente também entre professores e uma professora toda hora e falam “ah, aquele aluno moreninho”, a gente, há violência também, porque eu tenho falado com os meus estudantes, não tem problema você falar que seu colega é negro, ah, qual o problema. Então, assim, essas violências desse racismo estrutural também da nossa sociedade, então, assim, que acontece, ah, aquele estudante lá ele é preguiçoso, né, então isso para mim é uma violência também de um professor para com aluno, né?

Entrevistador: Você usou dois termos parece pela sua fala que você usa, esses termos achando que é uma diminuição do problema de fato, quando você falou de *bullying*, você falou que é uma generalização, e isso de moreninho também, você acha que esses termos diminuem o problema?

Entrevistada: Sim, porque coloca tudo assim, quando a gente não nomeia as coisas, fala assim, ah, primeiro antes era tudo brincadeira, né? Acho que na nossa geração não tinha nome pra nada mesmo, porque era tudo brincadeira. Hoje em dia, tipo assim, tudo é *bullying*, então, assim, o problema do Zilda é o *bullying*, mas aí a gente vai entendendo, aprofundando, convivendo na escola, vai entendendo que não é só isso, né? Porque aí é assim, é o racismo, é a homofobia, gordofobia, enfim, todas essas nomenclaturas aí que talvez já estejam até atualizadas, né? Acho que agora a gente já usa LGBTQIA+ a mais fobia. Então, assim, eu acho que se a gente começa a nomear, igual eu falei pra um estudante esses dias, eu falei assim, não, fala pra fulano que tá fazendo isso com você e fala assim, olha, isso que você está fazendo é racismo, e eu posso te denunciar, isso é crime, e você tem que ser forte pra você conseguir falar isso,

mas você vai precisar ter resposta pra isso que você tá sofrendo. Então, tanto o entendimento, né, fazer com que os nossos estudantes negros entendam o que estão passando, o que que estão sofrendo, é importante, porque se a gente coloca dizendo assim “ah, é *bullying*”, a gente tá só tampando o sol com a peneira [Risos].

Entrevistador: Quem são as vítimas dos atos violentos relacionados à escola?

Entrevistada: Todos. Eu acho que desde o pessoal da limpeza, todos sofrem com as violências geradas na escola, não são só os estudantes, os professores estão adoecidos, muitas pessoas também, assim, o pessoal da limpeza quando eu fiquei na gestão, eles sofrem muito também de serem desrespeitados pelo seu trabalho, de limpar em uma sala, fazer uma faxina e quando termina uma aula, uma mesa tá toda arriscada, uma sala de aula tá suja, cheia de água, suco, sei lá, coisas derramadas no chão, então, assim eu sinto que isso também é uma violência, né, então todos sofrem com as violências, porque é a falta de empatia, a falta de se colocar no lugar do outro, falta dos valores.

Entrevistador: Quem são os sujeitos praticantes de atos de violência na escola?

Entrevistada: Eu poderia dizer todos e alguns [Risos], porquê... Eu não acho que a gente deva, em momento nenhum até falar assim, “ah, o Zilda é violento”, eu sempre tenho dito isso para as famílias, vamos parar de falar que o Zilda é violento, porque eu trabalho aqui, eu não sou violenta. Então, assim, é... Quem são essas pessoas? Eu não sei dizer, mas são algumas pessoas, assim, eu quando penso em estudantes, eu não consigo contar 10% todo ano, desses seis anos, não é 10% que é violento, não é assim, que tem atitudes violentas, que tem atitudes não empáticas, que tem atitudes que fogem do padrão assim, de convivência em uma sociedade. E é isso, a mesma coisa também com o número de professores, não são todos, mas tem, não são todos a limpeza, mas tem, não são todos da secretaria, mas tem aqueles que tipo assim, que são violentos de uma forma assim, às vezes vai fazer um tratamento na secretaria e não tratam bem um pai na hora de receber, não falam um bom dia, só falam “ah, hoje não dá pra resolver isso aqui não”, o vigilante, por exemplo, e aí? O vigilante tá ali fazendo um trabalho de receber os alunos, tá dando um bom dia, tá... Ô, menino, pode passar aí não, ah, esses meninos daqui são tudo vagabundo, isso é violência. Então, eu acho que depende dos lugares, mas sempre tem alguém que representa, né? De alguma maneira, violência, assim, não são todos, mas em todas as áreas têm.

Entrevistador: E, pelo que você tem falado até agora, há uma aparente tendência à generalização, né?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Coloca todo mundo na mesma categoria e esquece de separar de, e aí falta entendimento, né? Se eu coloco todo mundo junto, como é que eu vou entender a particularidade da questão das pessoas, da coisa?

Entrevistada: Exatamente.

Entrevistador: Em seu tempo de prática pedagógica, acredita que existe algum período em que houve mais manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Sim. Assim, quando eu cheguei no Zilda em 2018, eu lembro muito do intervalo, assim, o intervalo era uma coisa muito traumática pra mim assim, porque era isso, parecia que abria os portões e saiu um monte de bicho, era a sensação que eu tinha assim, e depois a gente tinha que ficar botando os bichos pra dentro das gaiolas assim, e aí os meninos ficavam muito assim, batendo naquelas grades, assobiando, fazendo barulho, era uma coisa bem ensurdecadora mesmo, assim, e tinha a ver, eu acho que isso tem muito a ver com... Era quinze minutos de intervalo pra eles lancharem e irem ao banheiro e tentarem, e uma fila gigante, porque é uma escola que, com setecentos estudantes não dava tempo de muitos lancharem, né, acabava os quinze minutos tinha gente que não tinha pegado, então, isso dava aquela revolta, tipo, não peguei meu lanche, então a revolta ia se estendendo. Então, assim, eu acho que uma coisa que foi muito importante pra o Zilda foi estender o intervalo, dar mais tempo pra eles lançarem, dar mais tempo para eles extrapolarem aí as energias e tal, e aí, agora, eu sinto que tem mais dignidade, sabe? Eles não têm mais... É difícil ainda voltar pra a sala, é, mas também não tem mais aquela coisa de abrir os portões e saiu todo mundo correndo, vai para a fila porque senão eu vou ficar sem lanche, hoje todo mundo lanche, acho que não tem mais esse problema de “fiquei sem lanche”. E a melhoria também da merenda, eu acho que foi muito, muito importante, assim, sabe, ter conseguido fazer com que o alimento tenha sabores, os estudantes comam e não desperdicem tanto, né? Então, assim, acho que teve um período ali de violência que tinha a ver com algumas estruturas que a gente... Que ela ainda existe né? Não tô dizendo que ela não existe, mas isso foi um exemplo de como a gente pode diminuir um pouquinho, né, dessa violência assim com um estender um intervalo, aumentar um horário.

Entrevistador: É só pra dar mais um dado, quando você fala setecentos estudantes setecentos por turno, né?

Entrevistada: Por turno, pra lanchar.

Entrevistador: Existem, em sua opinião, fatores externos à escola que influenciam nas manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Eu estava com uma fala, eu estava falando assim mesmo, na escola no Zilda não é violento, os estudantes não são violentos, eles são de uma comunidade violentada, com seus direitos negados. E aí, outro dia, relendo pedagogia do oprimido, e aí eu vi, basicamente, essa fala assim, no livro do Paulo Freire, falei, “ah, essa fala já estava aqui no meu subconsciente, que eu já li o livro há muito tempo”, e eu consegui entendê-la na prática, no Zilda, assim, e aí eu internalizei. E é isso assim, ninguém é violento porque nasce violento, né? E é isso, o Itapoã é a periferia do DF, eu acho que é a segunda maior periferia do DF hoje, né? E com, não tem um hospital, não tem uma área de lazer, hoje, assim, desde 2018 que eu tô lá até hoje eu vejo melhorias, por exemplo, a Praça dos Direitos é uma dignidade, né? O que eles estão fazendo agora tem um programa

lá de oficinas e tal, então começar a dar acesso à cultura, à arte, à esporte, a gente sabe que se transforma as vidas, o próprio Zilda, então é uma escola que está oferecendo oportunidades de convivência para além de ensinar conteúdo, eu acho que isso é muito importante, é digno. Agora, muitas pessoas no Itapoã vão estourar violentos porque é isso, é a fome batendo na porta, é você ir num posto de saúde, não ser atendido, não ter médico, é não ter um hospital ou você às vezes não tem dinheiro pra pegar o ônibus pra ir no hospital do Paranoá para você ser atendido, mas o que é, tanta coisa, é você não ter um saneamento básico, é você, às vezes, não tem o que comer, você ter uma moradia com goteira dentro de casa, que chega à época da chuva alaga, porque não tem águas pluviais, não tem, né? Então tudo isso aí gera revolta, e quem que com a revolta gerada não se torna violento? Todos nós.

Entrevistador: Você tocou num ponto que eu acho importante a gente voltar a ele, na sua fala, você voltou numa literatura, especificamente uma literatura freiriana, e aí essa tua volta te deu um entendimento um pouco maior do contexto, do quadro. Qual é a importância pra você dessa formação continuada, mesmo que seja pessoal, mesmo que não seja de modo formal, da literatura, de literatura específica, no caso freiriana, você acha que isso faz a diferença no quadro que a gente está conversando?

Entrevistada: O professor não pode ficar sem estudar, assim, o professor, e assim, eu recebi meus alunos do sexto ano esse ano falando, bem-vindos ao mundo dos estudos, porque você chegaram ao sexto ano e daqui, quem quiser estudar, quem quiser trabalhar e crescer, não vai poder parar de estudar, eu acho que em todas as profissões, na verdade, mas a gente tem que estar em contínua formação, porque isso alimenta assim, a gente precisa estar se retroalimentando para estar alimentando nossos estudantes de esperança, assim, de uma possibilidade, de um mundo assim. Eu tenho um dito que a gente não vai ajudar o mundo a não acabar ou coisa, mas a gente pode adiar, como diz o Ailton Crena também, a gente tenta fazer, achando que a gente pode, sim, mudar de alguma maneira as nossas condições, assim, igual, eu acho que o Itapoã pode vir a ser uma cidade potência no DF, assim, muito, com muitas possibilidades aí de se tornar uma cidade que vai produzir cultura, que vai produzir esporte, que vai produzir pessoas acadêmicas, enfim, mudar essa cidade, não é isso aqui vai ser para sempre, então a gente enquanto professor tem que estar se formando sim, lendo escrevendo fazendo coisas que gostam também, porque os nossos alunos precisam ver na gente esperança, né, a gente tem que ser exemplo, é o que eu penso assim.

Entrevistador: Você acredita que a internet tem algum impacto nas manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Nossa, não sei [Risos]. É assim, por um lado sim, é porque, por exemplo, quando tem uma briga, é no Zilda, que eles filmam na porta da escola, e essa briga, ela é replicada na internet, no dia seguinte tem mais briga, sabe por quê? Porque eles vão ganhar *like*, porque a briga dá *like*, e quando eu percebi isso foi muito triste, sabe? Foi muito triste, perceber caraca, galera que quer brigar para ganhar. Então, assim, o que a gente pode fazer para vocês

ganharem *like*? A gente pode fazer oficinas, a gente pode mostrar que vocês cantam, dançam, jogam bola, o que é, né? Então vamos tentar outra coisa, que foi quando até surgiu as ideias de botar as oficinas lá, que é uma coisa que tem funcionado assim, né? E para diminuir, eu não sei esse ano assim, como que tá, não tenho acompanhado tanto, mas eu não tenho visto, pelo menos assim, ah, os vídeos, os vídeos e coisas de brigas, assim, eu acho que realmente tem diminuído, né?

Entrevistador: Mas antes você chegou a ver.

Entrevistada: É, eu cheguei a ver essa vontade de brigar pra ganhar status na internet.

Entrevistador: Mas os vídeos, você chegou a ver os vídeos também?

Entrevistada: Ah, sim.

Entrevistador: Aonde?

Entrevistada: Ah, Instagram, WhatsApp, porque aí é isso, a galera começa a compartilhar, vocês viram isso no Zilda? Olha o que aconteceu lá na porta do Zilda, tipo, normalmente a gente fica sabendo até por aí, assim, na porta, né? Enfim, ao redor, ficava sabendo, eu particularmente, não gosto nem de ver, né, [Risos], mas a gente sabe que roda aí os vídeos, né? Instagram e WhatsApp.

Entrevistador: E os estudantes fazem esse compartilhamento nas suas redes pessoais?

Entrevistada: Não, não comigo, mas entre professores mesmo, tipo, no grupo do WhatsApp dos professores, alguém mandava, quando assim, olha isso, né? Comigo, eu não faço, não, assim, não tenho muito acesso.

Entrevistador: Eu esqueci de perguntar lá no começo, uma pergunta que eu esqueci, antes da gente começar a entrevista, você tem redes sociais, você participa desse mundo, interage com esse mundo.

Entrevistada: Eu tenho Instagram só, não uso outras plataformas não. E uso pouco, mas deveria usar mais, assim, [Risos] pensando assim no meu trabalho também artístico e tal, eu tô tentando retomar um pouco, assim, não uso muito não.

Entrevistador: Você acredita que o panorama pelo qual o país passa, pode ser político, social, econômico, incita a mais ou menos manifestações de violência na escola?

Entrevistada: Com certeza. Quando a gente tem um governo que fica dizendo que o professor não pode fazer ideologia, que o professor não pode isso, não pode aquilo, fica acusando, apontando o professor, o aluno escuta aquilo e ele também vai... É quando você tem pessoas que falam que escola não ensina, que universidades é só balbúrdia, a gente tem com certeza isso um reflexo aí na

nossa sociedade, não tem como, e quando você tem investimento na educação também, você tem um governo que investe na educação, isso faz diferença, você vai, vai chegar livro ou não chegou livro? Chegou livro pra todo mundo ou chegou livro só pra alguns? Chegou carteira nova ou não chegou carteira, então é isso, chegou o dinheiro para comprar as coisas, chegou merenda com dignidade, ou chegou merenda faltando, chegou a arroz com larva [Risos]. Tudo isso faz a diferença na violência escolar, isso no contexto bem político, eu abordei.

Entrevistador: Deixa eu voltar também, estava lembrando agora, voltar um pouco na questão anterior. Você falou sobre oficinas, esclarece um pouquinho pra a gente do que se trata, oficinas?

Entrevistada: É, a gente implementou um projeto lá no Zilda, que são dos professores oferecerem oficinas diversas, assim, pra os estudantes, então, num último horário de aula, agora tá só nas sextas-feiras, assim, e aí a gente reduz um pouquinho o horário das aulas e aí eles têm uma hora ali, cinquenta minutos de interação entre eles, assim, porque não fica por turma, aí fica uma coisa entre a classe e cada professor oferecendo o que gosta, por exemplo, ah, você gosta de jiu-jítsu, você vai dar uma oficina de jiu-jítsu, eu gosto de teatro, vou dar uma oficina de teatro, né, que é uma coisa que às vezes na aula, no dia a dia, não nos permite. Então, as oficinas são, ah, tem professora que está dando oficina de maquiagem, vou ler oficina de literatura, então é esse momento de sair dessa coisa de conteúdo, de ter que avaliar, de aprender uma coisa de prova e ir pra algo mais prazeroso e de ser também um momento de socialização, porque é isso, a gente quando é jovem, a gente quer socializar. E aonde que os meninos socializam no Itapoã? Agora eu acho que a gente tem a Praça dos Direitos assim, que eu tenho visto bem cheio lá, mas não tem assim um lugar igual, sei lá, se vai para o Taguatinga você tem shopping, né, você tem graças, no Itapoã não tem muito isso.

Entrevistador: Você acredita que essas doutrinas, tiveram um reflexo na comportamental, e também de uma forma direta ou indireta, no cenário ou das violências que acontecem na escola?

Entrevistada: Eu acredito muito, eu sei que é assim, é uma coisa que às vezes trabalha mais com o professor e tal, mas eu vejo que fez muita diferença assim, pra o contexto assim, de escolar, de violência mesmo.

Entrevistador: Em sua opinião, o que pode ser feito pela escola para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistada: Eu acho que as oficinas foi uma das coisas que a gente implementou, que foi um projeto de ajudar a diminuir a violência, acolhimento, acolhimento de todos, não só dos estudantes, né, mas acolhimento no sentido assim, de entender o outro, eu acho que é importante, de ter o compromisso, não é assim com a escola, o ambiente físico também acho que isso ajuda muito assim, de você tentar pelo menos, eu sei que é muito desafiador assim, manter as coisas em ordem numa escola, assim, sei lá, a gente quando estava na gestão, comprou bancos, mesinhas de xadrez pra pôr na quadra, novinhos

e tal, em um ano estava quebrada, talvez menos de um ano, assim. E eu assim, eu acredito muito nessa coisa do ambiente, se o ambiente está bonito também, se o ambiente está acolhedor, ele é um ambiente físico, ele ajuda também nessa diminuição da violência. Eu acho que são várias coisas mesmo, mas, enfim, é isso, por mais que eu acredite nisso, não dava pra ficar comprando, quebrou, comprou outro novo, né? Tem toda uma lógica dentro da escola, que sempre... Mas, eu sinto assim, de alguma maneira, que a escola, estando mais bonita, mais arrumada, tá sendo mais conservada também, assim, isso eu sinto que impacta mais, menos na violência, assim.

Entrevistador: O que, em sua opinião, pode ser feita em sua prática pedagógica, para que ocorra menos casos de violência na escola?

Entrevistada: Conscientização. Conversa, trabalhar os valores, não deixar passar batido as violências, né? Eu sinto que é uma coisa que cansa muito assim, o professor, mas a gente tem que fazer, é o tempo todo, assim, tipo aconteceu uma cena de uma briguinha, de um, você ver um aluno chamando outro de... qualquer xingamento que que seja, você conseguir parar, conscientizar, falar, explicar, trazer exemplos, fazer o letramento aí de tudo, eu acho que na minha prática pedagógica, trabalhar a literatura de mulheres negras, porque eu sou das artes, né? Então, assim, agora mesmo eu tô estudando o livro “Só por hoje, vou deixar meu cabelo em paz” da Cristiana Sobral, pra levar para os estudantes, as poesias e começar a partir daí fazer as reflexões sobre por que que a gente não pode estar em paz com quem a gente é, né? Com autoestima, enfim, tem muitas coisas, né? Pra ser trabalhado na nossa prática, mas...

Entrevistador: Mas...?

Entrevistada: Mas é desafiador e a gente tem que continuar tentando, né? Eu falo água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, a gente fala, não adianta nada, esses meninos continuam fazendo as mesmas coisas, mas estão aprendendo, a gente está aprendendo até hoje.

Entrevistador: Participante, há alguma informação adicional que você gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista?

Entrevistada: Não, acho que foi bem estruturada as perguntas [Risos].

Entrevistador: Participante, ficou alguma dúvida com relação ao projeto, com relação a entrevista, ao termo de consentimento, alguma coisa do tipo, alguma dúvida?

Entrevistada: Não, tudo certo.

Entrevistador: Ok. Então, eu agradeço novamente a tua participação, bom dia e muito obrigada.

Entrevistada: Que dê tudo certo [Risos].

APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 4

Tempo de gravação: 00:15:06

Entrevistador: Vamos lá. Participante, bom dia, muito obrigado por você conceder essa entrevista para o nosso trabalho.

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Participante, o que você entende por violência escolar?

Entrevistado: Violência escolar. Eu acredito que a violência ela vem do macro pro micro, né? E aí essa violência tá na esteira da desigualdade social, beleza, e aí estando nessa esteira social, [Interrupção] pode continuar? Beleza, estando nessa esteira social, então, assim, ela acaba refletindo no micro, que é aqui na escola, na [Inaudível] então o que que eu entendo dessa violência escolar, é a violência que vem de casa e acaba refletindo dentro da sala de aula, é assim que eu vejo essa violência, então é algo que vem lá de fora, internaliza aqui na escola.

Entrevistador: Quais tipos de violência em sua variação ocorre na escola?

Entrevistado: Vamos lá, violência física, violência psicológica, violência... deixa eu pensar aqui, violência sexual, violência afetiva, então, é uma gama de violência que acontece aqui, é isso.

Entrevistador: É, rebuscando, assim, nas suas memórias em sala de aula, você tem algum exemplo, um caso que venha na sua cabeça a priori?

Entrevistado: Eu fui já ameaçado, nessa escola mesmo, por um estudante. A gente fez um jogo de futebol, e aí a gente fez porque não tinha mais horário, ia acabar, era um negócio que a gente fez sem planejamento também, mas aí a gente jogando lá, e eu estava apitando esse jogo, e aí o menino não concordou com o meu juízo que eu fiz sobre ele, né, dei um amarelo para ele, e aí ele veio para cima de mim, e aí me ameaçou, falando que ia me matar, e aí levaram ele para fora da escola, e aí ele começou a jogar pedra lá na quadra, e aí ele falou realmente que ia me matar, aí ele passou dois dias ele falou assim, pediu desculpa pra mim e disse que não ia fazer nada, só que esse estudante já era envolvido com conflitos de violência fora da escola também, inclusive o apelido dele era dentinho, porque a polícia militar quebrou o dente dele.

Entrevistador: Caramba! Quem são as vítimas dos atos violentos relacionados à escola?

Entrevistado: As vítimas são todos, toda a comunidade escolar sofre essa violência. Então é professor, gestão, estudante, pais, tá todo mundo conectado com essa violência que ocorre no nosso país, né? Então, assim, todos, servidores, todo mundo, todo mundo que faz parte da comunidade escolar tá dentro dessa violência.

Entrevistador: E quem são os sujeitos praticantes de atos de violência na escola?

Entrevistado: Os sujeitos, geralmente assim, se você for analisar na parte professor ou aluno, geralmente, geralmente, é mais o aluno com o professor, mas também ocorre uma violência às vezes do professor com o estudante, porque toda a população brasileira ela é, ela tem intrínseco nela essa violência, né, que igual eu falei, vindo no macro, pro micro, né, então geralmente acontece isso e também tem a violência de as vezes da gestão com o professor também, pode ocorrer também.

Entrevistador: Você falou que a população brasileira tem isso intrínseco, essa questão da violência. De onde você acha que vem essa...

Entrevistado: Eu vejo que a violência para mim vai um dia acabar ou diminuir a partir do momento que a gente acaba com a desigualdade social. É a desigualdade social que gera isso, porque uma criança dessa que nasce no Brasil, ela não nasce com essa violência, então assim, os pais já sofreram essa violência lá atrás e vão trazer isso também para a criação dessa criança, e aí uma família que não tem um bom saneamento básico, uma boa moradia, não tem um transporte digno, não tem uma escola boa, não tem uma saúde boa, então assim, não tem um salário bom, então isso acaba contribuindo para a violência, né? E aí ele acaba criando com essa raiva internalizada, criando essa criança também a partir da violência também, e aí vai influenciar a criação, essa criança vai nascer violenta também, que vai refletir aqui, a nossa escola, que vai refletir na sociedade.

Entrevistador: Uma coisa vai desencadeando a outra. Em seu tempo de prática pedagógica, acredita que existe algum período em que houve mais manifestações de violência na escola?

Entrevistador: Eu acho que a todo ano, a cada ano que passa, vai só aumentando essa violência na escola, então, assim, eu comecei o meu magistério em dois mil e dezessete, então eu vejo que a cada ano que está passando a gente está ficando mais violento, a gente está conseguindo resolver os problemas com diálogo, então tudo é muito mais violento, é tudo mais amplificado, é assim que eu vejo.

Entrevistador: Você falou a partir de dois mil e dezessete, assim, as suas recordações de quando você frequentava a escola, seja fundamental, médio ou até mesmo a graduação, você acha que era menor esse movimento?

Entrevistado: Eu acho que era menor. Hoje em dia o estudante tem, não sei, ele tem mais disposição de entrar com uma faca, de querer ferir alguém dentro da escola. Na minha época existia a violência, mas não nessa proporção, hoje é muito maior.

Entrevistador: Você acredita que a internet tem algum um impacto nas manifestações de violência na escola?

Entrevistado: Com certeza. A internet ela é uma força motriz para isso, de verdade, porque, assim, geralmente a pessoa vai entrar na rede social e acaba vendo aqueles vídeos e aí as pessoas acabam influenciando as pessoas a praticar essa violência, né, é isso que está acontecendo hoje em dia.

Entrevistador: Você presenciou algo desse tipo?

Entrevistado: Ah, sim, muitos influenciadores, pode citar nomes aqui, pode falar?

Entrevistador: Pode.

Entrevistado: Você pega um... Ele falou e citou a violência, falando que ia metralhar a petralhada, isso não é uma postura de alguém que é candidato a presidente, então isso aí acaba influenciando todos os segmentos da sociedade.

Entrevistador: Você acredita que o panorama pelo qual o país passa pode ser político, social, econômico, incita a mais ou menos manifestações de violência na escola?

Entrevistado: A parte social, econômica e a outra é...

Entrevistador: Político.

Entrevistado: Político está tudo imbricado, então realmente é um... cada... como a gente fala, gente, é... cada característica dessa que você falou pra mim aí tá conectada, então, ó, quando o aluno, quando esse estudante nasce e ele não tem acesso às coisas melhores, quando os pais deles não têm acesso a emprego melhor, aí você vai citando social, econômico, político, porque hoje em dia o neoliberalismo está aí, as pessoas compram esse discurso do neoliberal pensando que isso vai modificar a vida dele, mas não vai, não vai existir essa modificação, isso é só um discurso da hegemonia, da mídia hegemônica para perpetuar a pobreza, permanecer a pobreza, continuar com esse quadro de violência que vai afligindo todos nós.

Entrevistador: Em sua opinião, o que pode ser feito pela escola para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistado: Pela escola, cara, eu acho que a escola é uma instituição que, assim, ela pode fazer algo, mas ela não consegue fazer muito ainda não, isso é algo que é muito maior que a escola, é mobilização mesmo da sociedade, igual eu falei, novamente, eu retomo sempre isso porque é a partir do momento que você diminuir a desigualdade social, que a gente vai começar a melhorar essa questão da violência em todos os segmentos da sociedade, então, assim, a escola, ela pode desempenhar algum papel? Pode. Ela pode tentar diminuir essa violência dentro da escola? Pode. Mas ela precisa de outras ações, ela precisa de outros movimentos, ela precisa de investimento, ela precisa de

infraestrutura pra começar a implementar essas ações pra diminuir a violência da escola, ela sozinha não consegue.

Entrevistador: E nessa sua vivência de prática pedagógica, como você acha que está essa questão do investimento na educação, da estrutura da educação?

Entrevistado: Pois é, você vê que existe sempre as pessoas elas sempre querem diminuir esse investimento em educação, o tempo inteiro a gente é relegado mesmo, eles não querem investir, se você analisar o investimento de educação, pega um dado aí, dois mil e dez até hoje, você pode notar que eles vão diminuindo esse investimento em educação e isso é programado para mim, é programado mesmo para a educação dar errado, entendeu? É assim que eu vejo, dessa forma que eu vejo essa situação.

Entrevistador: Você liga com o que você falou lá em cima, questão do neoliberalismo, né?

Entrevistado: É sim, o neoliberalismo é o nosso câncer, né? Então, assim, aí eles vêm com esse discurso fácil, esse discurso mole, que a população compra, a população compra esse discurso, ela pensa que ela vai vencer pelo esforço dela, e não é isso, não é esforço, porque, por exemplo, você pega meu avô, meu avô ele se esforçou demais, trabalhou demais, morreu pobre, ele não tinha nem uma casa, então, assim, criou dez filhos, morreu pobre e ele se esforçou demais, e não adianta se esforçar, a distribuição de renda ela tem que chegar para todo mundo, é a partir desse momento que a gente vai conseguir superar a questão da violência nesse país.

Entrevistador: Diminuindo agora, a gente falou de escola, agora vamos na sua próxima pergunta diminuir. O que, em sua opinião pode ser feito em sua prática pedagógica para que ocorram menos casos de violência na escola?

Entrevistado: Eu acho que, assim, a gente precisa de formação para aprender a combater os tipos de violência na escola. Então a informação modifica o ambiente escolar, então, assim, a gente tem essa informação, a gente tem um curso que pode ser ministrado pela [Inaudível] ou por alguém que venha de fora, né, pra mostrar pra gente como seria possível combater essa violência. Então, assim, e teria que ser um grupo integrado, poderia ter polícia militar, poderia ter outros segmentos da sociedade, uma [Inaudível] todo mundo junto, CAPES também, né, fazer algo multidisciplinar, né, para a gente tentar melhorar essa questão.

Entrevistador: Participante, uma pergunta que não está aqui no nosso roteiro, mas sendo você professor de geografia, acho importante a gente tocar nesse tema, essa questão que a gente tem passado nos últimos anos, de se diminuir o tempo de práticas, de tanto ensino, de geografia, de história, filosofia, sociologia, as áreas de humanidade de uma forma geral, como é que você vê isso na escola?

Entrevistado: Eu vejo da seguinte forma, toda matéria que é reflexiva e que tem criticidade, eles sempre querem diminuir, isso faz parte do plano neoliberal esse

é um plano mesmo, eles não querem um cidadão crítico, um cidadão reclamante, um cidadão atuante, eles querem realmente um cidadão cordeirinho, um cidadão que não reclame, um cidadão que não tenha disposição e conhecimento pra reclamar os direitos dele, porque existe um direito, a população ela não consegue entender e não consegue entender realmente qual é o direito dela, então, assim, essas disciplinas, elas são fundamentais pra isso, pra gerar esse cidadão crítico, pra gerar esse cidadão atuante na sociedade, e aí, a grande mídia, a grande burguesia, ela não tem interesse algum em que a população saiba dos seus direitos através desse conhecimento, desse acesso que a gente poderia, poderá modificar toda a sociedade, e aí a disciplina da gente ficou relegada mesmo, é proposital mesmo, eles querem retirar a nossa disciplina porque não é interessante mesmo eles saberem de nada, é isso.

Entrevistador: Participante, tem alguma informação adicional, você gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista?

Entrevistado: Eu acho que foi tudo muito bem contemplado, gostei das perguntas, perguntas objetivas e realmente não tenho nada a acrescentar.

Entrevistador: Para finalizar, ficou alguma dúvida em relação ao projeto, à temática ou à entrevista?

Entrevistado: Não, não ficou dúvida alguma, todos [Inaudível], está tudo certo.

Entrevistador: Excelente, então, participante, muito obrigado pela sua colaboração e bom dia.

Entrevistado: Bom dia, obrigado.